

REVISTA

DA SEMANA

N. 37 14-9-57 Cr\$ 10,00 em todo 2

O DESFILE DE SETE DE SETEMBRO

**TÔNIA CARRERO: PADRÃO
DE BELEZA E TALENTO**

**Ray Anthony e Mammie Van Doren
ensinam como dançar o calypso.**

PELAS CARTAS SE CONHECE O GIGANTE!

Esta é uma verdade documentada :



- MAIS DE 1.000 MUNICÍPIOS - representando 10 MILHÕES de ouvintes, deram esta resposta :

“Ouvimos a **RÁDIO RECORD** perfeitamente.
É a Emissora mais ouvida nesta localidade.”

- 10 MILHÕES de pessoas, em todo o Brasil, aguardam a mensagem de propaganda de seu produto, que pode conquistar novos mercados, novos fregueses, clientes novos, ligados que estão à

RÁDIO RECORD - Emissora de cobertura nacional
50.000 Watts - Ondas curtas de 19, 25, 31 e 49 mts.



RÁDIO RECORD
PRB
9
*a Maior

* AS cartas recebidas estão à disposição dos interessados nos escritórios da **RÁDIO RECORD** — Quintino Bocaiuva, 22 — SÃO PAULO.

AS FÔRÇAS ARMADAS

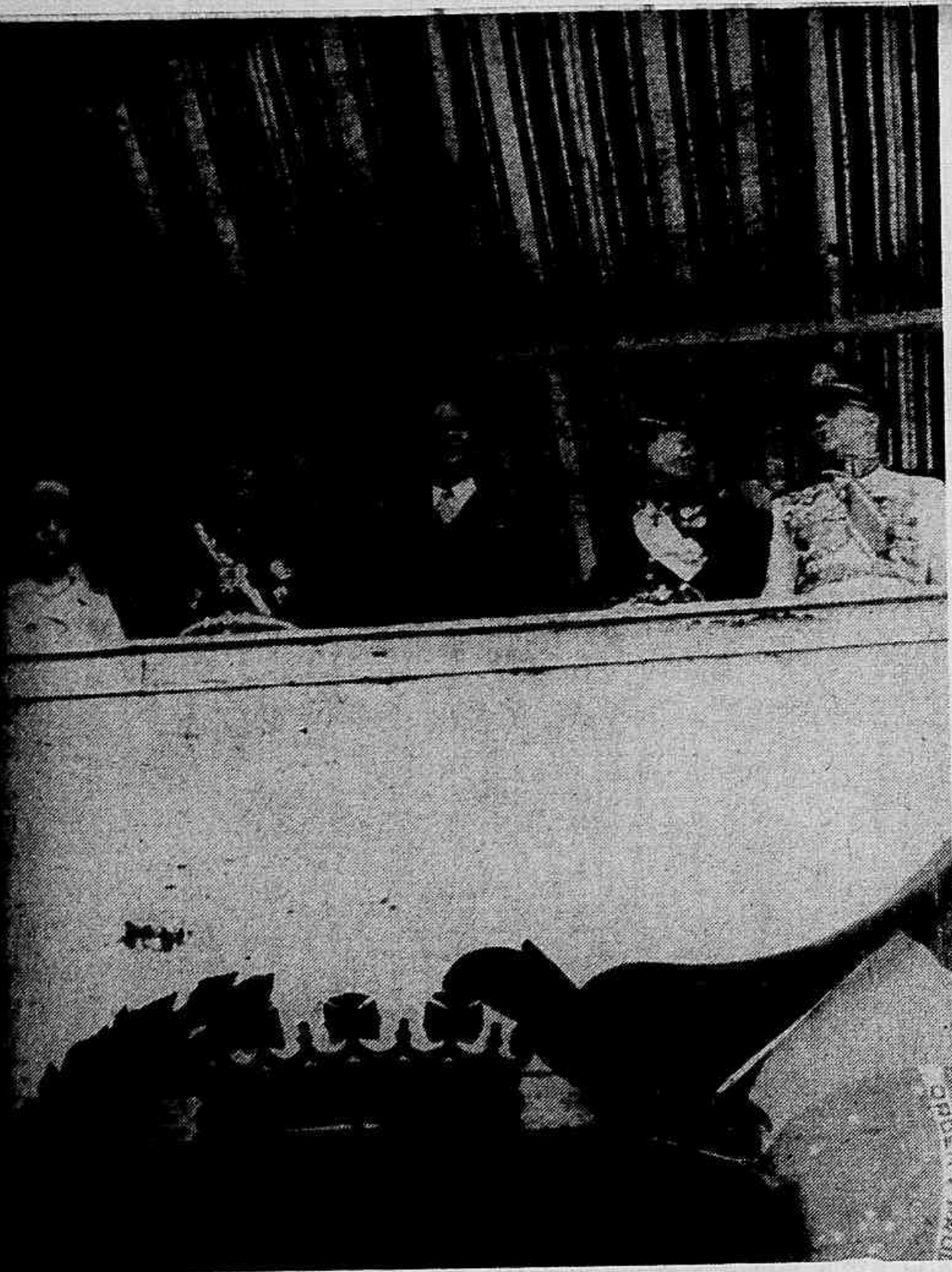
DO BRASIL

HOMENAGEIAM O

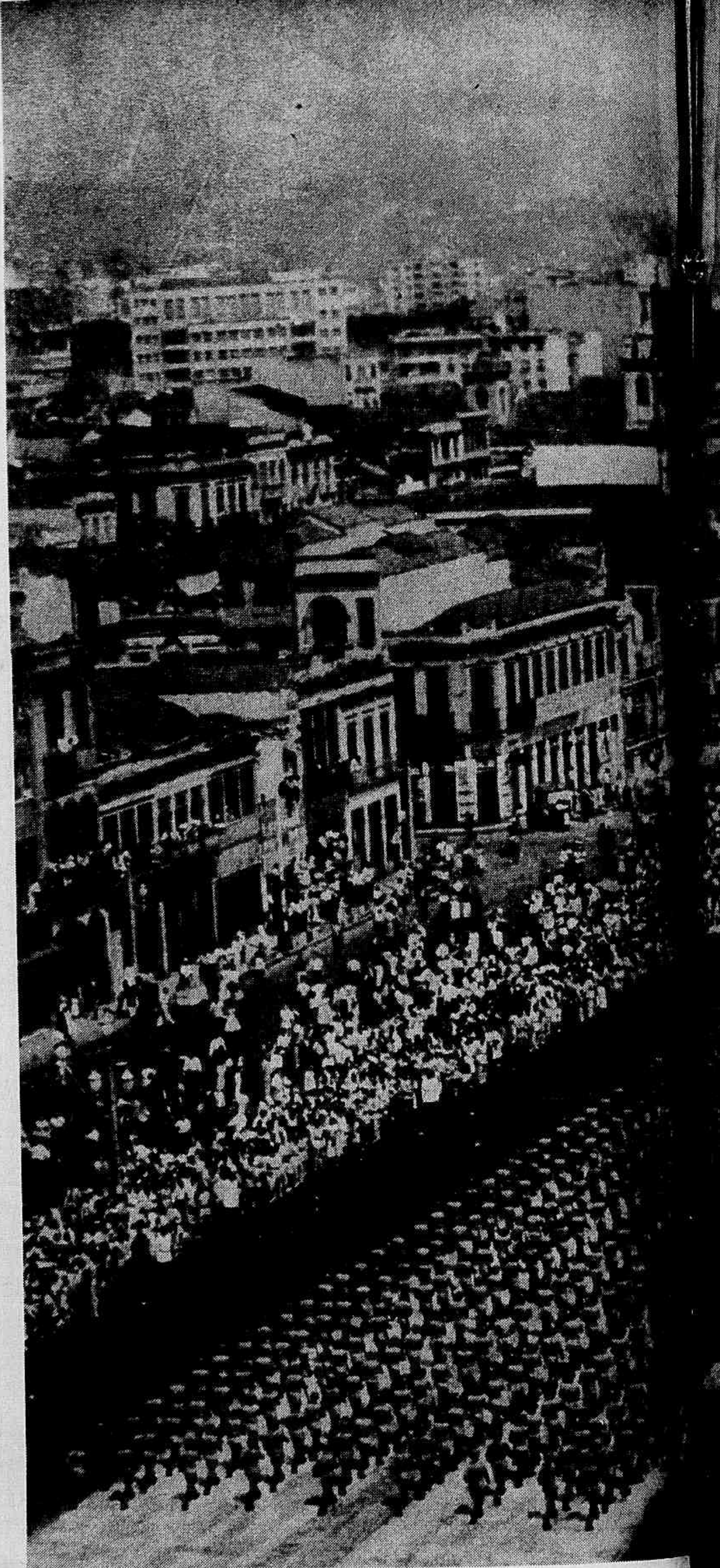


Ao lado das representações da Marinha, Exército e Aeronáutica e dos grupos de artilharia, desfilaram os integrantes do Batalhão Suez.

7 DE SETEMBRO,

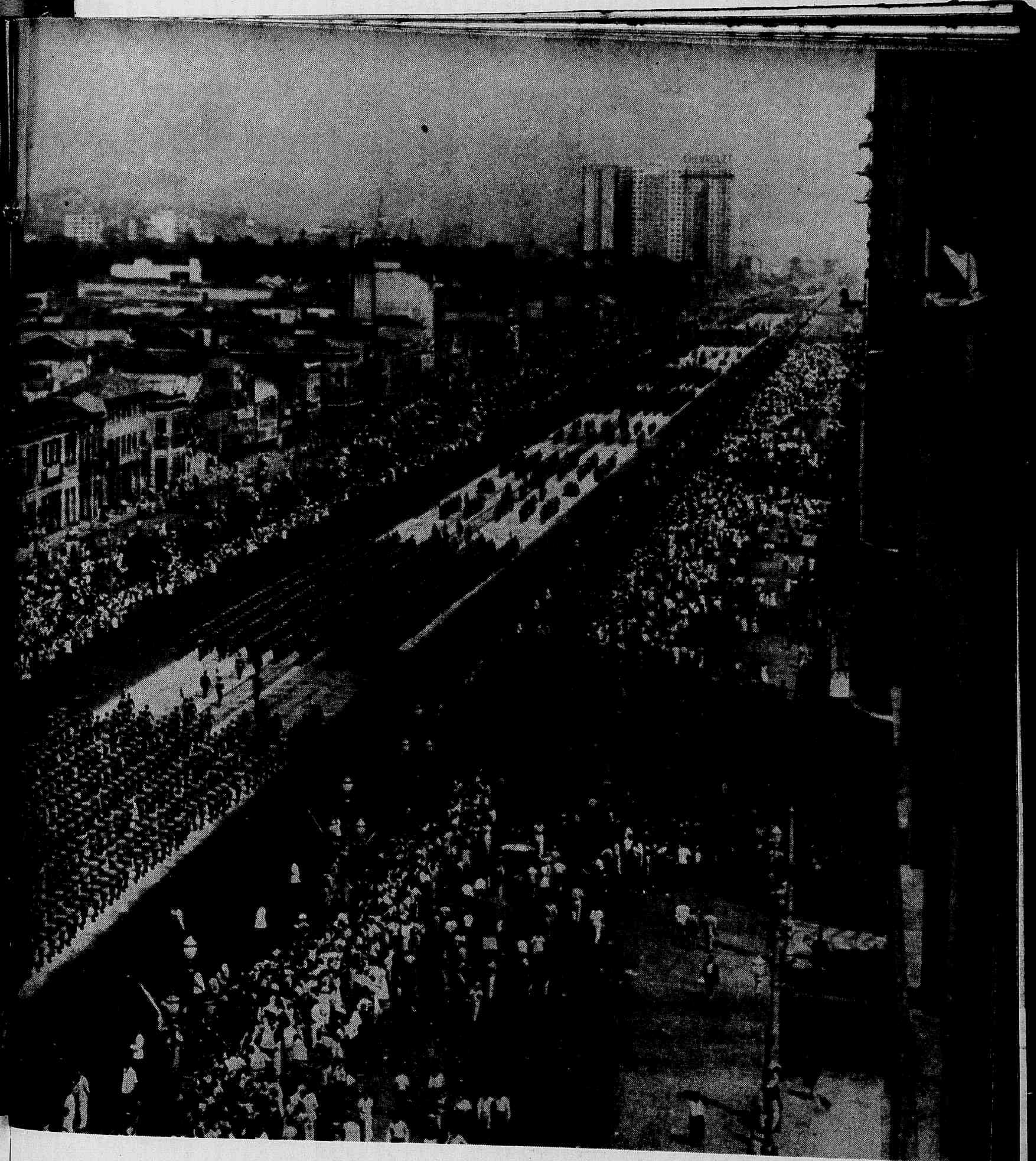


A Parada na Avenida Presidente Vargas: flagrante do desfile de formações do Exército, o palanque oficial (onde estão os presidentes Kubitschek, do Brasil, e Stroessner, do Paraguai) e o General Odílio Dennis abrindo o belo e tradicional desfile.



TRINTA mil homens desfilaram em homenagem ao Sete de Setembro, prestando continência aos Presidentes Kubitschek, do Brasil, e Stroessner, do Paraguai: contingentes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, formações do Corpo de Bombeiros, Polícia Militar. Foram mais aplaudidos os integrantes do Batalhão Suez que, ao lado de alguns gaúchos a cavalo, deram a nota diferente da parada, com seus uniformes de frio e suas boinas azuis (da ONU).

As 9 horas o sr. Juscelino Kubitschek, de casaca e cartola



na mão, deu início à revista da tropa, formada desde o Flamengo. Às 9,40, já no palanque oficial, ao lado do Presidente do Paraguai, transmitia ao General Odílio Dennis (comandante-geral) a ordem de iniciar o desfile. Seguindo-se à revoadade cinco mil pombos (em frente ao Ministério da Guerra) abriu a parada a Banda de Música do I Exército. Depois vieram pracinhas da FEB, cadetes das Agulhas Negras, contingentes da Marinha, do Exército, infantaria da FAB. A Banda dos Fuzileiros Navais, com suas gaitas de fole,

os canhões de fabricação nacional, as boinas azuis dos que voltaram de Suez, as roupas de amianto dos bombeiros, o uniforme diferente dos marinheiros paraguaios, que desfilaram em homenagem à festa de nossa independência. Encerrou o desfile, pelas 13 horas e 30 minutos, o grupo de gaúchos em trajes típicos, que se apresentavam ao povo nos dizeres de uma faixa. Os jatos da FAB fizeram acrobacias sobre a parada e uma senhora não pôde deixar de dizer ao Brigadeiro Correia de Melo, Ministro da Aeronáutica: — Ai, seu tempo, ein, Brigadeiro! - (Fotos VASCONCELOS e VIEIRA).
(Continua na pág. 60)



Carros blindados, metralhadoras pesadas e outras armas desfilaram: poderio motorizado do nosso Exército na Avenida.

7 DE SETEMBRO

Marinheiros do Paraguai: aplaudidos pelo povo, tomaram parte na parada ao lado de contingentes de nossa Marinha.

Diretor Gratuliano Brito
 Redator-Chefe Reinaldo Jardim
 Chefe de Publicidade J. M. Costa Júnior
 Paginação Victor Tapajós
 Desenhos Alberto Lima
 Fotografia Arnaldo Vieira e Alberto Ferreira
 Laboratório V. M. Vasconcelos
 Redatores e Corretores:
 S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Ana

Colaboradores:
 Eneida, José Roberto Teixeira Leite, Helio Polito, Jeff Thomas, Haroldo Damasio, L. Junqueira, Nelson Gomes Leite.

Propriedade da Companhia Editora Americana —
 Rua Visconde de Maranguape, 15. — Rio — Tels:
 Redação, 22-4447; Publicidade, 22-9570; Portaria,
 22-5602; Gerência, 22-8647; Contab., 22-2550.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano Cr\$ 500,00
 Seis meses Cr\$ 250,00
 Registrada — Um ano Cr\$ 750,00
 Seis meses Cr\$ 375,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano Cr\$ 900,00
 Seis meses Cr\$ 500,00

O número avulso custa Cr\$ 10,00 em todo
 o Brasil, atrasado, Cr\$ 11,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao
 Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA
 DA SEMANA está organizado. Só publicaremos
 colaboração solicitada pela redação. Não devol-
 vemos originais, mesmo quando não publicados.
 Os trabalhos assinados são de responsabilidade
 dos autores.

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spa-
 nos, C. Postal 434, Lourenço Marques.
 Em Portugal: Helena A. Lima, avenida
 Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito,
 Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia.,
 Constituyente, 1746, Montevideu. Na
 Argentina: Interprensa, Florida 299, te-
 lefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.
 Tem agentes em todas as localidades
 do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO
 A. Zambardino — Rua Capitão Salo-
 mão, 69 — Fone: 34-1569

AUTO AGRESSÃO

◆ Quando li o título da notícia num jornal, pensei comigo mesma: sempre achei estranho que os homens cometessem contra si próprios uma série de ataques, alguns mesmo violentos: e joguei-me, curiosa, no telegrama de Copenhague. O que diriam os cientistas sobre auto agressão?

Mas apenas o título coincidia com o meu raciocínio; o jornal contava a realização de um congresso europeu de hematologia no qual dois cientistas poloneses haviam brilhado com notáveis «trabalhos que abrem caminho, com conhecimento melhor e, talvez levando a um tratamento de auto-agressão». Falava na «traição de certos processos de defesa», mas nada tinha a ver com a minha opinião sobre o problema. Sim, porque para mim, auto-agressão é, por exemplo, sem mais nem menos, uma pessoa morder a língua. Por que? Estava dizendo coisas banais, não pronunciou nenhuma palavra difícil, falava do tempo, da casa, do amor, não havia prolegômenos, não disse abracadabrante, palavras que podem levar qualquer um a morder a língua, tão difíceis são. Por que então mordeu-a sem mais nem menos?

◆ Auto-agressão é ir um qualquer andando pela rua e subitamente, sem mais aquela, tropeçar; tropeçar em si mesmo quando não há pedras, nem saliências no caminho, nada. Apenas um passo errado. Não é uma auto-agressão? Que forças ocultas regem esses desastres íntimos provocados por nós mesmos? Há muito mais: dedos que ficam fechados em portas, golpes d'água tomados errados, queimaduras de cigarros não somente no corpo mas também nas roupas, um mundo de pequeninos fatos que contra nós próprios cometemos a todo momento.

Isso sem falar nas auto-agressões morais, tolices que cometemos numa inconsciência indigna de seres raciocinantes. Talvez, examinando bem, o amor seja uma auto-agressão. Amamos para ser felizes, mas como o amor tem sua base no egoísmo e outros bichos, quando vemos estamos sofrendo, torturando-nos, tendo ciúmes, agredindo a nós próprios com dores que bem poderíamos evitar.

★ Creio que poderia escrever uma longa tese sobre o problema das auto-agressões. Naturalmente seria diferente da dos poloneses que afinal estão empenhados em cuidar de doentes, em procurar no sangue ações e reações, como hematólogos que são. Mas — digam — não seria interessante estudarmos as razões dos pequeninos e grandes sofrimentos que causamos a nós próprios? As costureiras têm os dedos sempre furados pelas agulhas; as datilógrafas não podem ter unhas longas, há mulheres que tropeçam em saltos altos e homens que se ferem com os colarinhos. Há todos os tipos de auto-atacantes e por isso mesmo sofreadores.

Ora, se não compreendemos e não admitimos que um homem faça mal a outro homem como podemos admitir e compreender que façamos mal a nós mesmos? É uma tese, ou melhor, um problema que deixo aqui para que outros resolvam. Será que tudo o que nos acontece feito por nós mesmos de ruim é brincadeira ou castigo de nosso anjo da guarda? Se for assim, o meu é terrível: vivo queimando tudo com cigarros. Que anjo da guarda tenho eu? Desculpem se um telegrama de jornal despertou em mim estas descobertas. Não sofri por vós mesmos. Cuidado...

ENEIDA



ONDE SE APRENDE
A DANÇAR
COMO SE APRENDE
A FALAR
— «OH, SE EU
PUDESSE
ME TRANSFORMAR
EM PÁSSARO,
COMO VOARIA
CÉLERE», DIZ
A ADOLESCENTE
NO MOMENTO SUPREMO
DA INICIAÇÃO

A DANÇA NA ÁFRICA NEGRA

Texto de CARLOS A. NASCIMENTO

É comum dizer-se que a dança deve expressar a graça, a beleza e sobretudo a estética dentro das concepções de determinada idéia. A dança é, para nós, como todas as demais artes, um motivo de entretenimento. No velho continente negro, porém, ela tem uma finalidade bem diversa. Suas criações estão diretamente ligadas a determinada utilidade, um sentido bem mais objetivo cujo significado pode, para nós, surpreender à primeira vista. Mas, um estudo detalhado da formação etnográfica dos povos da África negra nos darão conta de que tais manifestações têm uma razão muito justa de ser.

Com o avanço da civilização, as artes africanas perderam em parte sua originalidade; pode-se dizer mesmo que a arte também lá se mercantilizou, pois seus artistas,

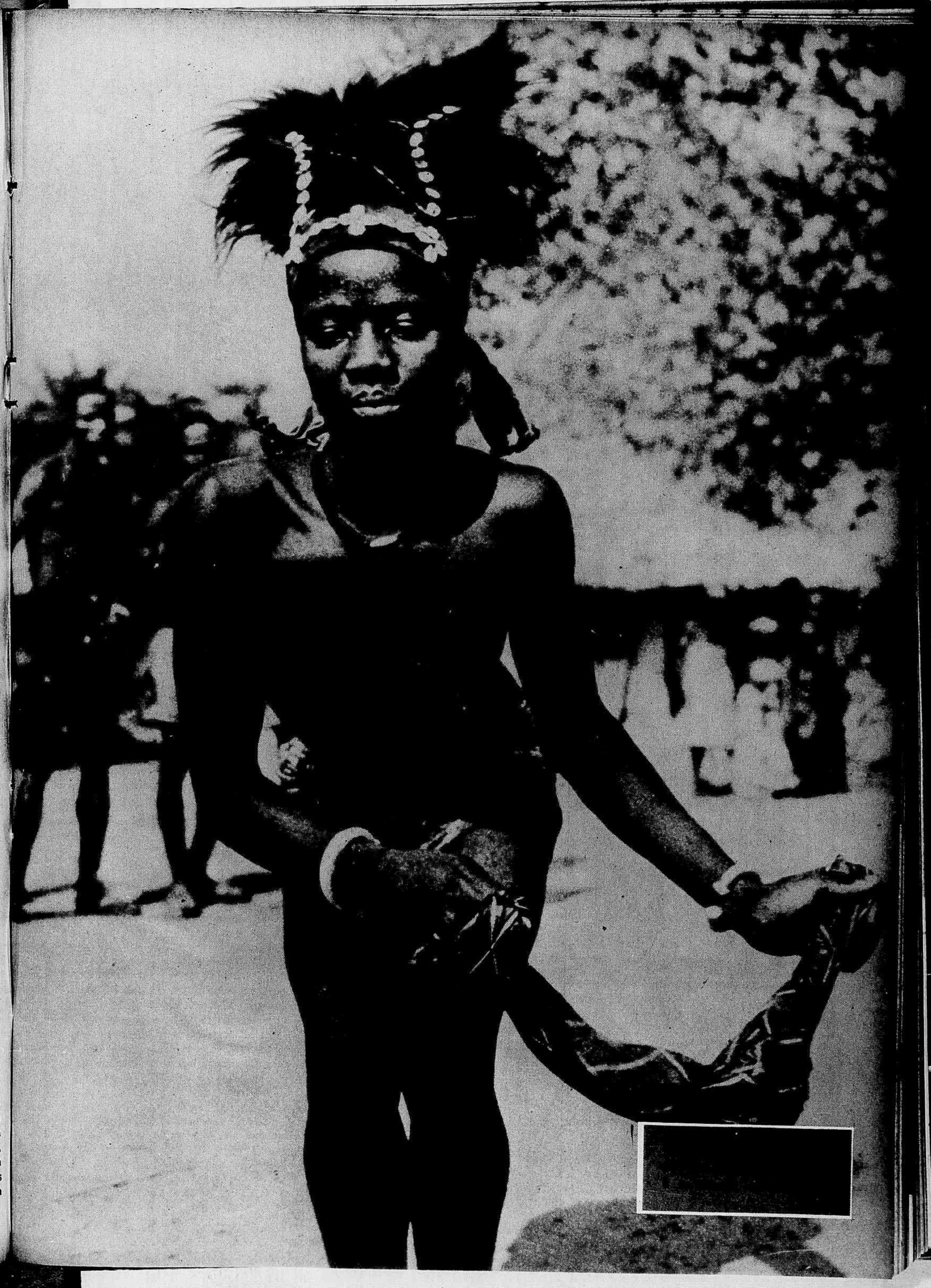
hoje em dia, criam obras segundo o gosto exótico dos estrangeiros que visitam seus países, tornando, portanto, suas criações não mais objetos de arte mas exposições de mercadorias de exportação (os adornos usados nos ritos). Entretanto, no interior do continente, o homem branco ainda não conseguiu causar danos: lá, bem no centro, a arte africana pouco ou nada foi maculada, manifestando, assim, todo seu esplendor selvagem. E é no interior desse continente que instalamos hoje a nossa máquina de escrever.

Δ A DANÇA NA VIDA

Nas sossegadas aldeias, com suas choupanas circulares, se aprende a dançar como se aprende a falar. Os habitantes daquelas regiões dançam para exprimir com os ritmados

movimentos do corpo uma linguagem que, por ser diferente da falada, não é menos inteligível. Assim, através dos cantos e danças, os nativos do continente revelam seus sentimentos e suas emoções, sendo que até os menores incidentes ocorridos em suas aldeias são expressados em forma de música, dança e canto. O batucar ritmado dos instrumentos de percussão informam, por exemplo, o nascimento de uma criança, a morte de um ancião ou a aproximação de um estrangeiro.

Não raro, com o cair da tarde, os tambores anunciam uma reunião que terá lugar numa clareira aberta no centro da aldeia. Toda a população acorre àquele local. Os monges, com suas ricas roupagens coloridas, trazem à cabeça grandes máscaras com longos chifres que, muitas vezes, pelas dimensões, indicam



"Ah! Se eu pudesse m



Dança para afastar os maus espíritos. A

a hierarquia de que os usa; outros, envoltos em pele de crocodilo, trazem no rosto máscaras com olhos amendoados, cujo significado não nos é dado conhecer, pois têm um enredo no qual é contada, às vezes, uma longa história. A elaboração das máscaras não traduz — como à primeira vista pode parecer — o gosto do artista que a cria e sim o que ela deve representar nas cerimônias religiosas. As cores, as formas e as dimensões revelam detalhes místicos ou etnográficos.

Δ SOCIEDADES SECRETAS

Existe na África negra um grande número de sociedades secretas que são consideradas essenciais à vida de seu povo. Os membros dessas sociedades são tidos como criaturas muito importantes. Eles se organizam, em certas regiões, em poderosas confrarias de

me transformar em pássaro, como voaria célere!"



bailarina de nove anos executa prodígios de

acrobacia, enquanto a outra, igualmente jovem, simula a morte, ao fim do ritual.

mágicos e feiticeiros, das quais nenhum deles pode fazer parte sem passar pelas cerimônias de iniciação.

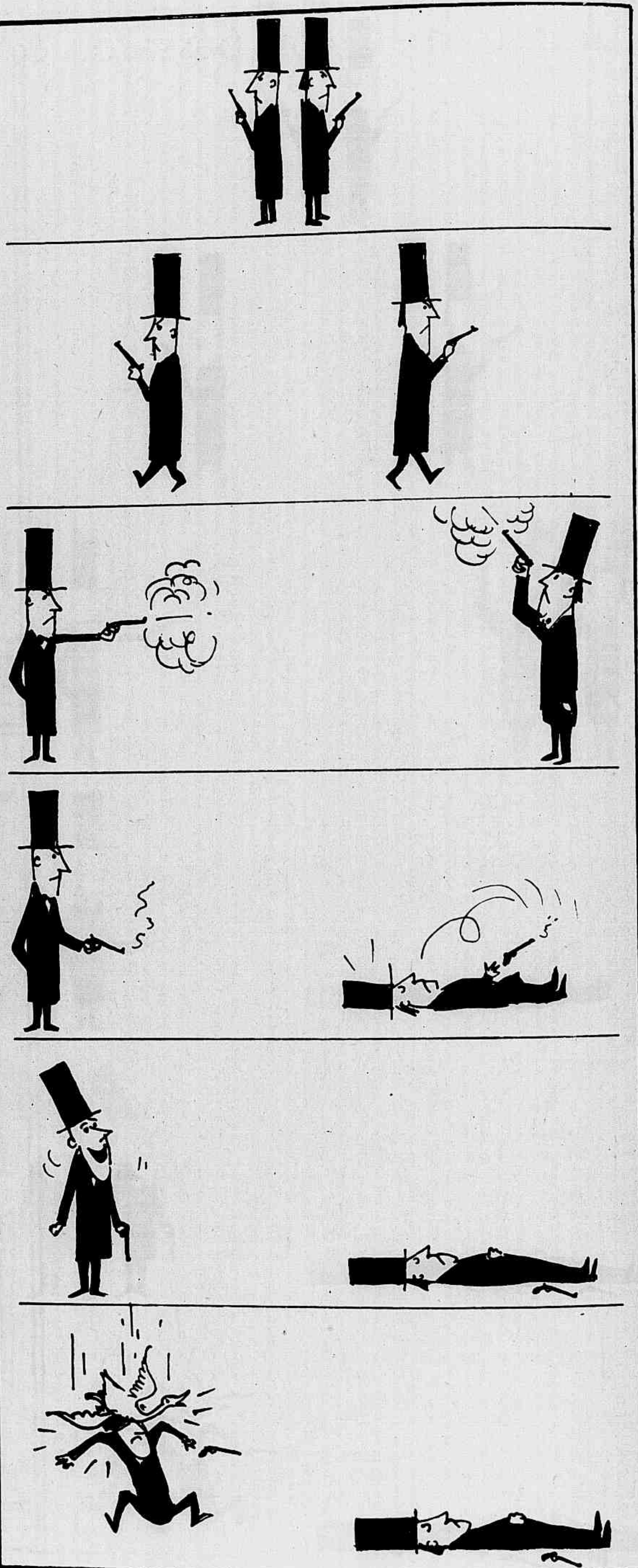
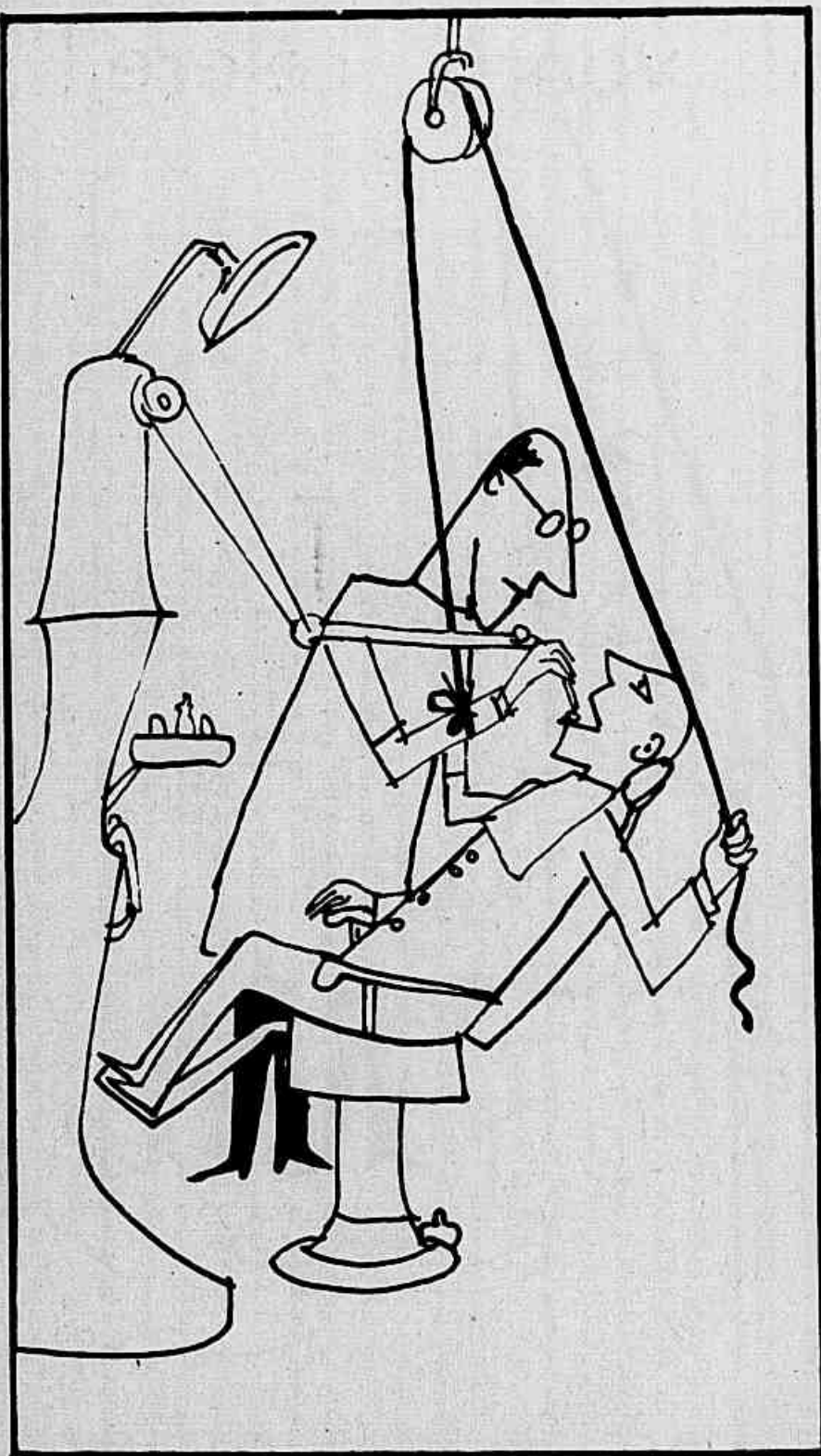
Ainda que as mulheres tenham uma participação muito direta na vida social e religiosa, a elas são vedadas certas regalias que, a rigor, não são observadas em todas as tribos. Quase sempre, as manifestações religiosas das confrarias são realizadas com números de dança, a céu aberto e com numeroso público que, de certo modo, participa do espetáculo. Geralmente as cerimônias têm início com a participação de um ou dois bailarinos e, com o decorrer do tempo, as danças adquirem ímpeto e outros artistas vêm fazer parte do grupo, que cresce às dezenas, às vezes às centenas e cujos passos — acompanhando o batucar dos tam-tans — cada vez mais rápidos, provocam uma nuvem de pó que os envolve até o fim, confundindo-se com a bruma da madrugada de um novo dia que se aproxima.

Δ AS MULHERES NO RITUAL

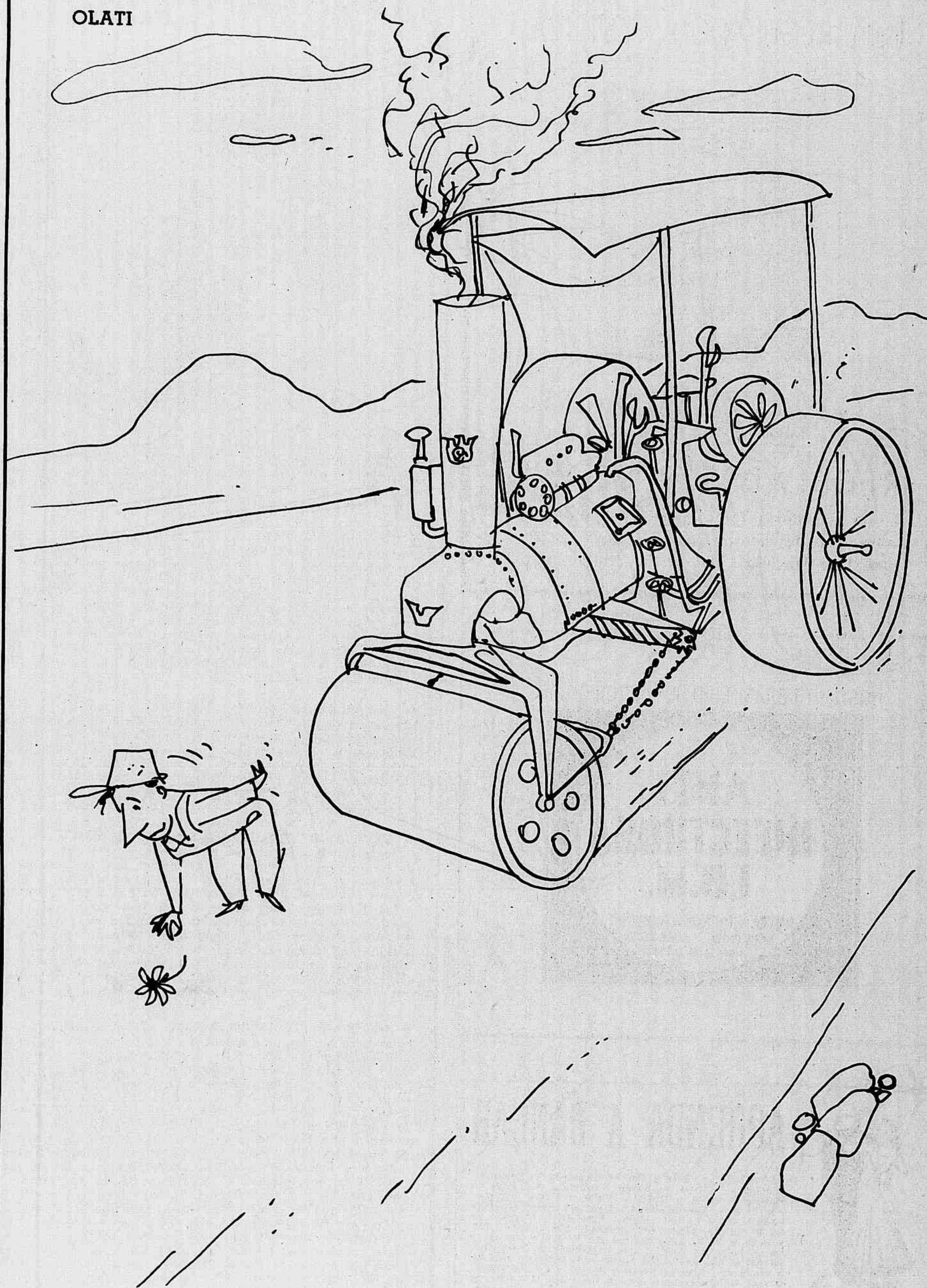
Em outras aldeias, porém, onde as mulheres participam de uma maneira mais direta na comunidade, essas tomam parte nas cerimônias como «sacerdotisas». A iniciação para a vida religiosa das mulheres tem início na adolescência, cujas cerimônias marcam a eclosão de grandes espetáculos coreográficos, onde terríveis sofrimentos lhes são reservados desde os primeiros minutos da solenidade; essas começam com a dança do véu, que indica a virgindade, logo depois perdida pela incisão realizada por um mágico, que executa o trabalho com um corte rápido e violento. Entretanto, antes do sacrifício, o feiticeiro da tribo lhes dá de beber um líquido «medicinal» que tem a propriedade de produzir coragem. A dança — que se prolonga por várias horas, onde participam uma ou mais jovens — tem por finalidade aliviar a dor e é realizada pouco antes da operação.

Nos seus cantos elas manifestam a apreensão do momento do supremo sacrifício que se aproxima, cuja letra — respeitando o dialeto local — seria mais ou menos essa: **«Ah! se eu pudesse me transformar em pássaro! Oh! como eu voaria célere!»** canta uma delas, mas a outra lhe responde: **«Se não vamos morrer, tenhamos coragem!»** No entanto, a vida religiosa não implica em voto de castidade; pelo contrário: elas se casam, têm filhos e vivem como qualquer outra mulher da tribo, acrescidos os direitos de participarem das cerimônias religiosas e outras regalias das quais as demais mulheres estão impedidas. Por outro lado existe o paradoxo de outro tipo de bailarinas que, dentro de uma coreografia arcaica, dançam com toda a graça e vaidade que caracterizam as bailarinas de todo o mundo: seus acessórios são geralmente um véu, um bracelete de contas e um colar de pérolas. Elas são acompa-

(Continua na página 22)



OLATI



Usando REGULADOR GESTEIRA



A Senhora também poderá **SORRIR**
todos os dias do mês!

REGULADOR GESTEIRA

é um remédio extraordinariamente eficaz no
tratamento das menstruações dolorosas e outros
distúrbios funcionais dos órgãos femininos.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA



APRENDA A DANÇAR

Chá-chá-chá — Dois e Um — Guaracha — Bolero —
Marcha — Rumba — Swing — Samba — Tango —
Mambo — Baião — Choro — Valsa — Fox — em ape-
nas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino For-
naciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já
em 8ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que
permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem pro-
fessor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Pos-
tal, 649 — São Paulo, Cr\$ 110,00. — Encontra-se também
à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo.
O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado
de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs.
à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 —
São Paulo.

SEM COMPROMISSO



◆ **PELA TERCEIRA VEZ** — Rex Harrison divorciado de Lili Palmer, casou em Nova Iorque com Kay Kendall. Esse é o terceiro casamento de Harrison que tem quarenta e nove anos de idade. Sua nova mulher tem apenas trinta e um.

◆ **IMPrensa CATÓLICA** — De 30 de setembro a 3 de outubro será celebrado, em Viena, o Quinto Congresso Internacional da Imprensa Católica, no qual tomarão parte mais de cem jornalistas de todas as partes do mundo. No âmbito do Congresso serão celebradas conferências, e entre os conferencistas se encontram, entre outros, o conhecido político francês Pierre Pflimlin, o deputado italiano Raimondo Manzini, Lord Francis Pakenham de Londres, o jornalista espanhol Francisco de Luís, de Madri e o Padre Emil Gabel de Paris. Presidentes honorários do Congresso serão o diretor do jornal do Vaticano «Osservatore Romano», Conde Dalla Torre e o redator-chefe austríaco dr. Friedrich Funder.

◆ **O CARDEAL WYSZYNSKI E A CURA DO CANCER** — O cardeal Wyszynski vem de oferecer ao Instituto Marie Curie-Sklodowska uma bomba de cobalto. Esta instituição científica polonesa, que dispõe de modernas instalações para o tratamento dos cancerosos, ficou assim enriquecida com a doação do cardeal. A bomba de cobalto em questão esteve exposta na recente Feira Internacional de Poznan e foi posta à disposição do cardeal pelos emigrados poloneses residentes no Canadá. Em 1958 a bomba de cobalto estará sendo utilizada.

◆ **FESTIVAL INTERNACIONAL DE JAZZ EM SOPOT** — Realizou-se recentemente em Sopot, cidade polonesa, um Festival Internacional de Jazz, do qual participaram conhecidas figuras do mundo do jazz. Dentre estas destacamos Albert Nicholas, considerado o maior trompetista do mundo, além dos teóricos Joachim Berendt, da Alemanha, e John Lewis, professor da escola de jazz dos EE. UU. Luis Armstrong enviou aos participantes do Festival a sua saudação através da rádio polonesa. Big Bill Ramsey, o famoso cantor, e o conjunto alemão «All Stars» participaram igualmente do encontro, além do conjunto de jazz da rádio e TV da Itália. Ao contrário do que foi divulgado em alguns países, nada perturbou a realização do certame, que despertou enorme entusiasmo entre a juventude.

◆ **INSÍGNIAS DO SACRO IMPÉRIO** — Foi negada, pelo Governo Federal da Austria, uma solicitação feita pelo cabido da Sé de Aquisgrana, pedindo a restituição de algumas peças das insígnias do Sacro Império Romano-Alemão, que se encontram no Tesouro Profano em Viena. Como o Arquivo da Casa Imperial, da Corte e do Estado pôde constatar, por intermédio de um parecer, tanto Aquisgrana, como Nuremberg, foram somente os guardiões, mas nunca os proprietários das Insígnias do Sacro Império Romano-Alemão. A pretensão de Nuremberg foi, por isso, rechaçada pelo Congresso de Viena em 1815 e o Imperador Austríaco Francisco I, como último imperador Romano-Alemão (até 1806, Francisco II) foi proclamado proprietário das mesmas. O cabido da Sé de Aquisgrana solicitou, pela primeira vez, em 1834, a restituição de uma parcela dessas insígnias, o que foi igualmente negado por Francisco I. Em 1932, esse pedido de Aquisgrana foi levado à tona novamente. Trata-se do «Evangelário Imperial de Carlos Magno», sobre o qual os imperadores faziam o seu juramento; de um sabre do século IX, confeccionado por ordem de Carlos Magno e da «Bolsa de Estevão», com um relicário todo em pedras preciosas, em forma de uma bolsa de peregrinos, que continha, segundo a lenda, terra banhada com o sangue de Santo Estevão.

(Continua na pág. 58)



Já houve quem dissesse que Curzio Malaparte não era italiano, levantando dúvidas sobre seu nascimento. A verdade é que até no leito de morte guardou a gesticulação tipicamente italiana.

SETE ANOS DEPOIS, MALAPARTE MORRE NO MESMO DIA QUE JANA

«JANA», A ÚLTIMA PALAVRA DITA PELO ESCRITOR ITALIANO, ERA O NOME DA MULHER QUE SE MATOU POR AMOR A ELE — NÃO SÓ SUAS ATIVIDADES INTELECTUAIS FORAM INTENSAS, MAS A SUA VIDA AMBULANTE FOI CHEIA DE IMPREVISTAS AVENTURAS.

Reportagem de MARITA LIMA

CURZIO Malaparte foi uma das personalidades mais ricas de nossa época. Seu desassossego e a inquietação de seu espírito pouco tranqüilo fizeram com que tenha tido uma vida extraordinária. Ainda mais que viveu no coração da Europa durante as duas guerras que feriram o século, marcando-o para a crônica da história como um século violento. Malaparte não podia fugir às circunstâncias que o envolveram. Muitos negaram-lhe o perdão por uma série de ligações um tanto obscuras com o facismo e com Mussolini. Para nós, brasileiros, embora Malaparte tenha sido o escritor italiano mais conhecido internacionalmente, há uma palavra que o caracteriza perfeitamente. É o título de um dos seus livros: KAPUTT. Na orelha da edição brasileira, a título de explicação dos editores, encontramos o vestígio da polêmica que aquele homem suscitou constantemente com a sua vida literária:

«Também a propósito de KAPUTT, como a propósito de qualquer novo livro de Malaparte, a crítica literária tornou ao tema favorito da «desconcertante personalidade malapartiana». E também desta vez não faltaram, por parte da crítica, as arbitrárias tentativas de explicar o sucesso de KAPUTT com os elementos de um retrato físico, moral e político de Malaparte (tirados de sua vida particular), de todo estranhos à sua personalidade de escritor e à qualidade de sua obra. O que demonstra uma vez mais que nos achamos em face de um verdadeiro escritor de raça, cuja complexa personalidade está toda na sua obra.»

Este impressionante livro, que nas palavras de seu autor «é um livro horrivelmente alegre e cruel», tem, à guisa de prefácio, um texto intitulado «História de um manuscrito». E nele encontramos entrelaçadas a vida aventureira do homem e a sua atividade intelectual:

«Comecei a escrever KAPUTT no verão de 1941, ao iniciar-se a guerra alemã contra a Rússia, na aldeia de Testtschianka, na Ucrânia, em casa do camponês Roman Suchena. Todas as manhãs eu me sentava na horta, debaixo de um pé de acácia, e punha-me a trabalhar, enquanto o camponês, sentado no solo perto do chiqueiro, afiava as foices ou cortava em fatias as beterrabas e as couves para os seus porcos. A nossa horta confinava com as da Casa dos Soviéticos, ocupada por um destacamento das S. S. Se algum dos milicianos das S. S. se aproximava da sebe da horta, o camponês avisava-me tossindo.»

Mais adiante, lê-se:

«Quando tinha que ir à frente de batalha distante de Testtschianka apenas umas duas milhas, eu confiava o manuscrito de KAPUTT ao meu amigo Roman Suchena, que o escondia num buraco da parede do chiqueiro. Quando a Gestapo veio prender-me e me expulsou da frente ucraniana (em consequência do escândalo que provocaram as minhas correspondências de guerra publicadas no CORRIERE DELLA SERA), a nora de Roman Suchena coseu-me o manuscrito de KAPUTT no forro da farda. Hei de ficar sempre grato ao camponês Roman Suchena e a sua jovem nora por me terem auxiliado a salvar o meu perigoso manuscrito das mãos da Gestapo.»

«Recomecei a escrever KAPUTT durante a minha permanência na Polónia e na frente de Smolensk, em janeiro e fevereiro de 1942. Quando deixei a Polónia para ir à Finlândia, levei comigo as páginas do manuscrito ocultas no forro do sobretudo de pele de ovelha. Terminei o livro, com exceção do último capítulo, nos dois anos que passei na Finlândia. No outono de 1942 regressei à Itália de licença, para convalescer de grave enfermidade contraída na frente de Petsamo, na Lapónia. No campo de aviação de Tempelhof, em Berlim, todos os passageiros do avião foram submetidos a perquirição pela Gestapo. Felizmente, eu não trazia nem uma só página de KAPUTT: antes de deixar a Finlândia, dividira o manuscrito em três partes, confiando-as ao ministro da Espanha em Helsínki, conde Augustin de Foxá, que deixava o posto para regressar a Madrid, ao secretário da legação da Romênia em Helsínki, príncipe Dinu Cantemir, que partia para o seu novo posto junto à legação da Romênia em Lisboa, e ao adido de imprensa da legação romana na capital da Finlândia, Titu Michailescu, que ia para Bucarest. Após longa odisséia, as três partes do manuscrito chegaram finalmente à Itália, onde eu mesmo as escondi no buraco de um rechedo, no bosque em torno da minha casa de Capri, pelas bandas dos Faranglioni.»

Encerrando esta história de um manuscrito, Malaparte escreve:

«Esperemos agora que os tempos novos sejam realmente novos e não avaros de respeito e de liberdade para os escritores pois a literatura italiana necessita de respeito tanto quanto de liberdade.»

● **UM HOMEM INVENCIVEL** — Naturalmente, a presente reportagem teve que ser extraída do noticiário estrangeiro que se ocupou fartamente com a personalidade de Curzio Malaparte, desde que ingressou no hospital. Contam-nos as publicações que ele recebia freqüentemente a visita do encarregado da sua casa de Forte dei Marmi, um certo Angelo que lutava por esconder a própria emoção. Sempre procurando volver para outro lado os seus olhos peçados de uma triste preocupação, abstinha-se de fazer perguntas, falando pouco e dando detalhadas notícias do jardim, da casa, da tartaruga e o gato. Mas a argúcia de Malaparte pôde ver nessa atitude o tato do amigo e compreendeu claramente até que ponto a sua vida estava em perigo. Tanto assim, que numa das visitas, disse:

— «Angelo, hoje é Corpus Domini, mas tu vieste ver o corpus Malaparte».

Sua doença começou quando viajava pela China. Em Pequim. Antes do escritor italiano partir para o Turquestão, foi subitamente acometido de uma febre altíssima, com tremendas dores em todos os ossos do corpo. Chamaram um médico que, após sumário exame, falou em febre reumá-



Em 1933, Curzio Malaparte estava em Lipari, condenado ao exílio. O desterro devia durar cinco anos, mas foi, pouco depois, substituído

tica e aconselhou que o doente se recolhesse ao leito. E assim estava Malaparte, quando, num domingo, pela manhã, vieram chamá-lo:

— Malaparte, Mao Tse quer vê-lo.

— Quando? — perguntou o escritor.

— Agora.

— Agora como? Pois não vêem que estou com febre?

— Nós também temos a mesma febre — foi a resposta.

Foi o começo do fim.

Mais tarde, já no hospital italiano, as pessoas que esperavam no corredor a vez de visitá-lo, trocavam recordações, refazendo aquela fabulosa vida tão cheia de movimento, verdadeiro prodígio de vitalidade, sua inteligência e sua temerária genialidade. Era difícil aliar tudo isto ao enfermo que agora se trancava para sofrer. Porém, bastava que se entrasse novamente no quarto, para ver que o homem era o mesmo de antes, pois, já moribundo, comandava com a precisão de um glutão as suas refeições, chegando também a comandar, ele mesmo, o emprego do oxigênio nos momentos de crise.

Assim se passaram dois meses e meio, nos quais Malaparte mantinha uma terrível luta com a agonia da morte, para perdê-la, por fim Certo dia, com os olhos fora das órbitas, o corpo tenso, a dor a lhe ferir a sensibilidade, Malaparte parecia ver fantasmas. Disse:



pela «vigilância especial». O principal motivo de sua condenação foi a publicação (na França), de seu livro «Technique du coup d'Etat». Desde que voltou da China, Malaparte guardou leito até a morte. O seu olhar era de uma impressionante intensidade febril. Foi lúcido até o último dia

— Venha, venha, Sandro. Aproxime-se, destrua-me. Nós precisamos partir.

Depois, cansado pelo esforço, derreou-se no leito e balbuciou:

— Jana...

Foi esta, exatamente, a última palavra que disse. Morreu, os parentes entreolharam-se, atônitos. Sabiam quem era Sandro, um irmão de Malaparte, morto ainda na infância, a quem Curzio muito amara e admirava. Porém, aquele outro nome dito pouco antes do tubo de oxigênio preso ao nariz do enfermo deixar de palpitar, de quem era? Quem era Jana? Por que ele a chamara no momento de morrer?

DESTINO ESTRANHO

Jana era uma bela loura de vinte e oito anos de idade, em 1950, quando suicidou-se por amor a Curzio Malaparte. No dia 17 de julho, após ingerir trinta pílulas soporíferas, entrou no mar, nadando para fora até um quilômetro, quando suas braçadas se tornaram mais lentas e mais próximas do fim. No entanto, uma barca recolheu-a, e a moça foi levada para um hospital, onde tudo foi feito para salvá-la. Passou dois dias entre a vida e morte, mas terminou expirando, no dia 19 de julho de 1950, o que é impressionante, pois exatamente sete anos depois, no dia 19 de julho de 1957, morreu Curzio Malaparte, pronunciando o seu nome.

Mas, em 1950, somente depois da morte da jovem loura foi que Malaparte descobriu o seu segredo. Conhecerá-a quando filmava o «Cristo Proibido», que ele mesmo escreveu e dirigiu. A moça tinha, então, um temperamento encantador, porém muito estranho. No dia em que entrou no mar para morrer, o escritor recebeu dela a seguinte mensagem: «Amo-te. Maldição.»

A verdade é que Jana Zweigart era louca. Sofrera um acidente, na América, no qual ofendeu o crânio, passando a ter, desde então, sérias perturbações. Estêve internada durante seis meses, sendo depois enviada para a Europa, a fim de se submeter a novo tratamento. Foi quando encontrou Malaparte.

Ela morreu por amá-lo e saber que jamais poderia desposá-lo.

Durante cinco dias Malaparte defendeu o corpo da mulher, para que não fosse enviado para a morgue, nem para as aulas de dissecação. Por fim, comprou-lhe uma sepultura e enterrou-a junto a um cipreste.

Terminado o entêro, ele disse:

— Seu corpo me pertence, porque a sepultura é minha. A pobre Jana é minha para sempre.

Exatamente sete anos depois, morre Malaparte, dizendo como última palavra: «Jana...»



PADRE JOSEPH LÉBRET: O HOMEM E SUA LUTA

No mundo de nossos dias, tão dividido, tão dilacerado pelas tensões sociais e pelos conflitos ideológicos, sobressaem algumas figuras de apóstolos, grandes figuras de homens de boa vontade que, com energia obstinada, dedicam-se à tarefa ingente de criar um clima de melhor entendimento, de melhor compreensão entre os povos, no qual possa germinar a verdadeira paz entre os homens. Entre estas figuras de primeira grandeza no panorama cultural dos nossos dias, destaca-se a do Padre Joseph Lébrez, grande economista e sociólogo francês que vem, há alguns anos, dedicando-se à Humanidade, à ciência econômica, infundindo-lhe um espírito de maior fraternidade e de solidariedade humana aos seus frios princípios científicos. A obra rea-

lizada, inicialmente na França, pelo Padre Lébrez, se vem projetando através do mundo inteiro, sendo, hoje, sua escola de economia e humanismo consagrada universalmente. Tendo viajado pelo mundo inteiro e constatado o desequilíbrio econômico do mundo e a grave realidade da fome universal, o Padre Lébrez vem hoje se dedicando, com abnegação, à solução desta grave calamidade. A luta contra a fome constitui hoje, seu objetivo central e agora mesmo encontra-se ele no Brasil para, em colaboração com outros homens de ciência e boa vontade, dar andamento às atividades da ASCOFAM, cuja seção brasileira acaba de ser instalada. Julgamos de grande interesse para o público brasileiro ouvir a palavra deste apóstolo e sábio.

FOI AQUI NA AMÉRICA LATINA QUE EU SENTI INTEGRALMENTE O CHOQUE DA MISÉRIA HUMANA

QUEM o diz é o padre Joseph Lé Bret, o famoso sociólogo francês que, há muitos anos, tornou-se conhecido no mundo inteiro por sua incansável luta contra a fome.

— Foi necessário — diz ele à REVISTA DA SEMANA — o advento da II Guerra Mundial para que eu soubesse, por experiência direta, o que é a fome. A fome que perdura e que recomeça cada dia. Vivia em Marselha em 1941 e 1942. Marselha era, então, a cidade da França mais devastada pela fome. Eu me encontrava, então, entre os privilegiados, mas pude ver, em visita aos bairros mais miseráveis, a que forma extrema de subalimentação estavam reduzidas as camadas mais pobres de sua população. Foi, entretanto, em minha viagem de estudos, em 1947, à América Latina, que tive integralmente o choque da miséria humana. Depois, este choque não fez mais do que acentuar-se, durante outras viagens de estudo à América Central, à África, ao Extremo Oriente e ao Oriente Médio. Já não se tratava, apenas, da fome de alimentos, mas de todas as formas da fome: a fome de vestuário e de alojamento, a fome de equipamento rural e urbano, de higiene e de satisfação espiritual. Procurei analisar este fenômeno da fome humana, não somente através dos dados estatísticos cada vez mais numerosos, mas também através de inquéritos diretos. Sinto-me bem longe, ainda, de ter percebido toda a imensidade da miséria humana, mas o que já observei foi suficiente para despertar a minha angústia e para orientar o centro de estudos de «Economia e Humanismo» que dirijo para a consideração deste problema máximo do mundo de hoje e para a busca das possíveis soluções. A economia humana, como nós entendemos, é uma disciplina de conhecimento e de ação das transições de uma determinada população, de uma fase menos humana para uma fase humana, no ritmo mais rápido possível e ao menor custo possível, tendo em conta a solidariedade entre todas as populações.

DO SENTIMENTO À LUTA

— Como foi fundada a ASCOFAM?

— Eu conhecera o Prof. Josué de Castro antes que ele fosse Presidente da Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas — a F.A.O. Tínhamos editado a tradução francesa da «Geografia da Fome». Editamos, a seguir, a Geopolítica da Fome, que teve em nosso país uma extraordinária repercussão. Penso que foi a partir de 1953 que o Prof. Josué de Castro começou a me incutir a sua idéia de constituir um grupo internacional para atrair a atenção do mundo sobre o problema da fome — preocupação que veio ao encontro da minha. Em 1956 um certo número de organismos privados me pediu para fundar um instituto que pudesse formar assistentes técnicos e peritos para auxiliar as populações ditas subdesenvolvidas ou não desenvolvidas. Eis que o Abbé Pierre depois de sua ação tão fecunda na reeducação das populações marginais, criava uma associação de estudo da miséria que ele chamou o IRAM — Instituto de Pesquisa da Miséria do Mundo. A Associação Mundial de Luta Contra a Fome, a ASCOFAM se constituiu na confluência dessas três

correntes de inquietação e de vontade de ação. Aceitei dirigir nela o Instituto de Pesquisa e de Formação Humana, tendo em vista o desenvolvimento econômico e social. Espero que este Instituto possa funcionar normalmente em Paris, a partir de outubro de 1958, iniciando-se, entretanto, a sua ação em caráter intensivo já em abril ou maio do próximo ano.

GRANDES ESPERANÇAS

Perguntamos ao Padre Lé Bret quais as esperanças que ele depositava na ação da ASCOFAM?

— Grandes esperanças. Mas é necessário dissipar, de logo, um certo número de ilusões. A ASCOFAM não vai refazer o que fizeram os organismos internacionais ou regionais dependentes da ONU. A ASCOFAM não vai fazer concorrência aos organismos públicos ou privados que lutam contra a miséria no mundo, ou pelo desenvolvimento econômico e social. A ASCOFAM será uma voz que procurará despertar a consciência dos homens para a gravidade do problema da fome e de outras misérias. A ASCOFAM será um centro de estudos que precisará a extensão do esforço necessário e seus pontos mais urgentes de aplicação. A ASCOFAM será o encontro de todos os homens de boa vontade, inquietos ao constatar que o crescimento da produção agrícola não segue, em inúmeros países, o crescimento de suas populações. É preciso pensar que a humanidade calculada hoje em 2 bilhões e 600 milhões de pessoas, alcançará 5 a 6 bilhões no ano 2000. A ASCOFAM procurará preparar assistentes e técnicos desinteressados para ajudar as populações, não tendo ainda adquirido um nível técnico suficiente para assegurar a exploração dos recursos naturais e o desenvolvimento integral. Na situação atual do mundo, tão difícil e tão confusa, a ASCOFAM me parece uma das tentativas pacíficas e pacificadoras das mais necessárias e das mais urgentes.

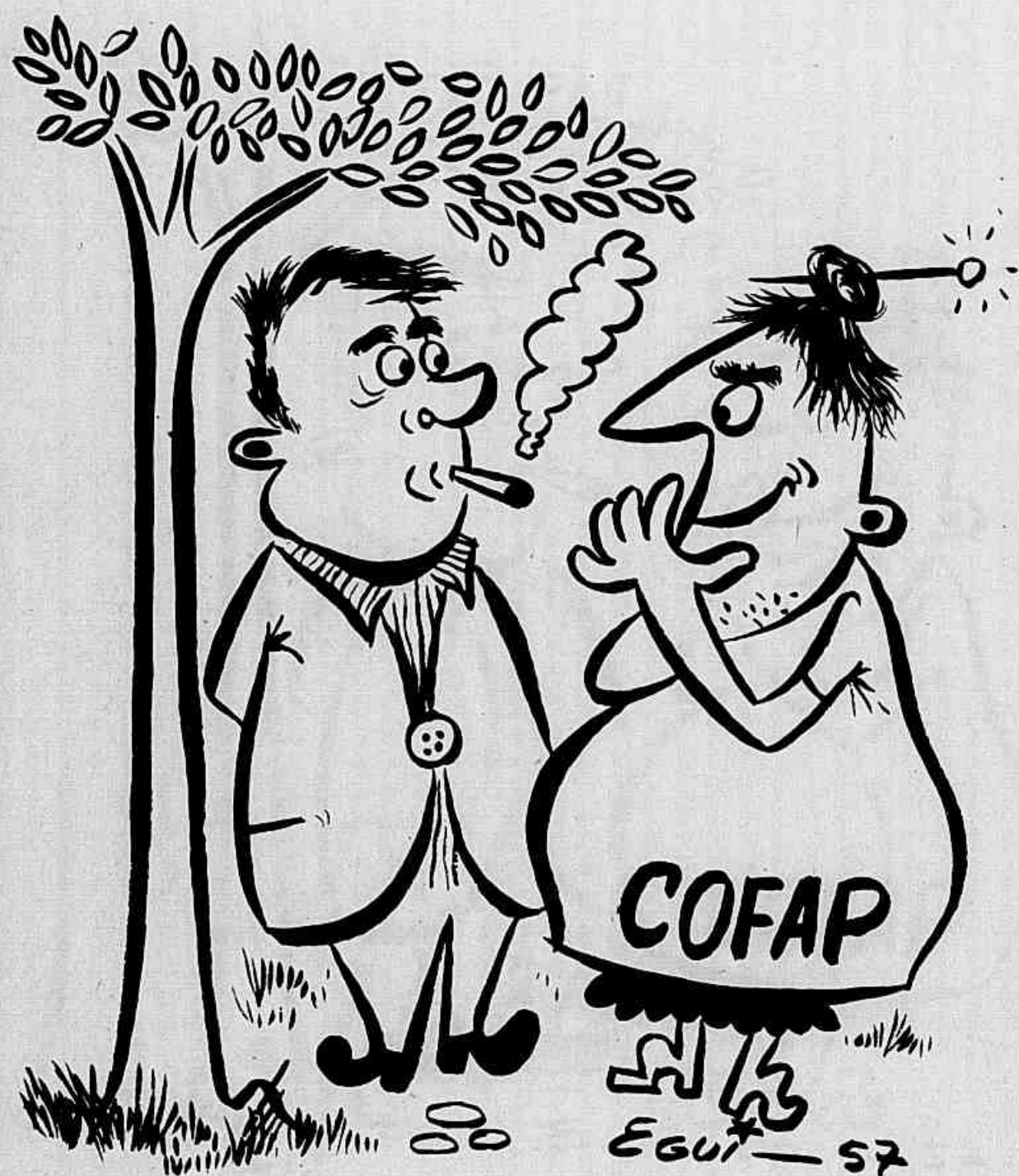
O BRASIL E A ASCOFAM

— Que poderá a ASCOFAM realizar no Brasil?

— Parece-me que os membros da Seção brasileira da ASCOFAM estão mais credenciados para responder conscientemente a esta pergunta. Considerando a grande dispersão dos níveis de vida entre camadas sociais e entre as regiões deste grande país, o Brasil, e considerando também sua elevada taxa (uma das mais elevadas do mundo) do crescimento da população, a ASCOFAM brasileira terá um duplo papel: um no que concerne ao Brasil e seus recursos, o outro no que concerne à influência internacional deste grande país, principalmente na América Latina. O setor brasileiro da ASCOFAM parece-me deve constituir-se, antes de tudo, como um organismo livre a serviço de todos aqueles que já estão trabalhando para melhoria das condições de vida das massas populares e de todos aqueles que estão à espera de um novo impulso para serem aliciados a esta tão necessária tarefa.

POLÍTICA

CARLOS NORMANDO



ESTOU VINGADA... COM O VOTO DOS ANALFABETOS O ELEITORADO TAMBÉM VAI AUMENTAR.

INFLAÇÃO GALOPANTE PRECIPITA

OS FATOS E OS «CONSPIRADORES

DE DENTRO» ASSUSTAM MEIOS E PES-

SOAS MAIS RESPONSÁVEIS DO PAÍS

MÊDO DA DITADURA MILITAR VAI APROXIMAR O GOVÊRNO DA UDN

◇ É mais do que possível — e pode ser que dentro de muito pouco tempo — a oposição correr em auxílio do govêrno, para evitar que venha abaixo o que resta da estrutura do regime fixado pela Constituição de 46. Nos meios mais responsáveis do país ganha corpo e contornos mais nítidos essa possibilidade, que se situa num plano mais alto do que uma pacificação política, de vez que imposta pela necessidade de defesa contra uma ameaça mais séria. É o poder civil que está ameaçado, dizem os mais experimentados no trato da coisa política. E o descrédito administrativo do govêrno Kubitschek, — com o agravamento das condições de vida do povo, a que se somam ainda aspectos novos da velha crise brasileira (que ninguém diz mais que é de crescimento...), como o desemprego, a inflação galopante e a desmoralização crescente do executivo — abre aos demagogos um campo próprio para as pregações subversivas, de que poderá alguém tentar se prevalecer para chegar ao poder de onde a incompetência e incapacidade física de trabalho parece afastar, a cada dia que passa, o sr. Juscelino Kubitschek.

◇ O PERIGO REAL — Já se disse — e com muita propriedade — que falta ao país um líder que represente as tendências mais

gerais das aspirações nacionais no momento. Há líderes (e talvez os haja com algum excesso) para o petróleo, para o trigo, para o cacau, para uma infinidade de coisas. Mas, um nome nacional e — o que vale muito — ainda não queimado e capaz de retirar da maior parte da população o pessimismo que se instalou na alma nacional, esse está ainda por aparecer.

Aliás, já se percebe que algumas forças políticas estão tentando com o general Lott justamente um ensaio geral de liderança efetiva, pois o lugar de Vargas (que não poderá ser reeditado, mas que nem por isso poderá ficar sem ser substituído) continua vago... e tentando muita cabeça ainda não acostumada aos sonhos de grandeza.

Observadores mais cautelosos e experimentados não escondem certo receio de que as forças que se agrupam em torno do general Teixeira Lott o estejam preparando para tirar partido justamente dessa desagregação do poder civil, que a cada dia cai um pouco mais das mãos do Presidente da República. O comportamento do general Lott — que periodicamente quebra seu silêncio para falar e mostrar que está se inteirando dos problemas nacionais, para os quais até mesmo ousa ditar soluções — não deixa margem para dúvidas prolongadas. Daí o temor que se generaliza.

◇ **MAIOR CAUTELA** — Quem observa diariamente os fatos da política nacional sente que, apesar do seu empenho em combater o governo, a oposição está usando da maior cautela, a fim de resguardar o poder civil, que tão fraco se mostra em suas vacilações e recuos ditados pela tibieza dos governantes, que toda vez que o ministro da Guerra quebra seu silêncio (esse, sim, é que seria de ouro...), segue-se uma crise no governo, que é obrigado lançar-se contra a oposição, desfazendo, por imposição e até mesmo coação dos elementos ligados ao 11 de novembro, qualquer entendimento mais alto e qualquer possibilidade de compreensão entre as forças de oposição e os setores mais sérios do governo.

A alguns parece que a oposição está meio sem sentido, ou, em outros termos, que ela está lutando alucinadamente contra um fan-

PORQUE

★ *O PSD não conseguirá ficar contra a concessão do direito de voto aos que não sabem ler e escrever, porque não tem unidade nem de pontos de vista nem de interesses eleitorais. Vai dividir-se mais uma vez na hora da votação, — diz-se nos meios da oposição.*

★ *A UDN irá a favor porque não vale a pena a um partido que não tem a responsabilidade de assumir sozinho o governo (nem a perspectiva de vir a ter esse encargo) incompatibilizar-se com uma parte ponderável do eleitorado. Embora de elite, a UDN sente que somente a simpatia de uma parcela das grandes massas eleitorais poderá lhe assegurar um destino paralelo ao do país.*

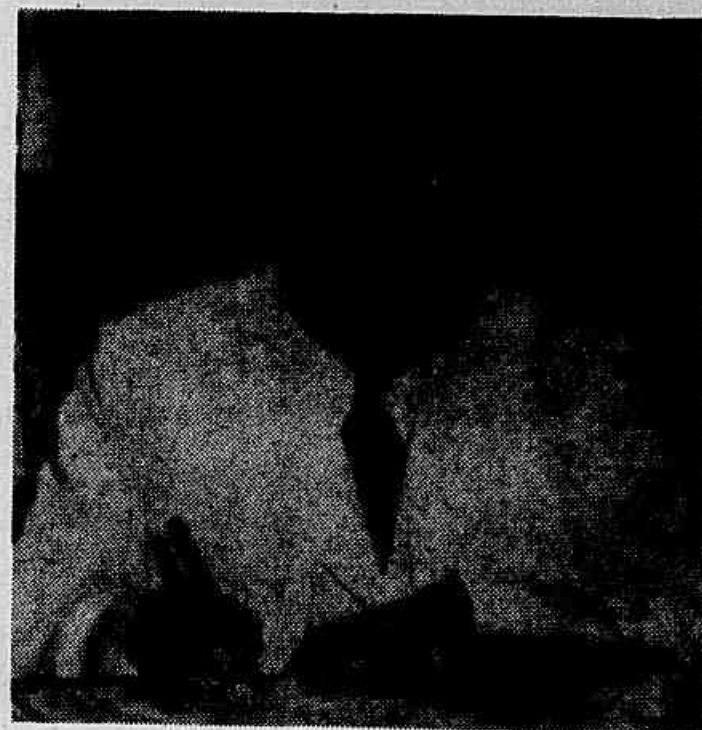


SABOTADORES "DE DENTRO"

◇ Que ninguém, no entanto, se iluda. Os fatos estão aí: mais dia, menos dia, o governo apelarà abertamente para a oposição salvá-lo dos incômodos e já não mais silenciosos aliados, que lhe garantiram a posse e afirmam sustentá-lo. E, mesmo fazendo oposição, a minoria será obrigada, para salvar o regime ameaçado, a defender o Presidente da República contra os inimigos que conspiram dentro de casa, para impedir que seja encontrada uma solução que unifique as mais altas, representativas e autorizadas forças do país, para que se garanta a solução dos mais prementes problemas brasileiros. É claro que, enquanto isto, e principalmente quando chegar a hora, os «conspiradores de dentro de casa» tudo farão para sabotar a fórmula da unidade, levantando suspeitas e colocando em termos partidários estreitos e com personalismos as questões mais importantes. E até mesmo procurando negar a ameaça ao poder civil — ou o que dêle ainda resta, tão pouco mas mesmo assim base para um entendimento e possibilidade de salvação do regime tutelado por seus piores inimigos.

tasma que não existe, mas é que, ao fazer fogo contra o governo, os líderes da minoria estão se empenhando em distinguir no adversário as duas tendências, para isolar o governo dos seus integrantes que pretendem destruí-lo. Da mesma forma, da parte do governo e da imprensa que lhe faz côro já se percebe que é possível um entendimento, em linhas nacionais, sobre uma plataforma política de defesa do regime. E se sente em contrapartida que o general Lott e os homens mais ligados ao 11 de novembro não mais contam com a cobertura oficial, pois que eles já têm cobertura própria. Mas, no nível em que os fatos e suas possibilidades ainda estão situados, é difícil um prognóstico com base na realidade. As tendências podem mudar, pois os fatos têm um ritmo próprio que pode ser controlado por fatores imprevisíveis, mas que não basta previsões.

CARA OU COROA



GERAÇÕES — A «ala velha» do PSD quer alijar o general Lott do governo, informam os moços do Partido majoritário. Vai tentar como segundo passo uma recomposição política à semelhança do governo Dutra, quando gregos e troianos (e sobretudo udenistas e pessedistas) entenderam-se bem em torno do Catete.

◇ Os moços pessedistas trouxeram para o partido tendências dos grêmios dos quais procedem, extravagâncias de mocidade esquerdista e influências que não estão de acôrdo com os princípios conservadores que ditaram o nascimento do Partido Social Democrático, afirmam em resposta os mais velhos manejadores do PSD. A paz política os assusta, por que não sabem senão brigar.

ANALFABETOS — O voto dos analfabetos é inspiração do general Lott, informam os udenistas. Mas não temos muito a perder com a emenda à Constituição. O PSD, sim, é que vai esfacelar-se, pois a massa enorme de eleitores que não sabem ler vai pesar decisivamente nos próximos pleitos, tornando impossível qualquer prognóstico, exceto o de que para o pessedismo será o fim...

◇ Fim do PSD poderá ser o fim do regime democrático, afirmam, entre tristes e carrancudos, os pro-homens do PSD, que nos últimos tempos mostram-se bem mais inquietos. O direito de voto dado aos analfabetos será um estímulo à ignorância. A desgraça virá com o aval da UDN, que tem menos a perder, mas pensa que será vitoriosa somente pelo fato de esfacelar-se o pessedismo...

TRAÇOS GERAIS

Transcrito do livro «RACIONALISMO CRISTÃO»

Hermes, no Alto Egito, muitos mil anos antes da era cristã, afirmava:

- a) que a Inteligência Universal era a única Força criadora de tudo quanto existia no Universo;
- b) que os seus atributos eram a imensidade, a eternidade, a independência, a vontade toda poderosa, a bondade sem limites.

Afirmava ele ainda, e continuaram depois a asseverar os sacerdotes dos templos egípcios, sobre o destino da alma, sua imortalidade e reencarnação: «O espírito do homem tem duas fases: cativo na matéria e ascensão à luz. Durante a encarnação perde a recordação de sua origem. Cativo na matéria, embriagado pela vida, precipita-se, como chuva de fogo, com sensações voluptuosas, através das regiões do sofrimento, do amor e da morte, até à prisão terrena, onde a vida real parece um sonho vazio. As almas pouco evoluídas permanecem amarradas à Terra, por múltiplos renascimentos; porém, as almas virtuosas se elevam às esferas superiores, onde recobram a vista das coisas reais, nas quais se impregnam com a luz da consciência iluminada pela dor, com a energia da vontade adquirida na luta. Fazem-se luminosas, pois que possuem a luz em si mesmas, e irradiam essa luz em seus atos.»

Vieram depois os gregos Sócrates, Pitágoras e Platão que também trataram da imortalidade da alma e da sua reencarnação.

As afirmativas que acabam de ser reproduzidas não foram reveladas, se bem que conhecidas dos sacerdotes dos templos egípcios, mas o Racionalismo Cristão se propõe a confirmá-las e difundi-las, porque representam concepções verdadeiras.

Pode-se afirmar que, em todos os tempos, vem sendo o Espiritualismo objeto de preocupações de grandes intelectuais, que vêem no estudo desta ciência motivos para aumentar a sua cultura.

Em sua obra denominada «Evolução Anímica», afirma Gabriel Delanne, depois de investigações a que procedeu: «Com a certeza das vidas sucessivas e da responsabilidade dos atos de cada um, muitas questões se apresentarão sob outros aspectos. As lutas sociais que, em nossa época, tomam um caráter terrível de preparo, poderão ser amortecidas pela convicção de que a duração de uma existência é apenas um momento na eterna evolução. Com menos orgulho na classe alta e menos inveja nas baixas camadas sociais, uma solidariedade efetiva nascerá.»

Para demonstrar o esforço desenvolvido por homens da ciência no sentido de pôr a humanidade ao corrente da Verdade Espiritualista, quando ainda não estava codificado o Racionalismo Cristão, seguem-se alguns trechos de um ensaio filosófico traçado no Brasil pelo médico Antônio Pinheiro Guedes, em que, criticando o materialismo reinante, apresenta firmes indicações sobre a existência da alma, principiando a sua análise com apreciações sobre o sono:

«O sono, quer o natural, quer o provocado pela hipnose ou pelos anestésicos, assim como os sonhos e as alucinações, não podem ser explicados de modo compreensível, racional e satisfatoriamente, pelos processos fisiológicos comuns e ordinários da Escola organicista ou materialista.

«O sono é a supressão das funções de relação; é a suspensão da atividade psíquica, a quase cessação da vida animal.

«Durante o sono o corpo repousa.

«O sono, como a vigília, é um modo de ser do vivente, ambos afirmam a existência, em antítese: pois que a vida é dupla — vegetativa ou orgânica, animal ou de relação.

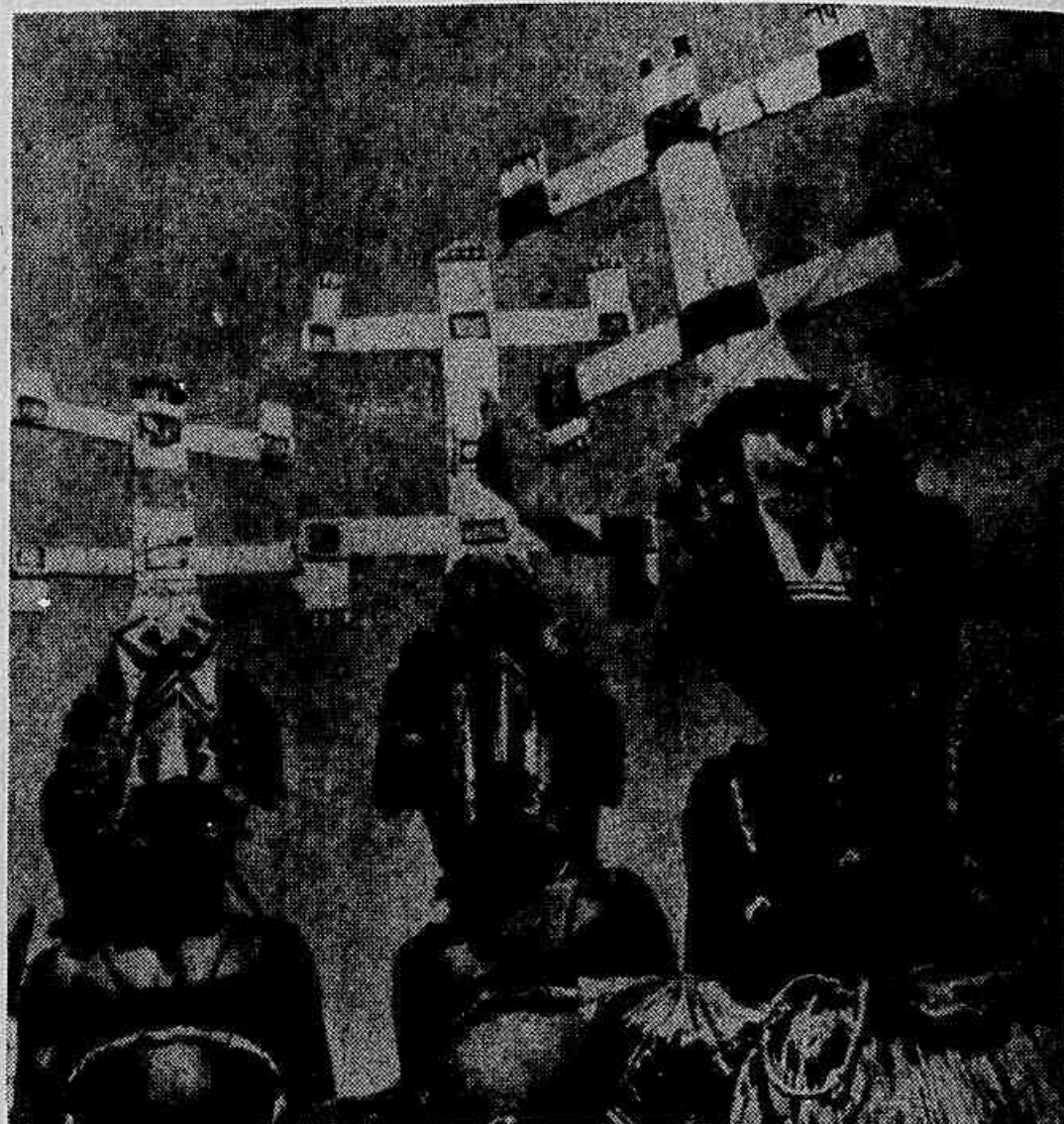
«As Escolas materialistas procuram explicar o sono, quer o natural, quer o artificial, provocado ou mórbido, por uma espécie de paralisia do cérebro, devido à sua compressão, ora por falta, ora pela superabundância de sangue.

«Incontestavelmente, tanto a anemia como a congestão acompanham-no ou se apresentam no sono; dado o sono natural, provocado ou mórbido, o aparelho cardíaco se encontra num desses dois estados; mas, indicar o estado ou a condição de um órgão ou aparelho, na realização de um fenômeno ou de uma função, explicar o seu mecanismo ou a maneira de se efetuar, não é determinar a sua causa; são fatos diferentes, não devem ser confundidos.

(Continua no próximo número)

A DANÇA NA ÁFRICA NEGRA

(Continuação da pág. 11)



A máscara não traduz o gosto do artista que a cria e sim o que ela deve representar nas cerimônias religiosas.

nhadas de outras bailarinas mais jovens (crianças) que realizam números de dança acrobática revelando uma elasticidade anatómica, fora do comum para meninas naquela idade. As mais velhas — ainda que jovens — dançam agitando o véu numa oferenda voluptuosa, onde a graça aliada à técnica tem por finalidade a conquista de um marido.

Δ OS MORTOS PARTICIPAM

Outro tipo de dança assaz curiosa é o «jongo», observada em certas tribos do Sudão e da Nigéria, a qual tem a participação de toda a aldeia. Por incrível que pareça, essa dança festiva faz parte das cerimônias fúnebres, onde até o morto participa como espectador passivo, terminando com uma grande festa e um lauto banquete. Acreditam eles que a morte seja um acontecimento muito feliz, representando a libertação do espírito que terá no além uma vida cheia de felicidades.

Quanto à música, suas criações melodiosas soam, para nós, algo monótonas, mas são executadas com certa virtuosidade, levando-se em conta os primitivos instrumentos da orquestra onde entram as harpas, as trompas e até mesmo as guitarras, cujo conjunto orquestral revela um senso de ritmo verdadeiramente surpreendente. Cada nota, cada frase musical tem um significado e por vezes uma história. Assim sendo, a música e a dança africanas são mais do que simples melodias e ritmos coreográficos — são também a própria literatura do povo, clichês da sua vida e sua história.

LEIAM

EU SEI TUDO

TODOS OS MESES

PREÇO: CR\$ 10,00

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON»

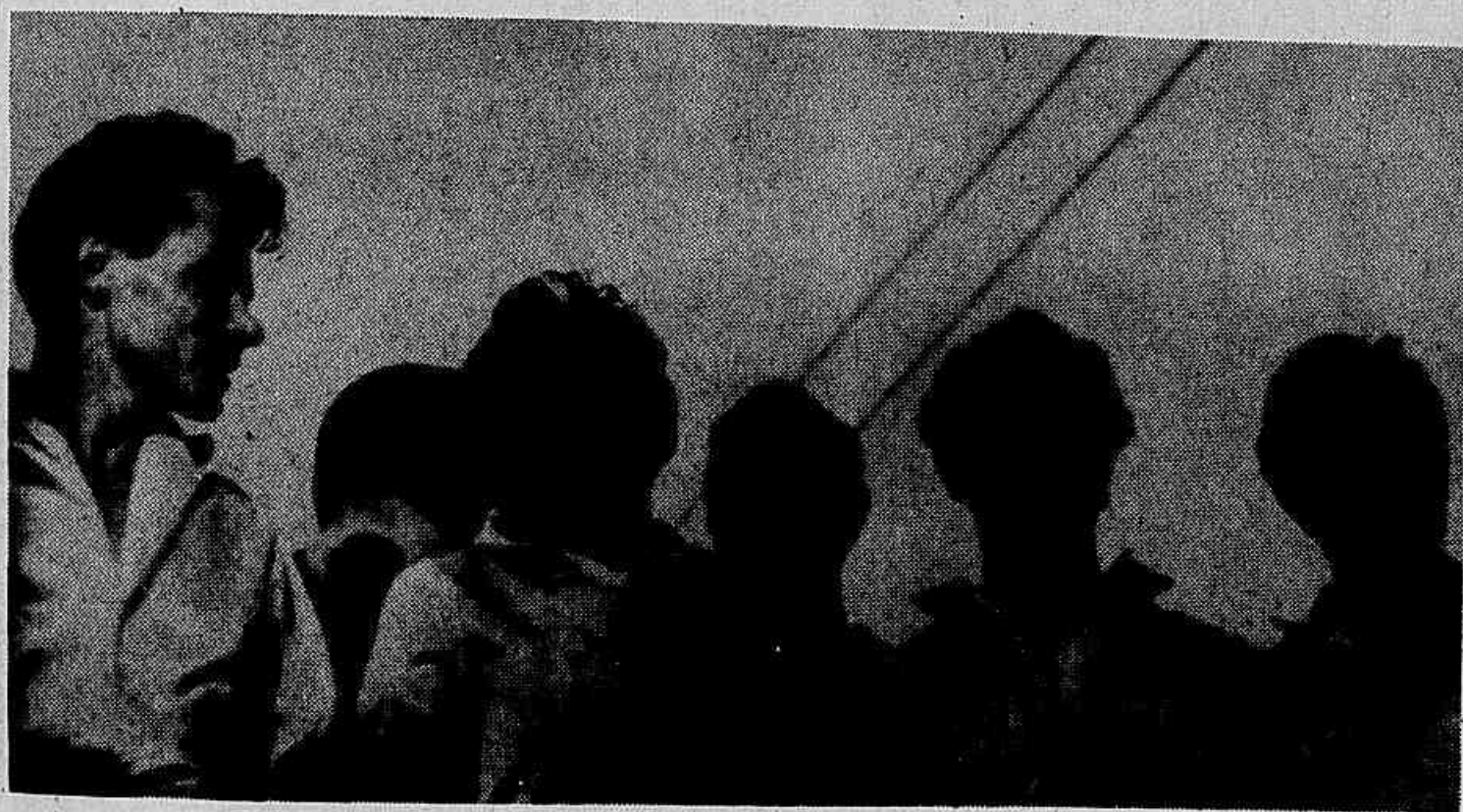
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO
Preço no varejo Cr\$ 100,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
Por Vale Postal Cr\$ 125,50

Loja XAMBU

MA BELEZA E VIGOR AOS CABELOS CONTRA A CASPA E CABELOS BRANCOS EXITO GARANTIDO

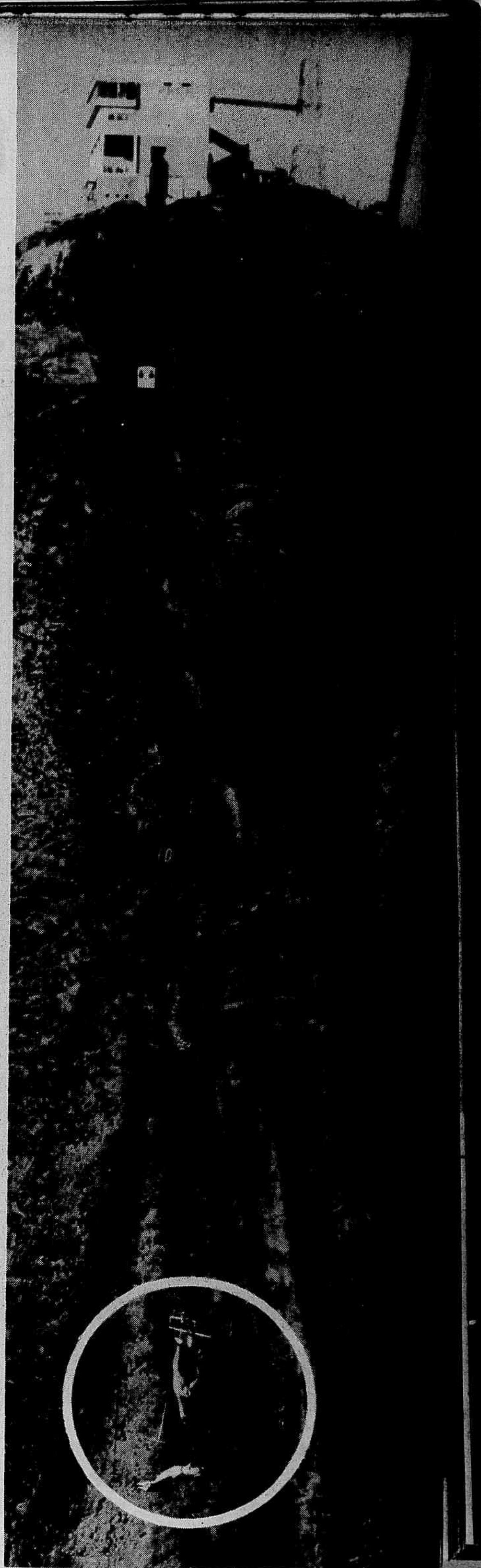


NADA MAIS BELO DO QUE VER O RIO DE CABEÇA PARA BAIXO



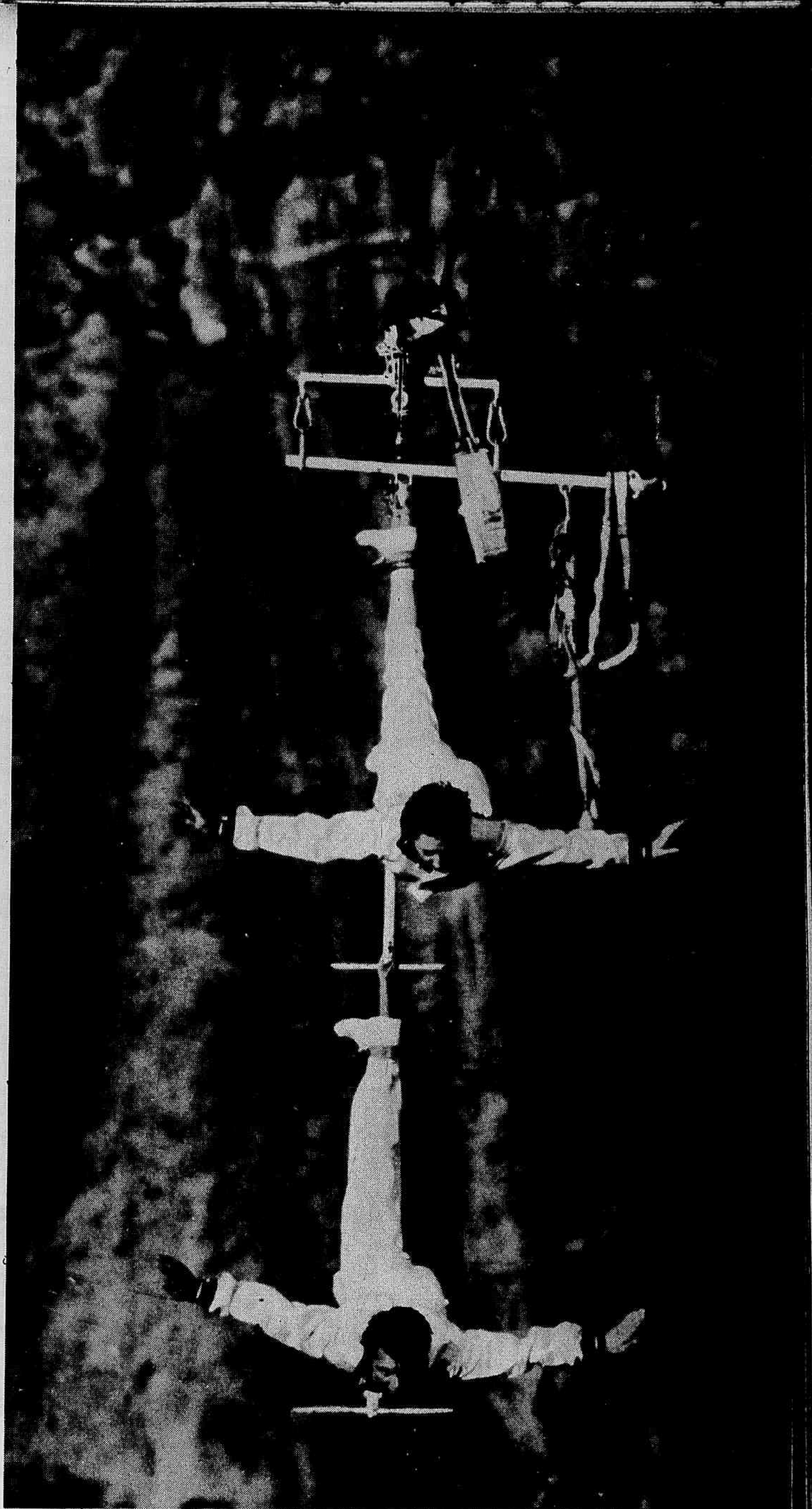
QUATRO jovens alemães realizaram a façanha (inédita) de fazer acrobacias no cabo do bondinho do Pão de Açúcar, a 400 metros acima do solo. Alex, Rudi, Siegward e Sylvia já passaram sobre muitos abismos, já andaram sobre cabos estendidos entre gigantescos edifícios de Nova Iorque, há muitos anos ganham a vida arriscando-se nas alturas. Mas confessaram, ao descer (tranqüilamente) na Praia Vermelha: «nada mais belo que ver o Rio de cabeça para baixo!» Os quatro pertencem ao Grupo Zugspitz-Artisten. São diplomados em Educação Física. Obedecem a um regime rigoroso, que lhes mantém o físico e o sistema nervoso sempre completamente em forma. Quando pisaram em terra, sorriram, tranqüilos, e comentaram: «É muito mais arriscado andar nos lotações do Rio do que passear de cabeça para baixo no cabo do Pão de Açúcar». As fotos, nesta e nas páginas seguintes, são momentos do passeio dos acrobatas alemães, no cabo aéreo do bondinho do Pão de Açúcar: quatro vidas por um fio, a 400 metros do solo.

(Fotos ADIR VIEIRA)





Quatro vidas por um fio, a quatro



quatro centos metros acima do solo



UMA DAS CENAS DO BUMBA MEU BOI. A FESTA DO FRANCO BRASILEIRO FOI UMA DAS POUCAS COMEMORAÇÕES AO DIA DO FOLCLORE

BUMBA MEU BOI NO RIO

△ O roubo de um boi, a recuperação do animal e a alegria do dono, este o enredo do Bumba Meu Boi, espetáculo do folclore maranhense exibido (a rigor) no Colégio Franco-Brasileiro, aos cariocas. O ladrão rouba o animal. É preso. Nega o furto. É espancado até confessar onde está o animal. Este volta, mas doente, entristecendo seu dono, que também sofre. Súbito, o boi muge, está são. A alegria é geral, o ladrão é posto de lado, começam os festejos, a música e os cânticos de vitória. O Bumba Meu Boi maranhense conserva mais ou menos as mesmas características em todo o Nordeste, variando, unicamente, os cantos e o número de figurantes. Na noite folclórica do Colégio Franco-Brasileiro, o prof. Manuel Diegues Júnior (Comissão do Folclore) disse que «folclore é fato vivo e tem uma função a exercer na sociedade». Todos aplaudiram e assistiram até o fim ao espetáculo, que terminou com exibições de frêvo e xaxado nordestino. (Fotos V. VASCONCELOS).



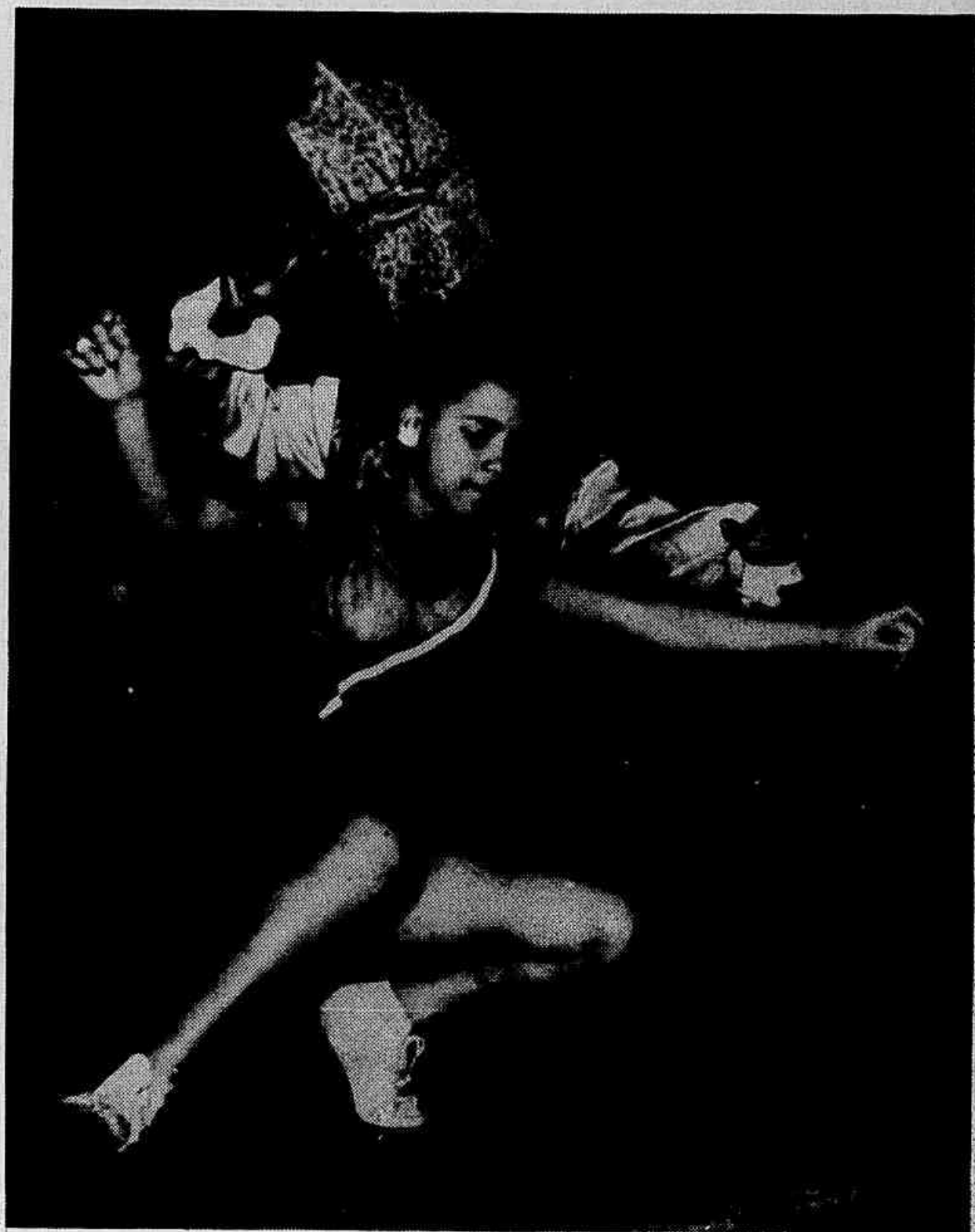
A ALEGRIA TOMA CONTA DE TODOS. O BOI MUGE



SATISFEITO E PROSSEGUE O RITUAL FOLCLÓRICO.



«LENHADORES», CONJUNTO VITORIOSO NOS CARNAVAIS: FREVO.



MOÇAS E RAPAZES NO «PASSO». EM GERAL SÃO PERNAMBUCANOS.

Literatura e arte

JOSE ROBERTO TEIXEIRA LEITE

CRONICA

DA NOBRE ARTE DO ESCREVER

★ Há escritores que não passaram jamais de cintilantes promessas: quanto fazem traz em si a marca de um talento ainda não de todo desabrochado, capaz de dar frutos "amanhã". Só que, para êsses, o "amanhã" dura até à hora da morte. Se cada uma de tais promessas se concretizasse, a literatura brasileira seria, de há muito, uma das mais ricas do mundo.

★ Certos escritores, após publicar, no início da carreira, um livro de grande valor, passam o resto da vida a viver da fama que o mesmo acarretou. Capitalistas da literatura, vivem dos juroz daquele primeiro e insuperado trabalho, por vèzes emitindo legítimos "cheques sem fundo" sôbre um público que mal dá por isso...

★ Manuel Bandeira está firmemente convencido de que é um poeta menor; e Graciliano Ramos achava que sua obra inteira de romancista nada valia. Contrariá-los, afirmar o inverso, não será uma espécie de pretensão? Eles devem saber o que afirmam.

★ Grande número de escritores esgota-se, literariamente, na razão inversa de seus livros, nas livrarias.

★ Muitas vèzes, quando se afirma de um escritor brasileiro que "abeberou-se nas mais puras fontes inglesas", tais fontes não se chamam Dickens ou Thomas Hardy, mas Johnnie Walker ou John Haig...

★ No que se refere à crítica, o ideal seria que quem a realiza ignorasse totalmente o nome do autor da obra a ser criticada; quanto preconceito, mas também quanta concessão, não seria assim evitado?

★ Jornalismo e literatura são duas coisas paralelas; por isso, só se tocam no infinito.

REVISTA DA SEMANA — 28

AS PESSOAS

◆ HÁ TEMPOS, examinando um livro de crônicas do senhor Victor Gonçalves Neto, tivemos a imprudência de achar seu lançamento prematuro, e sem nada que o justificasse. Agora, chega-nos um recorte do «Jornal do Dia», em que aquêlê senhor, através de sua coluna «Conversa Matutina», critica a crítica, em termos — é verdade — cordatos. Sempre, porém, sobrou uma «pauladinha» no colunista: «Por simples questão de bairrismo, pediria ao colunista J.R.T.L. que da próxima vez escrevesse mesmo Teresinha com s (e não com z)». Aprendemos mais essa, caro Victor.

— TELMO PADILHA, autor de livro de poesia e organizador de uma Antologia de Poetas Baianos que a Progresso breve editará, está assinando, em «O Mundo», às 3.^{as}, 5.^{as} e sábados, uma movimentada coluna literária. «O Mundo das Letras». Sôbre a Antologia, afirmou-nos Telmo ter cortado da mesma, diversos nomes que nela figurariam; atualmente, são doze apenas os poetas que terão produções suas no livro em questão. Quer-nos parecer que os poetas preteridos não vão gostar nada da poda mencionada. — PEDRO CALMON vem de ser reeleito para o cargo de Reitor da Universidade do Brasil. Parece haver, em muitas de nossas instituições culturais, verdadeiro enxame de mediocres, que não as largam nunca: Calmon, na Reitoria, Joanídia Sodré, dirigindo a Escola Nacional de Música como se se tratasse de um estabelecimento de ensino primário, e Osvaldo Teixeira, no Museu de Belas Artes (sem falar num Celso Brant, diretor da Rádio Ministério da Educação, e num José Renato, diretor do Instituto do Livro), são disso prova. Enfim, convém não esquecer que o Ministro da Educação chama-se Clóvis Salgado. — A ANTOLOGIA de Contistas Brasileiros de «Revista Branca» aparecerá brevemente em espanhol e francês, e posteriormente, em italiano e alemão. O autor da tradução alemã é Herbert Minnemann, diretor do Instituto Ibero-Americano, de Hamburgo. — ÁLVARO LINS enviará de Portugal para a imprensa brasileira artigos críticos e estudos literários, assim retornando à crítica literária, na qual se construiu um nome, discutível embora. — DO ÚLTIMO livro de poemas de Henriqueta Lisboa, «Azul Profundo», falou-se muito pouco. No entanto, é a nosso ver o ponto mais alto a que atingiu essa autora ilustre, e um dos pontos altos a que nossa Poesia contemporânea tem conseguido alcançar.



OS LIVROS

◆ ROMANCE:

Armindo Pereira — «Flagelo» (segunda edição, revista e ilustrada. Edições o Cruzeiro. Rio de Janeiro, 1957. 231 páginas. Capa e ilustrações de Darel)

ARMINDO PEREIRA estreou como ficcionista em 1954, justamente apresentando ao público êsse romance «Flagelo», que agora reaparece, trazendo, à guisa de introdução, um honroso prefácio de Brito Broca. Problema dos mais discutidos, nos últimos tempos, pela crítica literária, é saber se o denominado romance nordestino — que teve como expoentes José L. do Rêgo, Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz e outros — já completou seu ciclo histórico, ou se continua ainda vivo, a produzir frutos de valor pelo menos aproximado ao dos melhores trabalhos daqueles autores. Ainda há tempos, falando de «Vento Nordeste», de Permínio Asfora, escrevíamos que o gênero nos parece cansado, gasto, por demais explorado. Isso não nos impede, todavia, de reconhecer o valor do romance de Armindo Pereira, que a nosso ver se diferencia bastante dos demais romances nordestinos, por emprestar à parte psicológica dos personagens maior importância e relevo. Examinando, por exemplo, um livro de José Lins do Rêgo, e cotejando-o com o de Armindo Pereira, veremos que José Lins do Rêgo dedica a maior parte de sua atenção à descrição de cenários, à reconstituição de ambientes e de situações, enquanto Armindo procura retratar

AJUDEMOS A SALVAR MESTRE GUIGNARD

♦ NAO FAZ muito, artistas cariocas se reuniram, a fim de auxiliarem um colega, enfêrmo gravemente e sem recursos para o tratamento custoso. Todos devem estar lembrados da Exposição duplamente bela: como arte e como prova de solidariedade humana, levada a efeito na Galeria Contemporânea, em Ipanema. Essa exposição — para a qual cada expositor contribuiu com um trabalho — rendeu, durante os poucos dias em que ficou franqueada ao público, cerca de oitenta mil cruzeiros. Quantia apreciável, propiciou a Paolo Rissone — que êsse era o artista enfêrmo — meios para o tratamento severo. Agora, outro artista — êsse uma glória legítima de nossa pintura, mestre Alberto da Veiga Guignard — encontra-se gravemente doente, e também sem meios para custear seu tratamento. Artista puro e desprendido, só tendo olhos para a sua arte, e não para as vantagens que dela poderia auferir, fôsse acaso um especulador, e não um criador de beleza — mestre Guignard, já no outono de sua vida, olha para trás e vê que essa mesma arte, que tanto lhe rendeu em prestígio, pouco, praticamente nada, lhe propiciou, do ponto de vista financeiro. Enfêrmo, o dinheiro não lhe chega para a casa de saúde, para os remédios, para a alimentação especial. Um grupo de seus amigos organiza uma rifa de um de seus melhores trabalhos — o «Auto-Retrato» com o qual venceu o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro, há muitos anos — a fim de angariar fundos para êsse tratamento: cada número (são apenas cem) pode ser adquirido por mil cruzeiros — quantia razoável, se se pensar que, com ela, pode-se ficar de posse de uma obra de muitos milhares de cruzeiros. Mas só isso não basta. É preciso que todos auxiliem Guignard — Governo (cadê o amor de JK à Arte, e aos artistas?), artistas, amadores de arte. Êsse homem, um dos cimos da Arte entre nós, não pode ficar abandonado à própria sorte. Já somos culpados de tanta coisa, trazemos na consciência o remorso de tantos passos errados: permitiremos que mais essa culpa venha acumular-se às passadas, que Alberto da Veiga Guignard continue esquecido, em seu retiro de Belo Horizonte, êle que já nos deu mais, muito mais, do que tudo quanto agora lhe possamos dar?

PESSOAS, COISAS E FATOS

★ O PINTOR Sérgio de Campos Melo parte para a Europa breve, em gôzo de bolsa de estudos que lhe foi concedida pela Embaixada de França no Rio de Janeiro. — O ESCULTOR Andréou continua no Rio de Janeiro, e ainda quando da inauguração da mostra de esculturas de Marina Nuñez del Prado, conversava animadamente em uma roda de amigos. — VINCENT IBBERSON, pintor inglês não-figurativo, expôs na Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa. Formado em química, começou em 1951 a pintar aquarelas, e depois, a estudar com Ivan Serpa. Sua arte já foi por nós classificada, há tempos, de «abstracionismo-impressionista». — CARLOS MAGANO e sua esposa Tana expõem no Ministério da Educação e Cultura, um grupo de óleos e gravuras. — VÃO GÓGO expõe no Museu de Arte Moderna seus desenhos humorísticos de grande beleza artística. Sua mostra substitui a de Tapêtes Argentinos de dona Lucrez Muniz — que de modo algum nos agradou. — MAGNÍFICA, a mostra de esculturas de Marina Nuñez del Prado, a escultora boliviana de fama internacional. Prefere ela trabalhar nas madeiras raras de sua Bolívia natal (em toda a mostra havia apenas uma obra de granito, e outra em bronze: todas as outras, em madeiras raras). E como sabe aproveitar, em formas redondas que a fazem continuar a tradição dos antigos habitantes de sua terra, as fibras da madeira, as nervuras de cada peça! — BELO ALBUM sobre Diamantina será brevemente editado por Simeão Leal. As fotografias são do fotógrafo alemão (naturalizado argentino) Hans Mann. — TAMBÉM Simeão editará, pelo Serviço de Documentação, um livro de Dioclécio Redig de Campos — o brasileiro que, de há muito, é um dos principais conservadores de museu da Itália. Versa o livro sobre a Renascença Italiana, sobre seus fundamentos e principais representantes. Um livro de fôlego, ao que tudo indica. — NO PRÓXIMO dia 15 inaugura-se o Salão Acadêmico de Belas Artes; uma semana depois, a IV Bienal. Ou oito, ou oitenta... — A DEZESSEIS, o colunista, a convite da Juventude Independente Católica, pronuncia no Ministério da Educação (18, 15 horas) uma palestra sobre Pintura, Escultura e Gravura Modernas.

a alma do homem do Nordeste, dedicando ao cenário importância bem menos ampla. Outra qualidade desse romance «Flagelo», é estar êle escrito de maneira correta — num gênero em que, sem dúvida, o maior representante, a nosso ver José Lins do Rego, escreve lindamente mal. Uma peculiaridade de «Flagelo»: a ausência de intrigas amorosas, no romance, o grande personagem é a enchente que arrasa, em sua passagem, homens e campos. O homem em «Flagelo», é um brinquedo, às mãos da Natureza — que dêle faz quanto quer. Quanto a defeitos, quer-nos parecer que os maiores, no livro de Armino Pereira, residem na relativamente grande quantidade de frases-feitas, de lugares-comuns: «Sangria desatada» (página 25), «prêsa de terrível desespero» (página 34), «manietado pelo destino» (página 38), etc. Quem, todavia, não os consagra, em seus livros? Resalte-se, ainda, a bela apresentação gráfica, o lúcido prefácio de Brito Broca, e as poderosas ilustrações de Darel.

♦ POESIA:

Rui Costa Duarte — «O Mistério da Hora» (Edição particular segundo esquema de I. C. Gráfica Olímpica, Rio de Janeiro, 1957. 34 páginas. Ilustrações de Joel).

DOZE POEMAS dotados de grande unidade, talvez compostos em período relativamente curto de tempo. Pouca originalidade rítmica e temática, numa época em que toda a jovem poesia brasileira busca novos caminhos. Trivialidades que muito prejudicam certos poemas:

«Entre um poema e outro — passa um sorveteiro. — (Flor que troco pelo grito) — passa um pássaro ou nasce um pinheiro!» Certa tendência para o discursivo, manifestada em versos como: «Ê reflexo no contato — na angústia — no cigarro. — E mar das coisas simples — tornado a ser na inquietação. — É vidro na suspeita. — A canção quebrada da cidade está longe, — no irmão — que não conheço — na verdade que não sei». E veja-se a ausência de música, no verso acima citado «A canção quebrada da cidade está longe». Parece-nos que Rui Costa Duarte tem pela frente, ainda, longo caminho a executar, se desejar entrar na plena posse de seu ofício de poeta. As ilustrações de Joel são agradáveis.

♦ ENSAIOS:

Paulo Rónai — «Escola de Tradutores» (São José, Rio de Janeiro, 1956. 91 páginas).

JÁ CONHECIAMOS êsse pequeno e valioso ensaio — o primeiro que se faz, no gênero, entre nós — dos «Cadernos de Cultura», onde apareceram originariamente; a atual edição, da São José, apresenta alguns capítulos inéditos: «A arte de traduzir», «As lindas infieis», «Um intérprete de Camões», e «A máquina de traduzir». Êsse livrinho torna-se indispensável a quantos se dediquem à tarefa nada fácil de traduzir. Particularmente, no Brasil, possuímos inúmeros tradutores — embora raros tradutores verdadeiramente bons.



TÔNIA: DESDÊMOMA DE SHAKESPEARE, CÂNDIDA DE G. BERNARD SHAW

Em «Um Deus Dormiu Lá Em Casa»
Tônia Carrero reedita sua atuação
de estrêla de primeira grandeza.

TÔNIA Carrero viverá, este mês, no Teatro Dulcina, o principal papel feminino de «Esses Maridos», de Georges Axelrod. Será esta a nona produção da Companhia Tônia-Celi-Autran, que já levou ao palco grandes nomes do teatro mundial, entre eles o maior, talvez, de todos: Shakespeare. A estréia de «Esses Maridos» segue-se à apresentação de «Um Deus dormiu lá em casa» (Guilherme Figueiredo), em que a bela atriz viveu, com brilho, o papel de Estela. Um êxito, que antecede a outro êxito, assim como sucedeu a um anterior. Tônia venceu, há muito, no teatro e é, hoje, consagrada pela crítica e o público.

Tônia é carioca. Ingressou na vida artística através do cinema, fazendo três filmes consecutivos. Mas sua verdadeira vocação é o teatro e, em 1949, estreava no palco, ao lado de Paulo Autran, em peças de autores brasileiros: «Um deus dormiu lá em casa», «Ama-

nhã se não chover» (Pongetti), «Helena fechou a porta» (Acióli Neto) e «Don Juan» (Guilherme de Figueiredo).

Volta ao cinema por quatro anos mas, logo se vê livre do contrato que a prendia à «Vera Cruz», retorna ao teatro — para revelar-se a grande atriz de hoje. No Teatro Brasileiro de Comédia interpreta «Uma certa cabana» (Roussin), «Uma mulher do outro mundo» (Noel Coward), «Negócios do outro mundo» (Verneuil), «Cândida» (G. B. Shaw). Saiu do TBC para fundar, com Adolfo Celi e Paulo Autran, a CTCA. É aí que sua carreira atinge o ponto alto. Interpreta Desdêmona («Otelo», de Shakespeare), Estelle («Entre quatro paredes», Sartre), Rosaura («A viúva astuciosa», de Goldoni), Irene Elliot («Negócios de Estado», Verneuil), Alcema («Um deus dormiu lá em casa», Guilherme de Figueiredo) e vai interpretar, agora, A Garôta, de «Esses maridos». Em 1956 Tônia ganhou o prêmio da APTC: a melhor atriz do ano.





Tônia prova no palco que não se satisfaz apenas com sua própria beleza. Ao talento natural ela acrescenta sua experiência teatral, que é o resultado de muito estudo e dedicação.

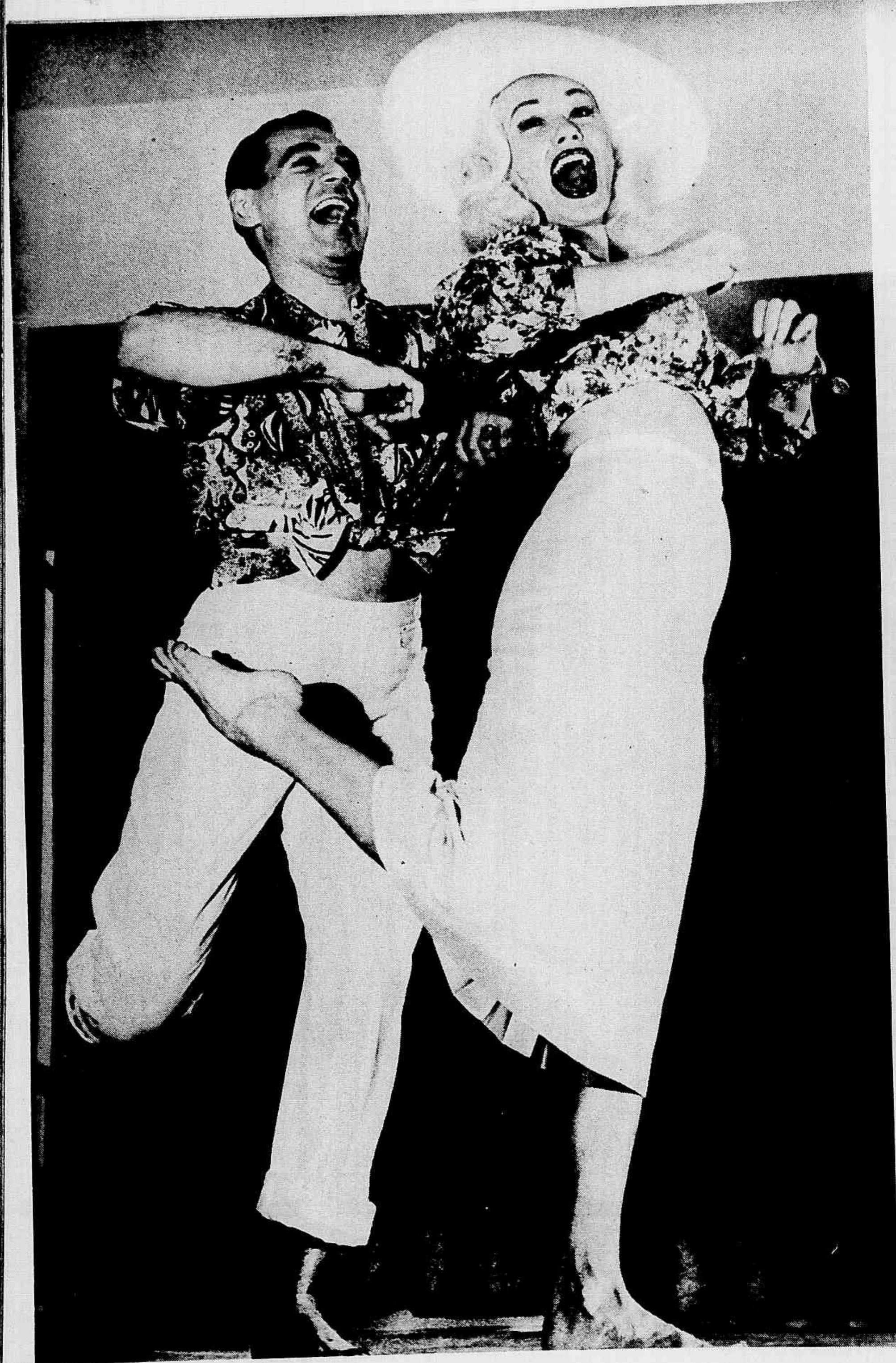




Com esse uniforme qualquer um dança o Calypso. Um pouco de alucinação e a música (alucinada) fará o resto.

RAY ANTHONY E MAMIE MOSTRAM

COMO DANÇAR O CALYPSO



RAY ANTHONY E MAMIE FICAM VERDADEIRAMENTE ALUCINADOS QUANDO OUVEM O CALYPSO.

DEPOIS DE MEIA HORA DE

AQUI estão Ray Anthony, o famoso regente de orquestra americano, e sua mulher, Mamie Van Doren, numa autêntica exibição do Calypso, a dança que está tomando conta da rapaziada de todo o mundo. Se você deseja aprender essa nova dança tudo o que tem a fazer é olhar para as fotos. Depois coloque a música na vitrola e imite esse simpático casal. O ritmo excitante do Calypso ensinará o resto, porque há muito de improvisado nesse

novo processo de desrecalcamento que desbancou o «rock». Harry Belafonte, Josephine Premice (que já estava no Brasil) e Kitty White são, depois do casal Ray-Mamie, os mais fanáticos incentivadores do febricitante Calypso.

Brevemente veremos Mamie em um filme ao lado de Clark Gable. Essa película que já foi exibida nos Estados Unidos fez com que Mamie Van Doren passasse à categoria de estrêla de grande popu-



CALYPSO V. PODE MANDAR SEU PSICANALISTA AS FAVAS.

laridade. Nêle Mamie faz uma «strip-tease» que se atira à conquista do orelhudo famoso: Gable. Mas o sucesso de Van Doren não se deve unicamente ao fato dela aparecer despida em cena. A pequena é realmente um encanto e possui talento de fato. Dançando o Calypso ela nos dá um exemplo do quanto é capaz. Nesse ritmo Mamie Van Doren vai longe. Mas é bom não esquecer que quem faz o ritmo é mesmo Ray Anthony. (Fotos I.N.S.)



UM TANTO RIDICULAS? DE ACÓRDO. MAS É UMA ALEGRIA.



O IMPORTANTE É DANÇAR E PERDER A CABEÇA.

CURSO DE JORNALISMO

(POR CORRESPONDÊNCIA)

MODERNO, PRÁTICO E EFICIENTE MÉTODO NORTE-AMERICANO — RESULTADOS IMEDIATOS

APRENDA
EM SUA PRÓ-
PRIA CASA
COMO SER
JORNALISTA

PREENCHA
E ENVIE
NOS HOJE
MESMO O
CUPÃO AO
LADO

INSTITUTO TÉCNICO PROFISSIONAL

CAIXA POSTAL Nº 10 — COPACABANA
— RIO DE JANEIRO —

Solicito enviar GRÁTIS o folheto sobre o Curso de Jornalismo

Nome
Rua Nº
Bairro Caixa Postal
Cidade Estado

Envie Cr\$ 5,00 em selos para as despesas

CIÊNCIA ESPÍRITA

É provável que muitos não saibam quem foi o dr. Pinheiro Guedes, cuja projeção no movimento espiritualista vem ainda do tempo do Império. Pinheiro Guedes, médico na Corte, oficial do Exército, foi Senador na República, justamente quando se instalou a Assembléia Constituinte de 1890, que elaborou a primeira Constituição Republicana do Brasil. Era Pinheiro Guedes, nessa ocasião, representante de Mato Grosso, ao lado de Joaquim Murinho. Da independência de seu caráter e sinceridade de suas convicções é prova o fato de haver Pinheiro Guedes, com Angelo Tortoroli e outros espiritualistas da época, encabeçado uma comissão que foi à presença de Pedro II oferecer uma coleção de obras espíritas ao magnânimo Imperador do Brasil.

◆ **Ciência Espírita** — prova de início que a Medicina se originou do espiritismo e demonstra a perfeita entrosagem entre o corpo, que o médico trata e o espírito que preside à formação desse corpo, desde a sua fase inicial. Daí a extraordinária vantagem do médico que, possuidor da ciência humana, é também conhecedor da ciência espírita. Nesta ordem de idéias, o dr. Pinheiro Guedes é de uma clareza admirável e se torna irresistivelmente fascinante quando explica, sob a luz da ciência espírita, os fenômenos comumente designados como epilepsia, histerismo, loucura, e outros.

◆ **Ciência Espírita** — analisa e expõe a origem, a natureza e a evolução da alma humana, a criação das matérias, o papel de átomos e células, a formação dos seres, a força psíquica, etc., uma série de temas interessantes, proporcionando novos e utilíssimos conhecimentos a todos, numa linguagem clara, simples e persuasiva, dirigida mais ao raciocínio do leitor do que às suas próprias crenças e sentimentos religiosos. Assim, baseado em linguagem acessível a qualquer curioso das relações entre a Medicina, ciência materialista por excelência e o espiritismo, Ciência Espírita é valiosa contribuição científica ao estudo do Espiritismo.

NOTA — Ciência Espírita, valiosa contribuição científica ao estudo do Espiritismo, de autoria do médico brasileiro Antônio Pinheiro Guedes, que reservou uma página de honra aos Lentes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Cr\$ 25,00. Cada volume, pelo correio, custa mais Cr\$ 5,00 (cinco cruzeiros). Para o estrangeiro, mais Cr\$ 20,00 (vinte cruzeiros). As remessas deverão ser feitas por vale postal, valor declarado, ordens ou cheque nominal, e nunca em cartas de portes simples, e endereçadas ao Centro Redentor, à rua Jorge Rudge, 119 — Rio de Janeiro.

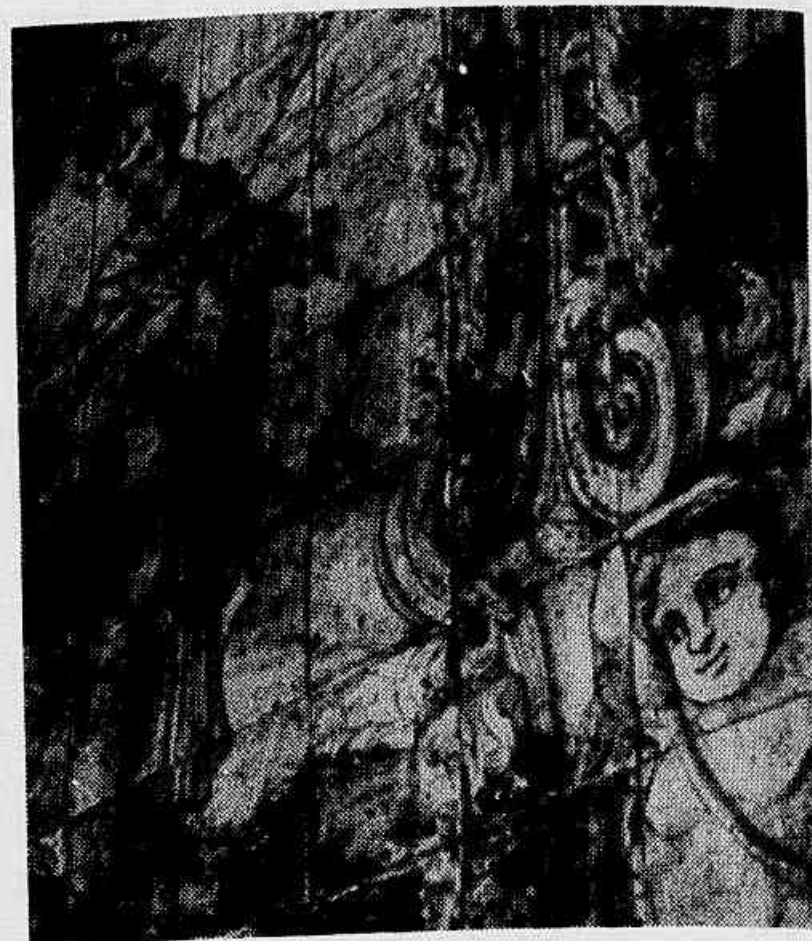


INSTITUTO BIOLÓGICO
DO RIO DE JANEIRO, LTDA.

Caixa Postal nº 1.202

UM MUSEU SE DESTRÓI A...

(Cont. da pág. 57)



O Patrimônio Histórico arrematou respectivamente por 210 e 170 mil cruzeiros dois painéis de azulejo português da antiga Sé de Olinda, que em vida do dr. Simoens lhe custaram um «muito obrigado». Em 1914 os meninos pernambucanos divertiam-se destruindo os ladrilhos a pedradas, numa inconsciência do seu valor que se estendia às autoridades do Estado. O colecionador só teve que pedir os ladrilhos inúteis ao arcebispo D. Luís Raimundo da Silva Brito, que, em «dádiva generosa» os doou.

◆ **HERDEIROS: «QUEM DÁ MAIS?»** — Com o falecimento do dr. Simoens, em 1948 (um dos seus mais ilustres descendentes é o compositor «Bororó», autor do choro «Da côr do pecado»), os seis herdeiros incluídos no inventário resolveram vender o Museu ao correr do martelo, o que equivale a dispersar, conscientemente, os bens reunidos pelo velho colecionador, através de 69 anos de uma vida consagrada à estranha sensualidade de possuir — nos objetos mais desconhecidos — um pouco de todo o mundo ao seu alcance. Finalmente, com a autorização do juiz da 2ª Vara de Órfãos e Sucessões, e «concordância dos herdeiros», começou o leilão, na noite de 15 de julho último, quando o martelo do leiloeiro Ernâni entrou a bater, inexoravelmente, sobre quatro séculos de História do Brasil: suplícios de ferro «com cornos, para negro fujão» (preciosos documentos dos tempos da escravidão) foram arrematados por diletantes até por menos de 100 cruzeiros.

◆ **QUASE 10 MILHÕES** — Os 17 leilões do Museu Histórico Simoens da Silva (dos quais o último foi o da magra biblioteca de 150 títulos do colecionador, constituía a maioria dos volumes de revistas especializadas em arqueologia) renderam, no final, quase 10 milhões de cruzeiros, havendo certos leilões, como aquele em que foram vendidas duas figuras em azulejos da Sé de Olinda, alcançado, isoladamente, 800 mil cruzeiros.

Durante os lances — com o casarão sempre cheio de «connaisseurs», representantes de museus oficiais e particulares e de inocentes úteis (para o leiloeiro) — foram registradas cenas comoventes como a de dois particulares que lutaram até a casa dos milhares de cruzeiros por um capacete dos Dragões da Independência, exatamente igual aos que, ainda hoje, são usados pelos soldados do regimento nos dias de parada, e excitantes, como o gesto da senhora de um conhecido banqueiro, que se empenhou numa luta de lances altos contra outra senhora da sociedade (escritora, com livros traduzidos na Europa) para arrematar o lote 319: «l raríssimo exemplar de barro, moringue, representando a prática do coito, encontrada nas escavações de Nasca, Peru», como lá dizia o Catálogo do leilão, com todas as letras.

CHRISTIAN PINEAU

EM NOVE RESPOSTAS

Christian Pineau, ministro das Relações Exteriores da França. Visitou o Brasil e outros países do Continente. O ministro abre uma série de entrevistas (Fulano de Tal em 10 respostas) que a REVISTA DA SEMANA publicará. Nesta nossa primeira série as clássicas perguntas não aparecerão por estarem implícitas nas próprias respostas.



1 É INEXATO PENSAR que a razão principal de minha viagem foi a de vir falar, na América Latina, de algum problema particular, especialmente o da Argélia. Não quero dizer, de modo nenhum, que esse não é um problema que tenhamos que enfrentar. Mas, se não houvesse a Argélia, a Conferência dos Embaixadores Franceses em Santiago (motivo de minha viagem) não deixaria de realizar-se.

2 O MERCADO COMUM visa, essencialmente, a preparar as economias dos seis países para se criar uma potência de produção e de expansão que se traduzirá, evidentemente, por um aumento do consumo interno desses países e não para protegê-los contra o comércio de outros países.

3 A REALIZAÇÃO do Mercado Comum é, aliás, uma obra de longo alcance, pois que são previstos uns quinze anos para que possa ele dar resultados completos, e o que nós esperamos é que, no curso desses quinze anos, a produção e a expansão dos seis países do Mercado-Comum poderão ser tais que conseguiremos sua realização definitiva nas melhores condições possíveis.

4 DE DUAS MANEIRAS isso poderia traduzir-se em nossas permutas externas. Primeiro, por uma possibilidade de entente entre os seis países da Europa Ocidental, tendo em vista ajudar o desenvolvimento do conjunto dos países do mundo que se dirigem, com toda a boa vontade, para nós: uma ajuda essencialmente técnica e industrial. Em segundo lugar, aumentando de maneira suficiente o consumo interno de nossas países, para que, no conjunto, nossas permutas internacionais se vejam aumentadas e não diminuídas. Insisto, porém, no aspecto político do problema, porque era deveras importante, até para o equilíbrio do mundo, que esta união entre os países da Europa Ocidental (união que, em verdade não prejudica ninguém) pudesse realizar-se da maneira porque foi realizada.

5 DESEJARIA DEFINIR a posição da França, perante as Nações Unidas, no que se refere ao problema da Argélia. Consideramos que esta é uma questão interna francesa e creio que nunca foi mais bem feita a demonstração disso, no plano jurídico, do que quando pedimos, no ano passado, ao ilustre jurista brasileiro, sr. Raul Fernandes, sua opinião sobre o assunto. É nossa convicção que temos, unicamente nós, a responsabilidade (bem pesada, aliás) de resolver o problema argeliano.

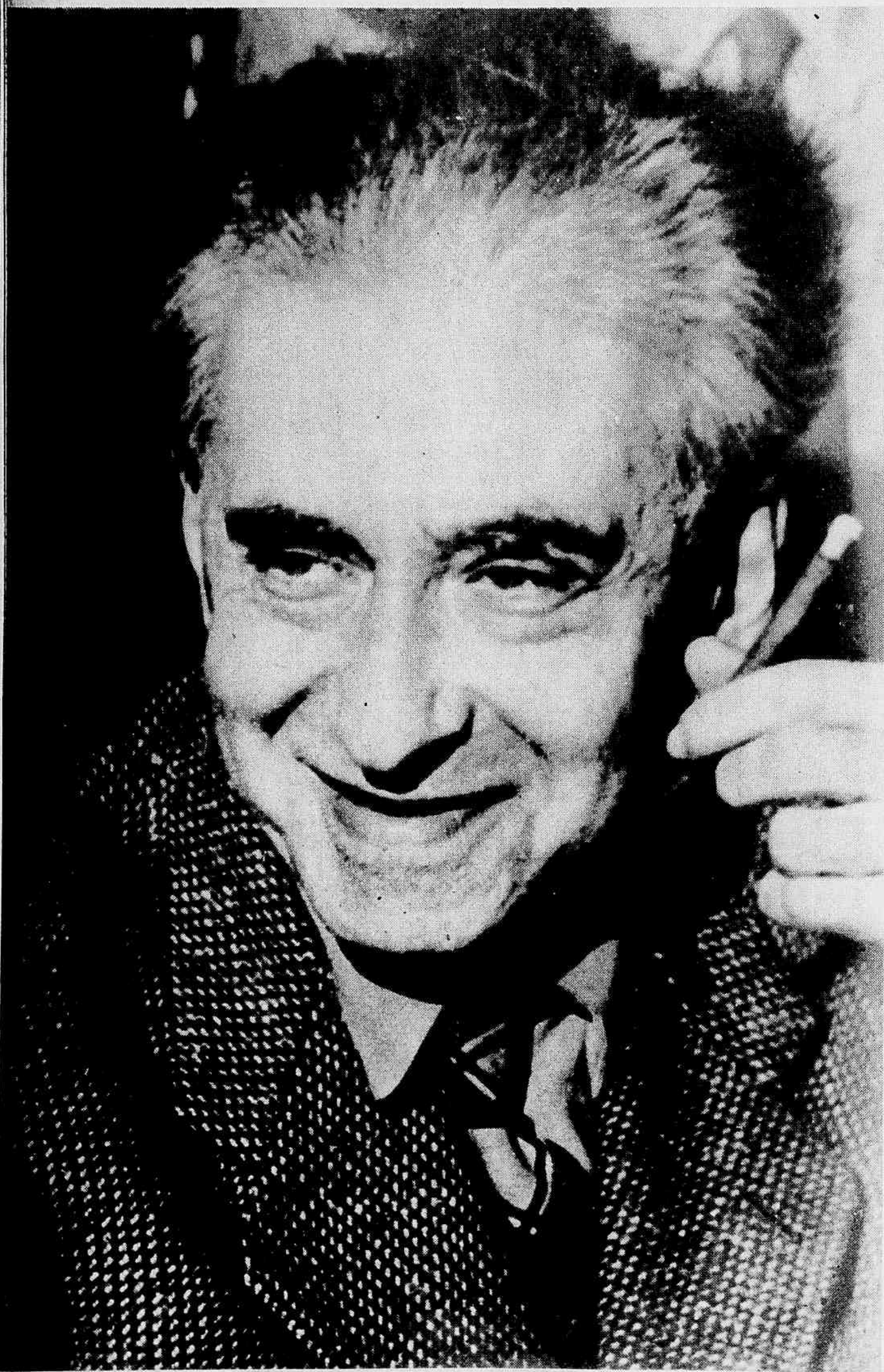
6 NÃO SE ALTERARÁ, este ano, a posição da França, no tocante a essa questão. É provável que submetamos, brevemente, ao Parlamento francês, um projeto de lei no qual indicaremos, logo, quais possam ser as instituições futuras da Argélia e as relações entre a Argélia e a França metropolitana. É muito cedo, ainda, para dar, em detalhe, o que deve ser submetido, antes de qualquer discussão, ao Parlamento francês. Mas...

7 OS PRINCIPAIS PONTOS do projeto serão os seguintes: igualdade absoluta entre todas as populações que habitam a Argélia, com iguais direitos políticos e econômicos; organização que permita a coexistência de duas populações muito diferentes; afirmação da personalidade da Argélia, criando-se instituições políticas propriamente argelianas e realizando-se, ao mesmo tempo, a descentralização política que corresponde à situação política real da Argélia. Tem-se, portanto, que prever assembleias e poderes executivos locais, um executivo e um legislativo, cujos poderes seriam, fora dos reservados à França Metropolitana, delegados ao organismo federativo pelo conjunto das Assembleias locais. É, aliás, no fundo, o sistema empregado por todos os grandes Estados democráticos e federalistas.

8 FAÇO QUESTÃO DE FRISAR que, além das discussões evidentes sobre a suspensão das hostilidades, entre todos os que combatem, não pode haver discussão política real senão com representantes realmente eleitos e que podem dar provas de seu caráter representativo. A violência das operações no momento, entre os diversos grupos muçulmanos, mostra que há, na Argélia, muito mais diversidade de opiniões do que geralmente se imagina. Como exprimi-las, de outro modo, senão por meio de representantes livremente eleitos? Eis porque mantemos nosso ponto de vista: cessar fogo incondicional, de um e de outro lado, o que não significa nenhuma rendição por parte dos rebeldes. O certo é que a França deseja eleições sem as quais pensamos não haver possibilidade de negociações.

9 O QUE PROCUREI DEMONSTRAR é que o problema argeliano é infinitamente complexo, muito mais do que julga a opinião pública internacional. Eu, pessoalmente, assinei os tratados que concedem a independência à Tunísia e Marrocos. Fui membro de um governo que propôs ao Parlamento a lei-estatutária para o conjunto dos territórios de ultramar. E se há, em minha opinião, uma reprovação à qual a França não somente é, mas deve ser particularmente sensível, é a de colonialismo.

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



EHRENBURG INADMISSIVEL

△ Ilya Ehrenburg foi acusado de «faltar ao seu dever cívico e artístico», pelo órgão da União dos Escritores Soviéticos, por causa de um artigo sobre Stendhal. Escrevendo a respeito do autor de «O Vermelho e o Negro», o mais famoso escritor russo da atualidade «fugiu ao dever de apoiar» os estudos soviéticos a respeito do grande romancista e «não falou deles» o que, segundo o órgão da União dos Escritores, é «absolutamente inadmissível». Ehrenburg, sobre cuja cabeça vem se formando uma tempestade, desde o aparecimento de «Degelo» (novela em que põe a nu as mazelas da sociedade soviética), disse, recentemente, referindo-se a Stalin, que «ainda há um cadáver insepulto na Praça Vermelha».



ESTUDANTES DE YALE RENOVAM O TEATRO NOS ESTADOS UNIDOS

◆ Dentro do seu programa de promover o interesse dos universitários pela atividade teatral, a Associação de Arte Dramática da Universidade de Yale organizou um Festival de Teatro Amador que foi uma das mais proveitosas iniciativas estudantis do ano. Participaram do certame 230 alunos de 19 universidades e foram apresentados onze grupos de representação dramática. Houve espetáculos matinais, para estudantes, e noturnos, para o público, além de conferências, reuniões e almoços de confraternização. Bradford Dilman, um jovem ator da Broadway, que se formou pela Universidade de Yale, também participou do festival.

Tanto a crítica especializada como o público aplaudiram a iniciativa de Yale e a prestigiaram lotando o teatro da Universidade onde foram realizados os espetáculos.

O MAIOR HELICÓPTERO DO MUNDO

△ O novo «Vertol 44», o maior helicóptero comercial do mundo, carrega um grande pedaço de cano pesando 1 826 libras durante uma demonstração, no aeroporto do condado de Westchester. A exibição foi realizada para demonstrar a possibilidade do aparelho promover o transporte de equipamentos pesados para operações de perfuração do petróleo. Representantes da indústria de petróleo da Nação assistiam as séries de vôos, realizados em White Plains, Nova Iorque.





POR ÊSSE
MUNDO DE DEUS

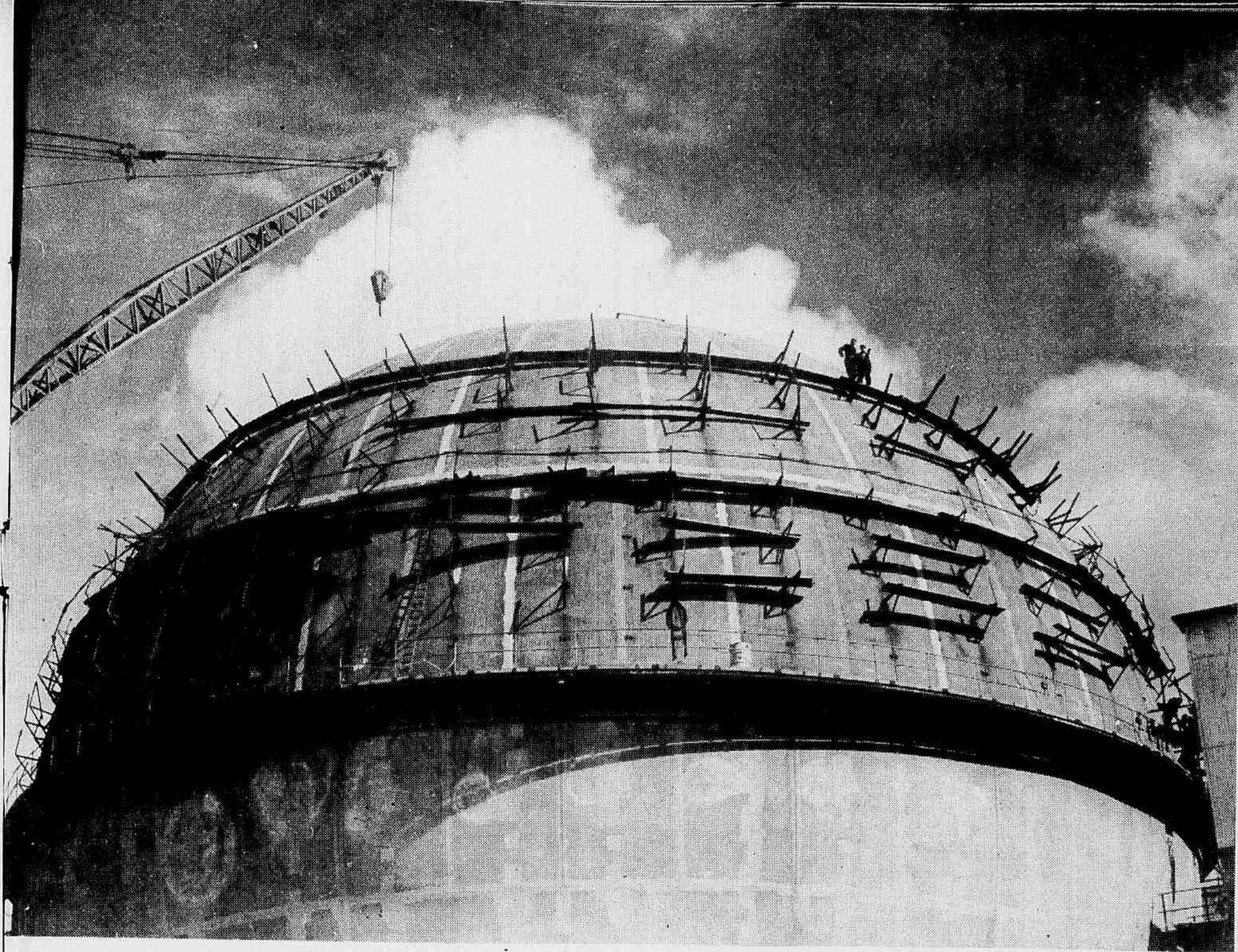
A NOVA MISS EUROPA

♦ Corine Rottschäfer, representando a Holanda, conquistou o título de Miss Europa. O segundo lugar coube a Miss Finlândia, Maria Lindahl. A nova Miss Europa é alta, loira e tem os olhos azuis. O concurso foi realizado em Baden-Baden, Alemanha.

CORPO DE GEORGINA, CABEÇA DE MARGARET

△ Georgian Moore, bailarina de 19 anos, constitui o grande escândalo de Londres no momento. A pequena não tem culpa. Acontece porém que o pintor italiano Pietro Annigoni escolheu o corpo de Georgian para servir de modelo para um quadro que está pintando. Não haveria nada de mais se a cabeça escolhida também fôsse da bailarina. Acontece que era a da princesa Margaret.



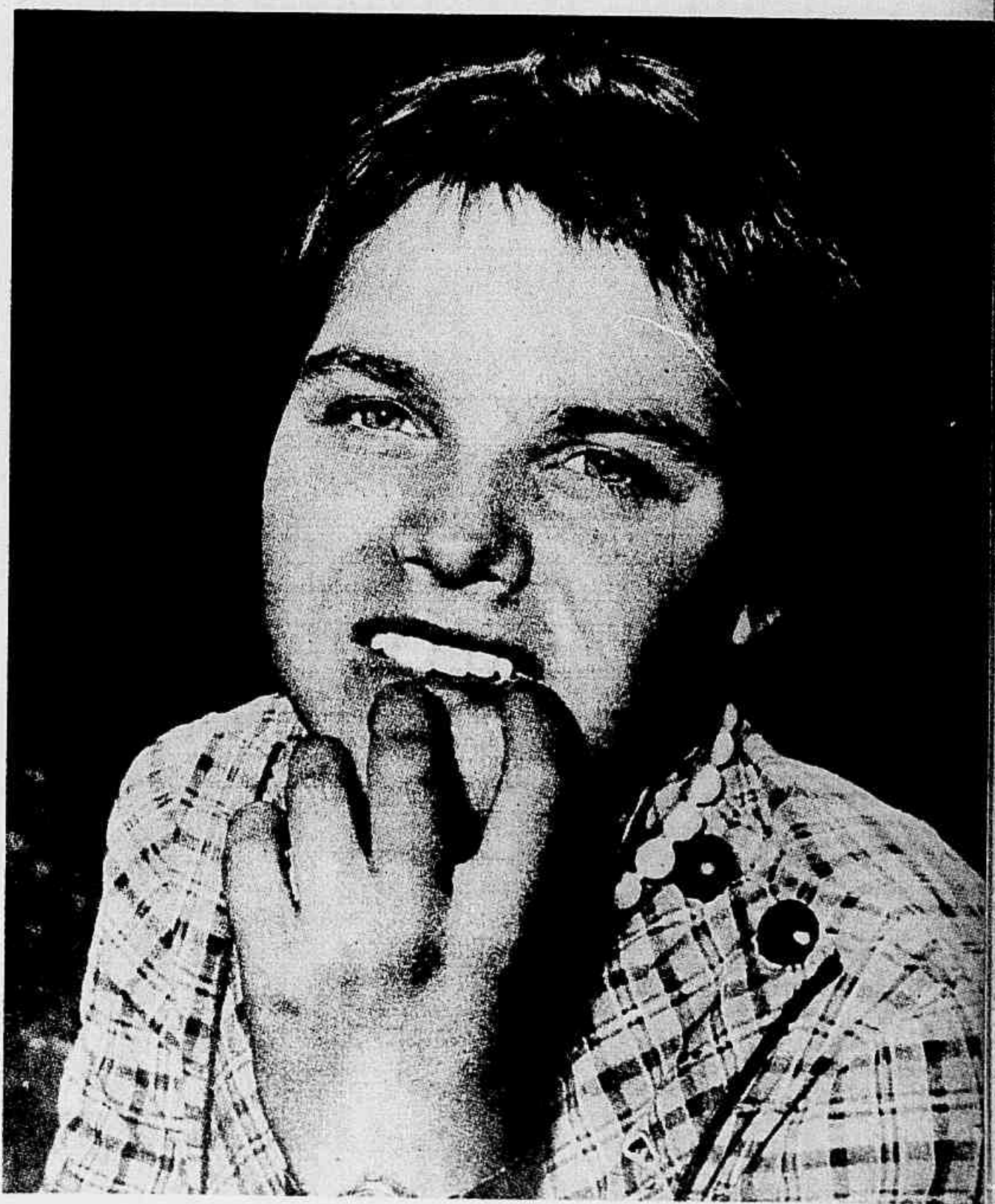


USINA ATÔMICA DO FUTURO

△ A grande esfera de aço (40 metros e meio de diâmetro), em construção na localidade de Dounreay (Escócia) abriga um reator de rápida procriação de neutrons. Sua base é o eficiente aumento do uso de urânio, de modo que uma tonelada desse minério possa fazer o trabalho de um milhão de toneladas de carvão e não de apenas dez mil, como agora. No começo do próximo ano, o reator, ora em processo de montagem, começará a operar e isso importará em gigantesco progresso sobre as atuais usinas atômicas, munidas de reatores do tipo Calder Hall. Dounreay, até há pouco local abandonado da costa escocesa, é, agora, centro de uma atividade febril durante as vinte e quatro horas do dia.

O NOVO CASO DA LITERATURA FRANCESA

△ Estamos francamente na época dos jovens sucessos literários. Mas desta vez a coisa é mais interessante, pois não se trata de nenhum brôto com ares existencialistas. O mais incrível é que Berthe Grimault não sabe ler nem escrever. Ditou dois romances que estão constituindo o grande caso literário do ano em Paris. Os romances foram ditados nas horas de folga de seu trabalho. Berthe, que tem 17 anos, é uma camponesa e sua tarefa principal é cuidar dos porcos e das cabras.





IX CONGRESSO PAN-AMERICANO DE ESTRADAS DE FERRO

◆ Viajou recentemente para Buenos Aires em avião da Pan-American o engenheiro JAIR RÉGO DE OLIVEIRA, Diretor da E. de F. Central do Brasil, que foi tomar parte nos trabalhos do IX CONGRESSO PAN-AMERICANO DE ESTRADAS DE FERRO, comemorativo do Centenário da primeira Estrada de Ferro Argentina, que transcorrerá no próximo ano. Ao bota-fora do ilustre viajante compareceram figuras das mais representati-

vas nos meios político, social e administrativo do país, vendo-se na foto, da esquerda para a direita, entre outras pessoas de destaque, o Vice-Diretor da Central, o chefe do gabinete do Diretor Jair de Oliveira, este, o chefe do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, a jornalista Cora Lopes, a gentilíssima filha e exma. esposa do Diretor da Central.



△ RUTH ROMAN FOI CONTRATADA para o único papel estelar feminino na produção da Transcontinental Films para a Columbia, «Triunfo Amargo» (Bitter Victory), juntando-se, assim, a Richard Burton, Kurd Jurgens e Raymond Pellegrin. Fará o papel de esposa de um oficial do exército que se torna o pomo da discórdia entre o marido e um de seus colegas. Há dois anos, Ruth Roman esteve na Inglaterra para filmar «Joe Macbeth» para a Columbia. Agora, livre de contratos, ela pretende fazer um filme por ano, na Europa. «Triunfo Amargo» baseia-se num livro de René Hardy e conta um incidente ocorrido no deserto do Norte da África, durante a campanha da Segunda Guerra Mundial. Nicholas Ray dirige e Paul Graetz produz.

◇ UNIFICAÇÃO DA LÍNGUA comum e de sua ortografia é um dos pontos em debate no III Colóquio Luso-Brasileiro, ora reunido

em Lisboa e promovido pelas Academias de lá e de cá. O presidente da Academia Brasileira de Letras, Peregrino Júnior, acha que a unificação deve ser realista, levando em conta as particularidades da fala e da escrita no Brasil e em Portugal, mas é provável que ainda voltemos a escrever «facto», «objecto», etc. no estilo d'além mar.

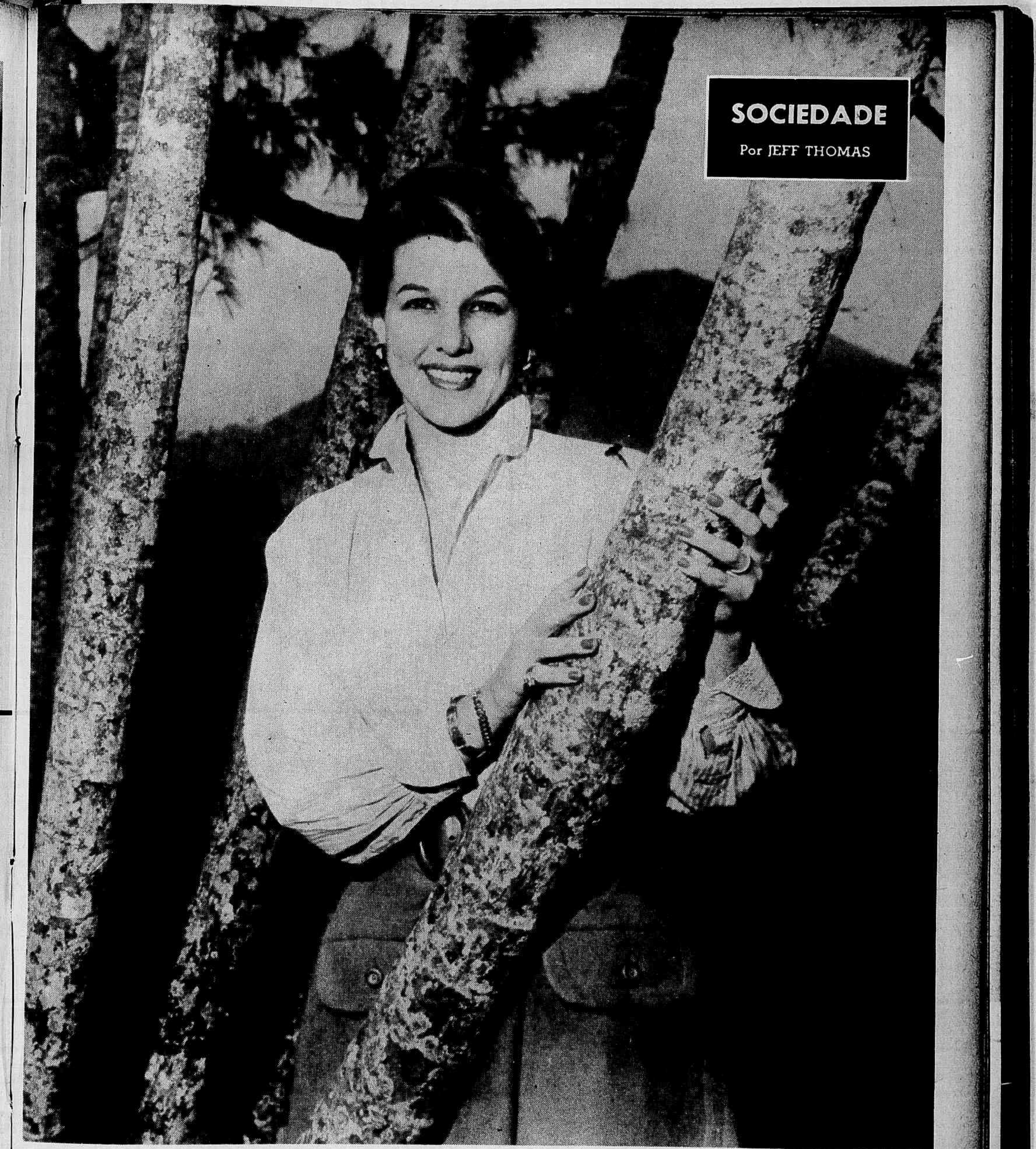
◇ PRODUTOS BRASILEIROS estão atravessando a fronteira dos países vizinhos e retornando como contrabando. Os prejuízos do comércio são enormes e se equiparam aos que estão sofrendo as finanças públicas. O contrabando é tão generalizado na região fronteiriça que a população de Itaqui (Rio Grande do Sul) foi tãda para as ruas tentar impedir uma reunião de comerciantes contra o comércio ilícito. Uma comissão da Associação Comercial Gaúcha veio ao Rio contar essas coisas e pedir (sem ilusões) ao governo que dê um jeito.

◇ NOVA CRATERA está sendo procurada no vulcão siciliano Etna que voltou a expelir fogo e enormes rios de lava, na segunda erupção deste ano. O vulcão passou muito tempo sem dar sinal de vida e, quando já se o considerava extinto, um belo dia espalhou o pânico nas aldeias próximas, despejando matéria incandescente sobre grande área. Pesquisas estão sendo realizadas pelo Instituto de Vulcanologia da Universidade de Catânia, que busca encontrar nova cratera e determinar sua localização.

A partir da próxima Revista da Semana:

QUEM É VOCÊ?

Testes de personalidade e de conhecimentos gerais.

A black and white photograph of a woman, Mimi Caraballo, leaning against a large, textured tree trunk. She is smiling and looking towards the camera. She is wearing a light-colored, button-down shirt with the sleeves rolled up. Her hands are resting on the tree trunk. The background is dark and out of focus.

SOCIEDADE

Por JEFF THOMAS

Esta é a FASCINANTE Mimi Caraballo (née Alencastro Guimarães) fotografada numa tarde no Itanhangá. O «hobby» de Mimi é jogar Golf.

CLOSE-UP DE MULHERES FASCINANTES



Senhora Walter (Vera) Butler é **FASCINANTE** e elegantíssima. Vera mora num apartamento no Morro da Viúva e seu «hobby» é: Tradutora.



Heleninha Brenha é mais paulista do que carioca. Na semana que passou no Planalto foi a mais **FASCINANTE** que transitou no «High-Society».

FASCINANTES DO "HIGH-SOCIETY"

◇ Para limpar o cenário e fascinar os leitores, apresento nesse meu novo lançamento de coluna um «Close-up» com quatro **FASCINANTES** senhoras do «High-Society» carioca e paulista também. Sem a vaidade de ser apontado como um dos mais lidos e comentados colunistas do Brasil, é com prazer que comunico a grande repercussão que está tendo

essa minha promoção de escolher as «Dez mais **FASCINANTES**». Estou apresentando agora, quatro das senhoras mais **FASCINANTES**, que transitaram na outra semana entre o Rio e o Planalto. São elas: Vera Butler, Mimi Caraballo, Heleninha Brenha e Lia Mayrink Veiga.

NEWS WEEK

GOVERNADOR MARIZ — Trata-se do chefe do Executivo potiguar, e é o único governador de Estado a residir no Rio. O sr. Dinarte Mariz trocou seu palácio em Natal por um bem montado apartamento no Morro da Viúva, e do Bife de Ouro, do Jockey Club ou do «Night-And-Day», governa seu Estado, por carta ou telegrama. Quando o assunto é de emergência o vaidoso governador usa o telefone interestadual, que é muito mais prático. Atualmente é mais candidato a participar do «Café-Society» carioca do que a qualquer cargo político. Sem comentários...

◇ Este ano no Festival Cinematográfico de Veneza, uma coisa estranha está acontecendo no programa. É que as candidatas ao estrelato não estão se deixando fotografar com trajes reduzidos (ou reduzidíssimos) devido uma campanha da igreja contra tal exibicionismo.

◇ A direção do COPA promete inaugurar em outubro seu Restaurante para jantares exclusivamente de «Black-Tie». A exemplo do famoso Maxim's, em Paris, esses jantares serão nas noites de sexta-feira (semanalmente) porque essas são as mais «High-Society» nas famosas capitais do mundo.

Sabiam? Depois de ler uma nota nesta coluna a seu respeito o Maitre Luís anda comentando no «Sacha's» que ficou muito aborrecido e agora vai pedir ao sr. Osvaldo Penido (Subchefe da Casa Civil da Presidência da República) para cortar este colunista de «A Noite». Isto parece mais uma piada, vocês não acham?

◇ O tão comentado modelo que a elegante sra. Didu (Thereza) de Sousa Campos usou na Recepção dos Garavaglia, era AZUL e não preto, como certos colunistas noticiaram.

◇ A sra. Otacilio (Maria Eudóxia) Gualberto de Oliveira, reabriu dia 4 seus salões, recebendo um grupo do «High-Society» feminino para um almoço, tendo como convidado de honra a senhora Sara Kubitschek.

◇ A escritora Dinah Silveira de Queiroz, foi ao Planalto, exclusivamente para autografar seu novo livro já batizado de «As Noites do Morro do Encanto».



O Embaixador Altuvio Carrillo, da Venezuela, transformou a «Casa das Pedras» num dos mais movimentados salões do Rio de Janeiro.

Na «soirée» do dia 31 foi promovida no Aero-Clube de Recife pelos colonistas sociais uma festa que foi batizada de «Uma Noite de Charleston».

O Embaixador Altuvio Carrillo, da Venezuela, depois que alugou a pitoresca «Casa das Pedras» (75 mil, o aluguel) transformou-a num dos mais movimentados salões do Rio.

Não é mais segredo. Ainda este ano o Embaixador Amaral Peixoto deixará seu posto em Washington, para se dedicar exclusivamente à política.

Um turista americano em Londres quando viu o jovem duque de Kent (Eddie, para os íntimos) no volante de sua nova «Aston-Martin», pensou tratar-se de um disco voador. Apesar de proibido de pilotar carros de corrida, o turbulento primo da Rainha Elizabeth, ainda usa em fazer dessas.

Foi comemorado com uma recepção onde conhecidas figuras da política e do «society» compareceram ao casamento da artista Fada Santoro com o milionário Maki Krymchantowski.

Até a Próxima.

Estou arrumando as malas para decolar rumo a Paris, onde tenho um encontro com o «High-Society» Internacional.

Diariamente com vocês em «A Noite».



O Conde Modesto Leal, figura de participação ativa no «High-Society» carioca. Segundo declarações da sra. Butler, ele é mais elegante que o Adolfo Graça Couto.

COMENTA-SE — Que «Miss-Bangu» mais uma vez não foi feliz em uma entrevista que concedeu, deixando em verdadeiro «suspense» aqueles que a conhecem com aquele seu rostinho todo santificado. Cuidado menina, se quiser uns conselhos me telefone.

... Que a **INSATISFEITA** continua com a idéia fixa de se recolher a um mosteiro ainda este ano.

... Que o advogado Estelio Belchior resolveu acabar mais um noivado. E ela?

... Que determinada senhorita podia deixar de ser menos leviana com seus casos sentimentais, não criando confusões como recentemente aconteceu...

... Que o paulista José Luiz Herreiro e a também paulista Vera Loureiro casarão ainda este ano. E Milu, quando casará?

... Que o caso do Scotch-Bar já entrou em fase de liquidação, mas ele continua escutando ambas. E daí?

GOSSIPS

... Que Maria de Lourdes Monteiro tem transitado pouco. Mas ela é uma boneca muito **FASCINANTE**.

... Que Marilu Crespi só fez operação plástica no nariz devido ao grave acidente que sofreu num veículo na praia do Flamengo. Devido a isso Marilu passou a usar óculos escuros a «La Greta Garbo».

... Que não é verdade que este colonista esteja de noivado marcado. São meros boatos da **INSATISFEITA** que certamente está com falta de assunto.

PORQUE... Rita Hayworth, recentemente em um «Night-Club» de Hollywood, resolveu jogar um copo com água geladíssima em cima da cabeça de seu atual caso sentimental: Jim Hill?

... O jovem diplomata Marcos Azambuja, (que é pequeno mas sempre dá sorte) quando dança faz uma ginástica nos pés e no pescoço para poder dançar «Cheek-to-cheek»?

... A loura Suely Machado da Silva, que é uma das colheitas mais **FASCINANTES** de 57, está sem «date»?

... A Imperatriz Soraya não pode ter filhos?

... Vanja Orico está adiando tanto sua viagem ao Rio?

... A sra. Irene Guinle, que é vista com frequência sendo escoltada pelo milionário Nelson Seabra, diz que são apenas «bons-amigos»?

... André Jordan continua recolhido?

... Ela deixou mesmo de ser **FASCINANTE**?

STOP.



Irene Guinle (viúva do saudoso Carlinhos Guinle) continua no Rio e seu «date» preferido continua sendo o milionário Nelson Seabra.



Rosinha Serzedelo Machado, que preferiu namorar os paulistas aos cariocas, aparece na foto com a sra. Helena Valadares, ex-Fernando Sabino. Ao fundo o jovem diplomata Marcos Azambuja.



Fada Santoro, hoje sra. Maky Krymchantowski, deixou o cinema e a televisão pelo conhecido joalheiro Maky.



A fotografia mostra a mesa do banquete realizado no Salão das Rosas do Hipódromo Brasileiro, ricamente ornamentada de orquídeas e flores silvestres. Nela sentaram-se o ministro da Guerra, os oficiais gerais da guarnição da Capital, o presidente e diretores do Jockey Club Brasileiro.

O TURFE NO CULTO DE CAXIAS

Sempre presente às comemorações das grandes datas nacionais, no programa de exaltação cívica que há muito vem cumprindo, o Jockey Club Brasileiro festejou, no último domingo de agosto, o Dia do Soldado, reunindo no Hipódromo Brasileiro os oficiais gerais sediados na

guarnição da Capital, tendo à frente o ministro da Guerra, aos quais ofereceu um banquete no Salão das Rosas, e fazendo correr o Grande Prêmio Duque de Caxias. Oferecendo o ágape e reverenciando a memória do Grande Soldado, falou o presidente da sociedade, sr. Mário



A esquerda — O general Teixeira Lott assiste às corridas da Tribuna de Honra do Hipódromo, em companhia dos srs. Mário A. Ribeiro, Francisco E. de Paula Machado e Luiz Gallotti. À direita — Um grupo na Tribuna: as senhoras Mário Ribeiro e general Lima Braga, o casal Paulo Siqueira e o general Lima Brayner. O programa de corridas, incluindo o Grande Prêmio Duque de Caxias, foi ótimo.

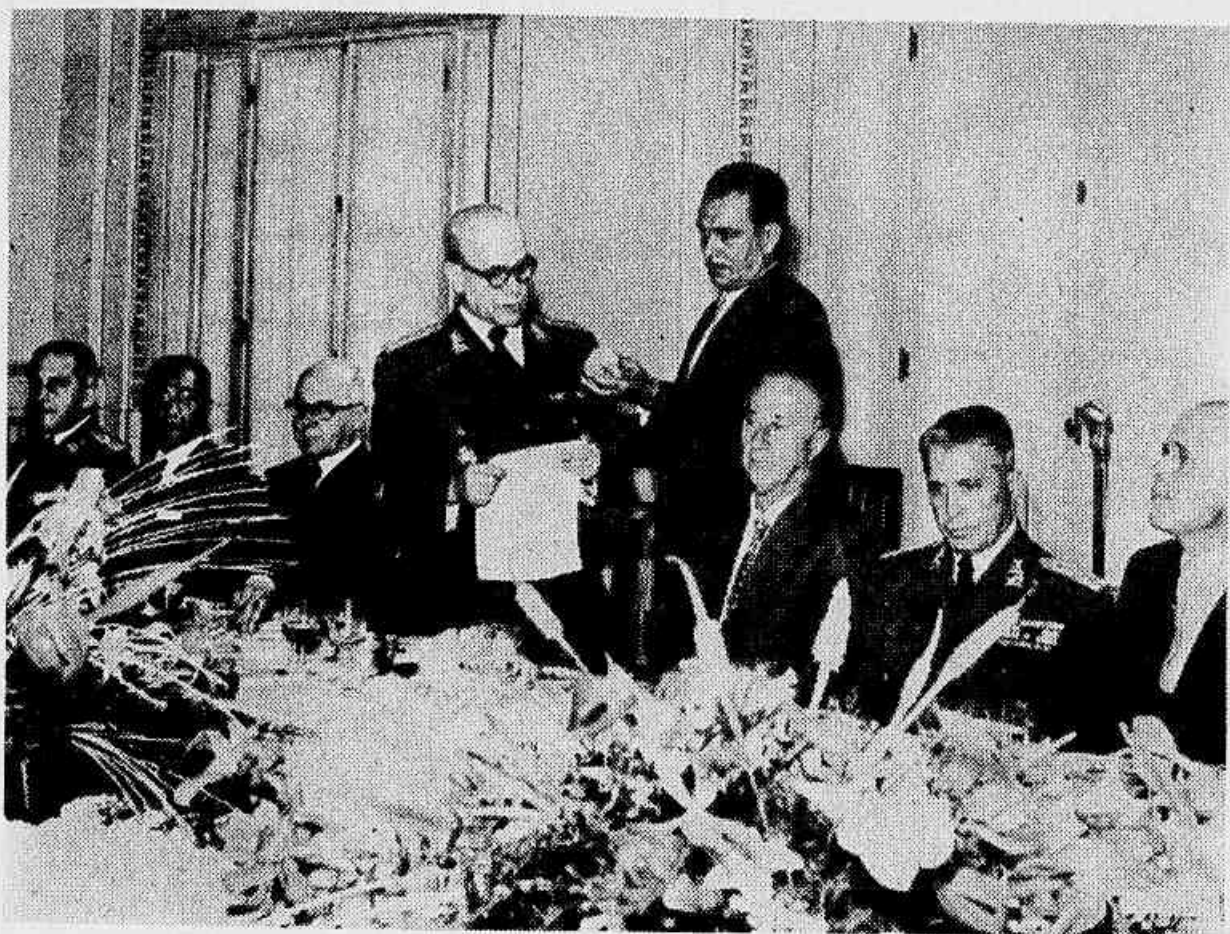
de Azevedo Ribeiro, que terminou por saudar o Exército Brasileiro na pessoa do seu chefe ali presente. O general Nicanor Guimarães de Sousa fez o agradecimento, destacando, no seu discurso, o relevante papel do Jockey Club Brasileiro na criação e melhoria do cavalo nacional, inclusive em cooperação com a tarefa de remonta do Exército. O ágape decorreu num ambiente de estreita cordialidade, estando cada oficial general ladeado por um membro da diretoria da sociedade carreirista.

Findo o banquete, os presentes dirigiram-se à Tribuna de Honra do Hipódromo, onde assistiram o desenrolar das corridas, aí figurando com relêvo o Grande Prêmio «Duque de Caxias», vencido pelo parelheiro Uja, de propriedade da senhora Zélia Gonzaga Peixoto de Castro, a quem, finda a prova, o general Teixeira Lott entregou uma rica taça de prata, em louvor da vitória conquistada, trocando-se, ao «champagne», efusivas saudações.

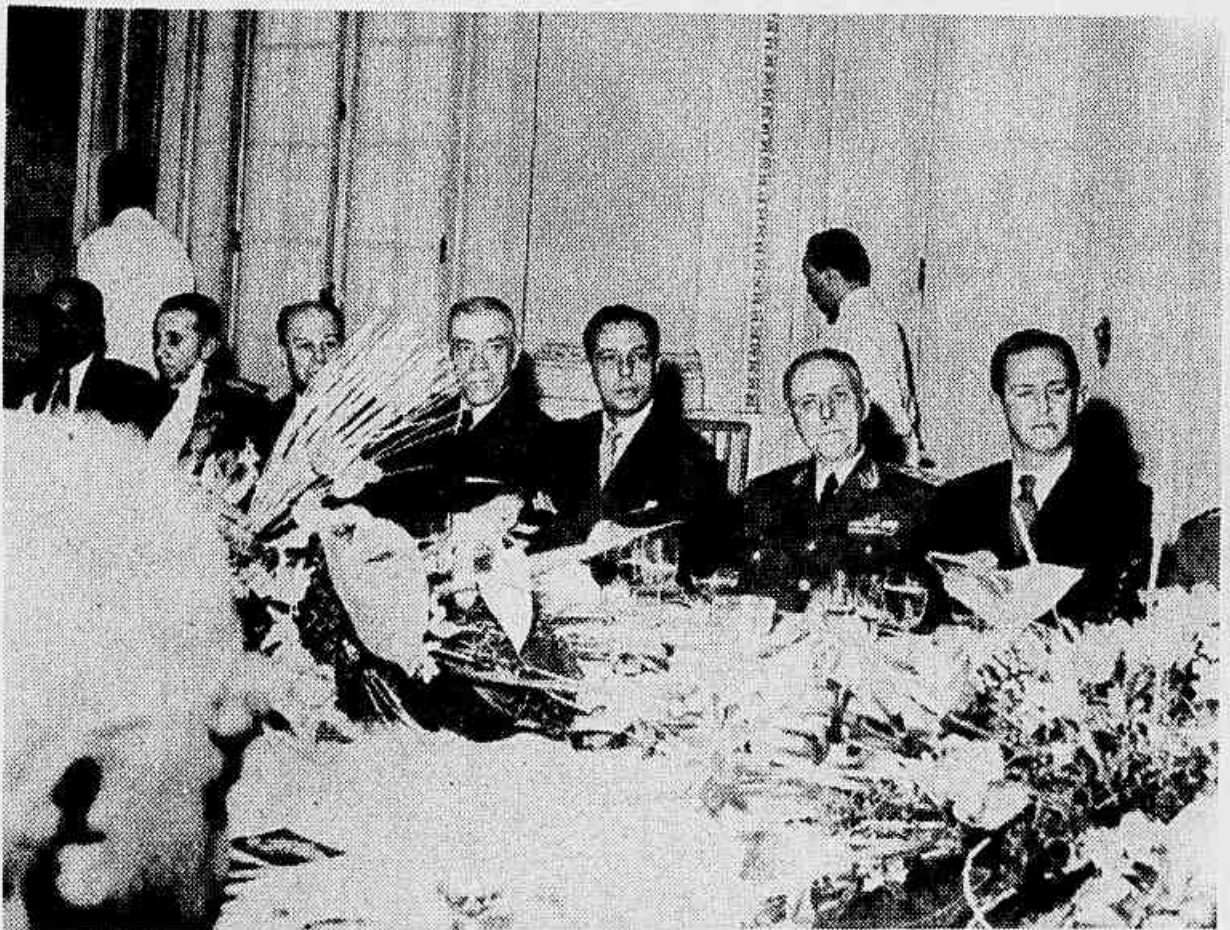
O culto de Caxias, o imortal Patrono do Exército Brasileiro, teve, na participação do turfe, através da bela festa realizada no prado da Gávea, uma das mais brilhantes fases da semana de comemorações do Dia do Soldado, hoje definitivamente consagrado nas patrióticas atividades do Jockey Club Brasileiro.



O presidente do Jockey Club Brasileiro, sr. Mário de Azevedo Ribeiro, brinda o Exército Brasileiro na pessoa do min. Henrique Teixeira Lott.



À esquerda — O general Nicanor Guimarães de Sousa agradece a homenagem em nome do Exército, ladeado pelos generais Nelson Queiroz, Milton Cezimbra e Edgard Amaral e srs. Danton Coelho, Álvaro Werneck e Paiva Garcia. À direita — A saudação ao Exército, na palavra do sr. Mário Ribeiro, presidente do Jockey Club. Na foto, os generais Odilo Denis, Lott e Nelson de Melo e os srs. Luiz Gallotti e Jair Negrão de Lima.



À esquerda — Um recanto da mesa, no qual o sr. Francisco E. de Paula Machado, está ladeado pelo marechal Milton de Freitas Almeida, pelos generais Lima Brayner e Saldanha Mazza, e pelos srs. Edgard Braga, Álvaro Carijó e Celmar Padilha. À direita — Em animada palestra, na Tribuna de Honra, os generais Milton Cezimbra, Odilo Denis e Rodrigo José Maurício e o sr. Jair Negrão de Lima. Ambiente cordial, o da linda festa.

DURANTE 8 dias o Rio hospeda o elenco do Théâtre National Populaire que se exhibe no palco do Teatro Municipal, marcando, assim, o início de uma temporada de dois meses neste continente, onde apresentará quatro peças de seu repertório de 23 produções: «Le Faiseur», de Honoré de Balzac; «Don Juan», de Molière; «Marie Tudor», de Victor Hugo e «Le Triomphe de l'Amour», de Marivaux. Dentre estas vale destacar a comédia de Molière, por ser a mais representada das peças do T.N.P., tendo sido reprisada, nesses últimos 5 anos, 211 vezes pelo elenco de Vilar e levando perto de 300 mil espectadores aos teatros onde o T.N.P. a apresentou.





As maiores expressões da arte cênica francesa participam ou já participaram do elenco do T.N.P., tal como o ator de cinema e teatro Gérard Philippe, que vemos na página ao lado, numa cena da peça de Jean Vauthier «La Nouvelle Madragore». Gérard não está incluído no elenco que visita o Brasil. Ao alto: «Marie Tudor» tendo Maria Casarés no papel-título, é outro dos cartazes da temporada do T.N.P. no Rio. No cliché, a conhecida atriz (ajoelhada) contracena com Monique Chaumette.

O TEATRO NACIONAL POPULAR

(DE PARIS)

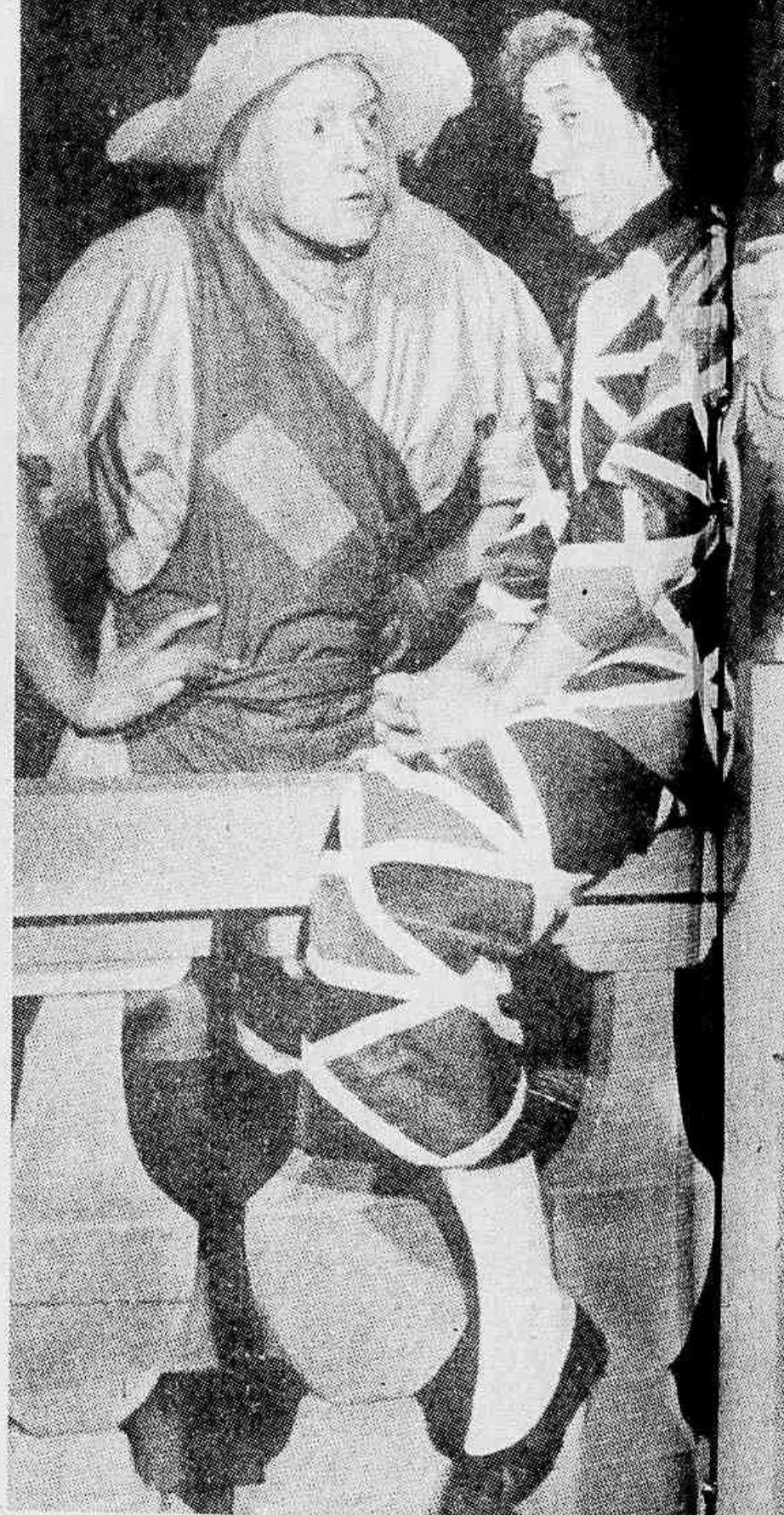
ESTRÉIA NO MUNICIPAL DO RIO

DEPOIS DE PERCORRER 21 PAISES O TEATRO NACIONAL POPULAR VEM AO BRASIL E NÃO TRAZ GÉRARD PHILIPPE.

Texto de LUIZ MORENO



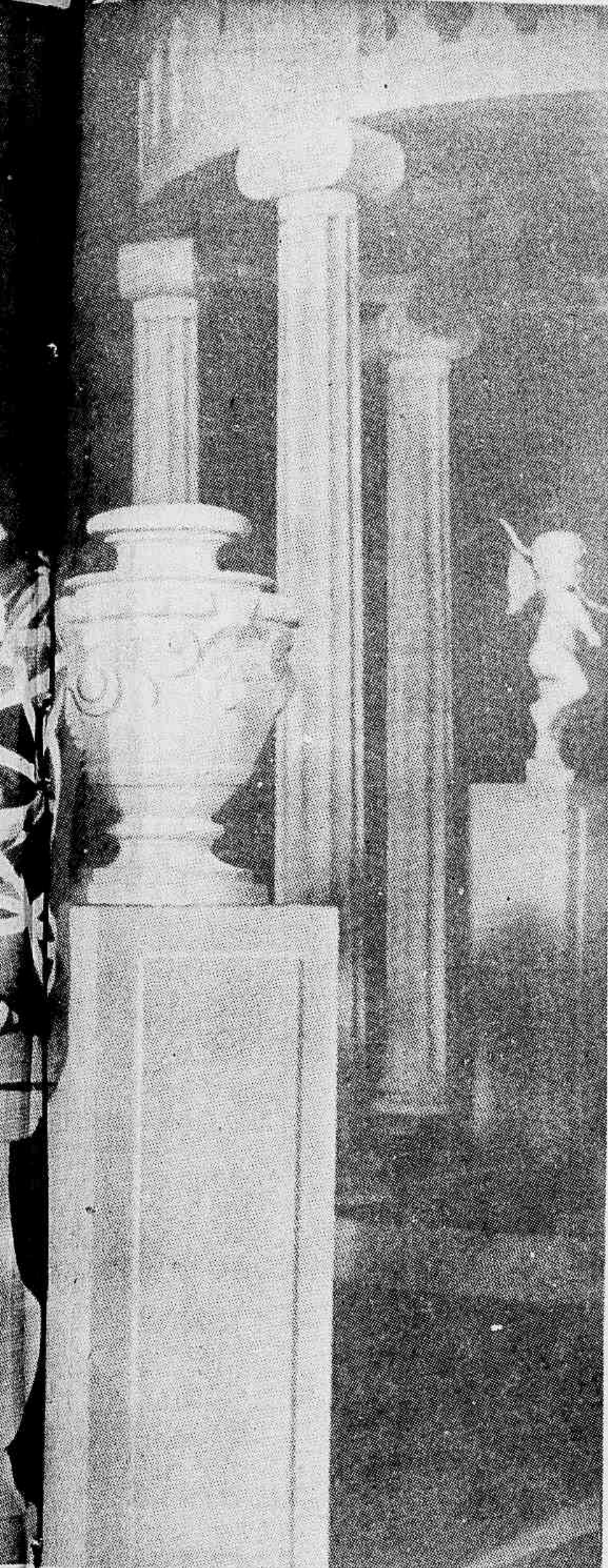
Pela ordem: Gaby Sylvia e Gérard Philipe numa cena de «Ruy Blas», de Victor Hugo; Le Triomphe de l'amour com Georges Wilson e Daniel Sorano; Jean Vilar no papel título de «Don Juan». A ausência de Gérard Philipe no palco do Teatro Municipal está sendo lamentadíssima.



O Teatro Nacional Popular tem, na França, uma missão muito importante, qual seja a de manter vivos o drama e a comédia clássicos, sem desprezar, entretanto, as peças de autores modernos. A finalidade essencial do T.N.P. é levar a cultura às grandes massas, pois, o Teatro Nacional Popular não é popular apenas no nome; ele desempenha essa missão desde 1920 quando, por decreto do Governo Francês, foi criada essa grande organização cultural. De início, o T.N.P. dava seus espetáculos no antigo Palácio Trocadero. Muitos anos se passaram até que, em 1951 Jean Vilar assumiu a direção do T.N.P., tendo realizado reformas drásticas na sua estrutura administrativa. Vilar criou um restaurante no Palácio de Chaillot (onde, aliás, funciona o teatro); suprimiu as gorjetas; alterou o horário dos espetáculos, passando das 21 para as 20 horas; criou matinês para estudantes e ainda pretende organizar uma creche anexa ao teatro a fim de que os pais que não tenham com quem

deixar os filhos possam assistir os espetáculos do Chaillot, iniciativa sui-generis que, se posta em prática viria beneficiar um número incalculável de chefes de família. O T.N.P. tornou-se, portanto, uma organização destinada única e exclusivamente à cultura popular. Sem fazer alarde da qualidade de seus intérpretes e de seu repertório, o teatro realiza na França o que se pode chamar de uma obra monumental. Funcionando numa das salas do Palácio de Chaillot, o maior auditório teatral de Paris, com seus 2.800 lugares, o T.N.P. realiza diariamente espetáculos para um público misto, onde se pode notar uma dama da alta sociedade parisiense ao lado de um operário da Renault.

A despeito de suas grandes montagens, seu riquíssimo guarda-roupa e seu elenco composto das maiores expressões da arte cênica francesa, o T.N.P. pode, graças ao auxílio do Estado (o governo fornece uma verba anual de cerca de 11 milhões de cruzeiros) apre-



sentar um teatro de alto nível cultural a preços popularíssimos, onde, com menos de 20 cruzeiros qualquer cidadão pode assistir uma comédia de Molière ou uma tragédia de Shakespeare.

♦ JEAN VILAR, O REVOLUCIONÁRIO

Jean Vilar, o veterano ator do teatro e do cinema franceses, é uma personalidade cuja vida tem sido, toda ela, dedicada à arte cênica e particularmente ao teatro popular. Quando, em 1947 Vilar fundou o Festival de Avignon, quase todos os teóricos de então se lançaram contra a idéia; teatro popular em festival não pode vingar, diziam uns; festival foi feito para turista gastar dinheiro, exclamavam outros e havia ainda os que afirmavam que Avignon não teria êxito, pois o teatro clássico não atrairia o grande público.

Vilar porém se mantinha fiel ao ponto de vista de que fazer teatro era fazer cultura e cultura para as massas era o que ele fazia... e Avignon teve um êxito sem precedentes, tendo se tornado em pouco tempo o mais concorrido e o mais anti-snob de quantos festivais a França realiza anualmente, apesar do alto nível cultural de seus espetáculos. O sucesso dos festivais no Palácio dos Papas fez projetar o nome de Vilar. A imprensa francesa abria páginas para enaltecer a obra do homem que estava revolucionando os meios teatrais. A «onda» formada em torno de seu nome surtiu efeito muito antes do que se esperava e, em 1951 (como já dissemos) ele foi chamado a assumir a direção do T.N.P., no Palácio de Chaillot. Um público entusiasta acorre ao teatro (a frequência diária do T.N.P. é superior a 1 800 pessoas) dando uma média de 72% de lugares ocupados. Suas 1 451 apresentações levaram, nesses últimos cinco anos, mais de 2 milhões de espectadores aos seus espetáculos que já foram exibidos em 21 países de 3 continentes.



D. João VI (à esquerda) de uma parede, assiste, com estóica nobreza a humilhação do: «Quem dá mais?» À direita: Para não deixar sem uma patriotada cômica o leilão mais trágicamente impatriota já realizado no Brasil, os herdeiros do dr. Simoens da Silva arremataram o quepe do

UM MUSEU SE DESTRÓIA

Texto de J. RAMOS

Fotos de IRVING O'NEILL

REVISTA DA SEMANA — 54

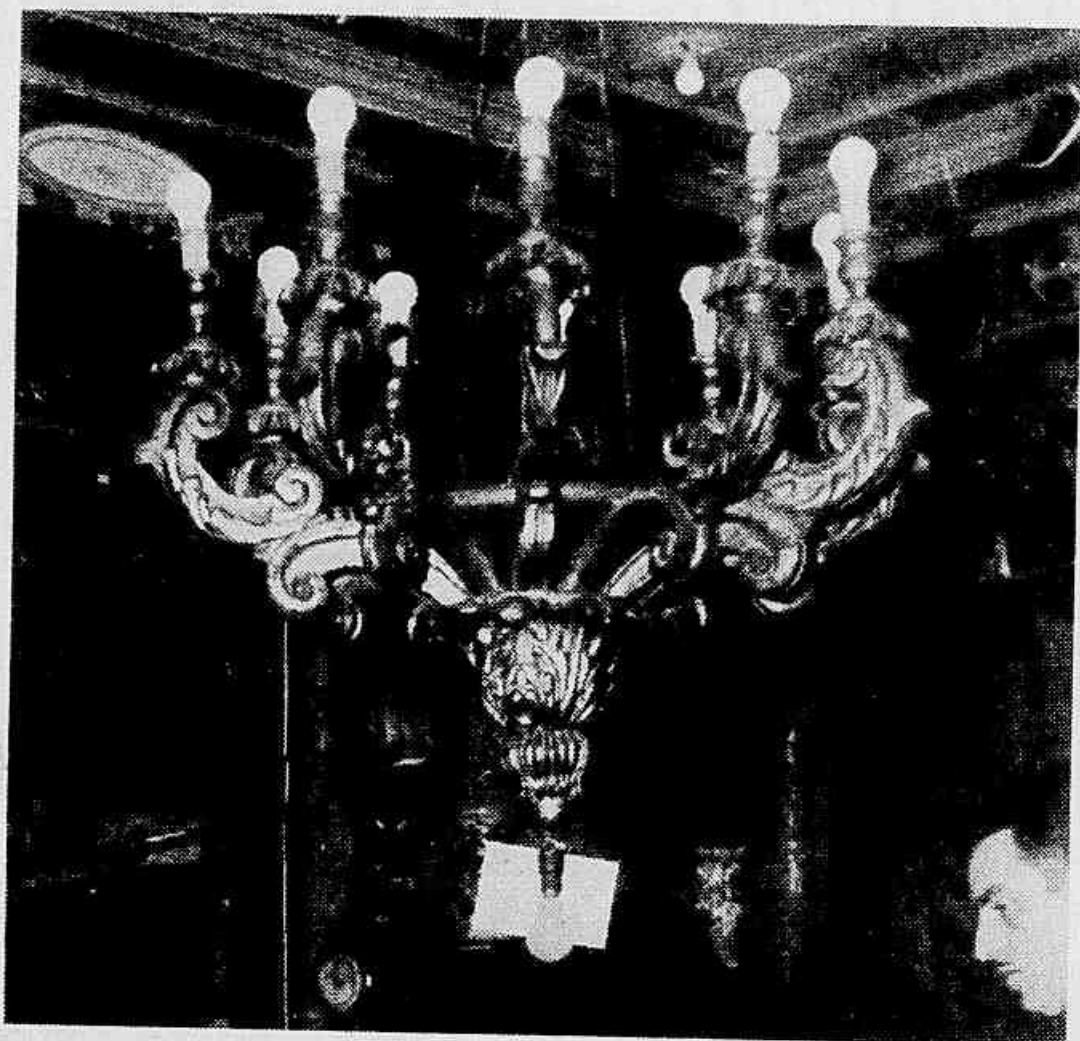


bravo general paraguaio Solano Lopes por 250 mil cruzeiras para doá-lo ao Exército brasileiro. Condição: «nunca sair do Brasil, por motivo algum.» No dia seguinte o Paraguai recebia em festas o ministro da Guerra do Brasil, numa demonstração de amizade sem rancores nem troféus.

IA MARTELO

Quepe de Solano Lopes:
troféu jacobino de
um leilão sem glória

♦ EU, LOURIVAL SIMOENS E SILVA, EM NOME DOS HERDEIROS, ARREMATO E DÔO O TROFÉU AO MUSEU DO EXÉRCITO, COM UMA CONDIÇÃO; NUNCA SAIR DO BRASIL, POR MOTIVO ALGUM



O lustre da Igreja do Rosário, que foi Sé durante 70 anos, e hoje ladeia com a «Sloper», na rua Uruguaiana, voltará para o teto antigo: preço da volta, quarenta e cinco mil cruzeiros. Comprador: a própria Igreja, na pessoa do prof. Armando Vieira.

COM tal declaração — que marcou com uma patriotada inútil o auge da série de lances da batalha inglôriamente financeira do leilão das relíquias do Museu Histórico Simoens da Silva — o filho do colecionador falecido em 1948 coroou, com um momento de «suspense» jacobino, a venda, ao correr do martelo, do quepe do general Solano Lopez, arrematando-o por 250 mil cruzeiros para doá-lo ao Museu do Exército (que não existe). Para que a benemerência teatral não ficasse sem maior publicidade, o herdeiro do velho dr. Simoens (que em vida dizia: «Odeio os dois vícios íbero-americanos — adulação aos que estão de cima e mentira») acrescentou, enfaticamente, aos repórteres presentes ao leilão, que a entrega do «troféu» só seria feita ao Ministro da Guerra, pessoalmente, naquela mesma sala do Museu. Foi isto na noite de 13 de agosto: no dia seguinte, o Ministro da Guerra, general Teixeira Lott, deveria estar exatamente na terra do general Solano Lopez, para assistir às festas do aniversário da cidade de Assunção, em nome da amizade paraguaio-brasileira, que não comporta rancores nem troféus.

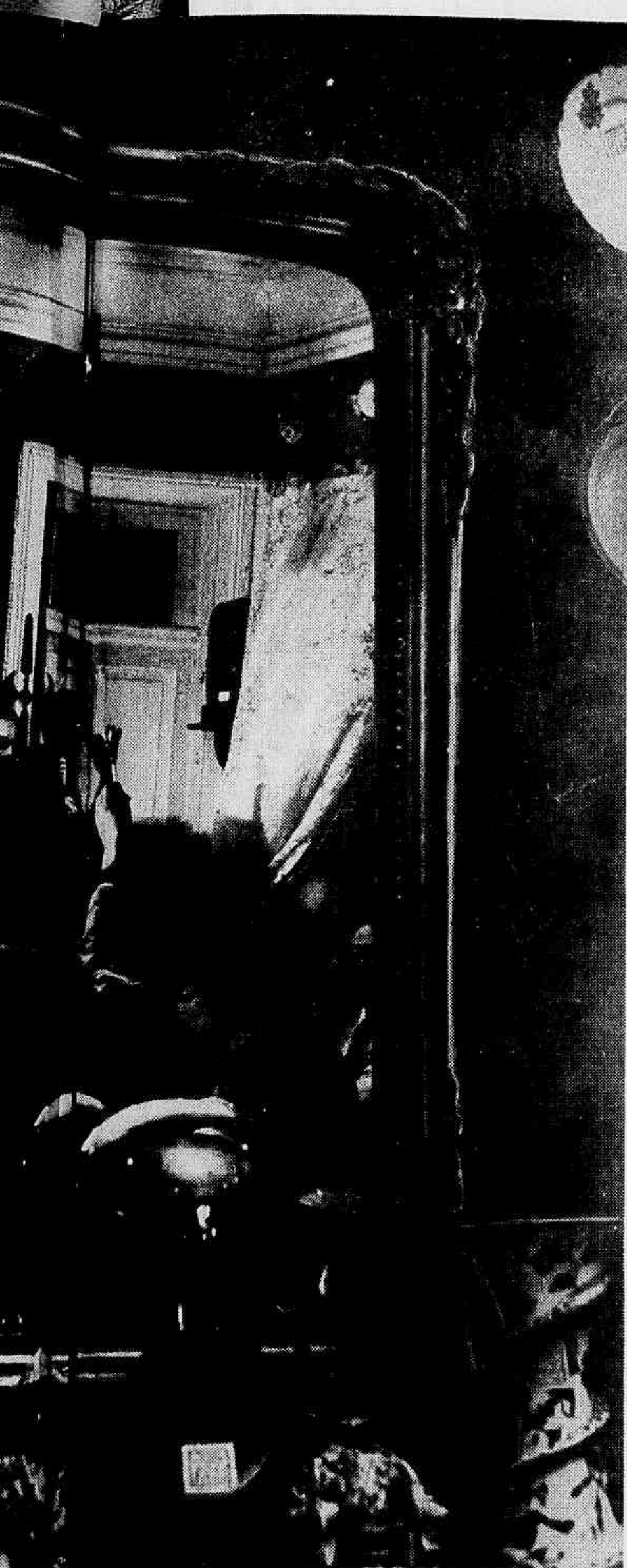
♦ **HISTÓRIA DE DECADÊNCIA** — O leilão das 2 075 peças do Museu Histórico Simoens da Silva, situado no velho casarão de estilo colonial da rua Visconde Silva, 111, em Botafogo (onde já moravam os pais do colecionador) representa o último capítulo da história de decadência de uma família que se prende ao tronco dos barões de Sorocaba, São Nicolau, Ingaí e do visconde de Castro, e exibia, entre os seus ramos, a famosa camélia que Dom Pedro I prendeu ao peito, para escândalo do Primeiro Império: a marquesa de Santos.

Donos de quase todo Botafogo, desde a rua General Polidoro até a rua São Clemente (o Desembargador Antônio Simoens da Silva comprou tudo, em 1843, por 33 contos), os membros da família do antigo veador (homem que caça nos montes) de D. Leopoldina, Boaventura Delfim Pereira, emprestam, até hoje, seus nomes à maioria das ruas do bairro, como o próprio Delfim, perpetuado na placa da rua Sorocaba, a esposa do desembargador, D. Mariana, e o desembargador mesmo, visconde Silva. Com a República, os favores advindos da mera condição de nobre de espada entraram a rarear, e a chácara passou a ser burguesmente loteada, até transformar-se em seu maior patrimônio o grande terreno com casa colonial da rua Visconde Silva, 111, onde a mania do velho dr. Antônio Carlos Simoens da Silva instalara um Museu.

(Continua na pág. 38)

Em canto sombrio de uma das salas do Museu Simoens, o antigo espelho do Teatro Lírico refletia, com a indiferença irônica dos espelhos,



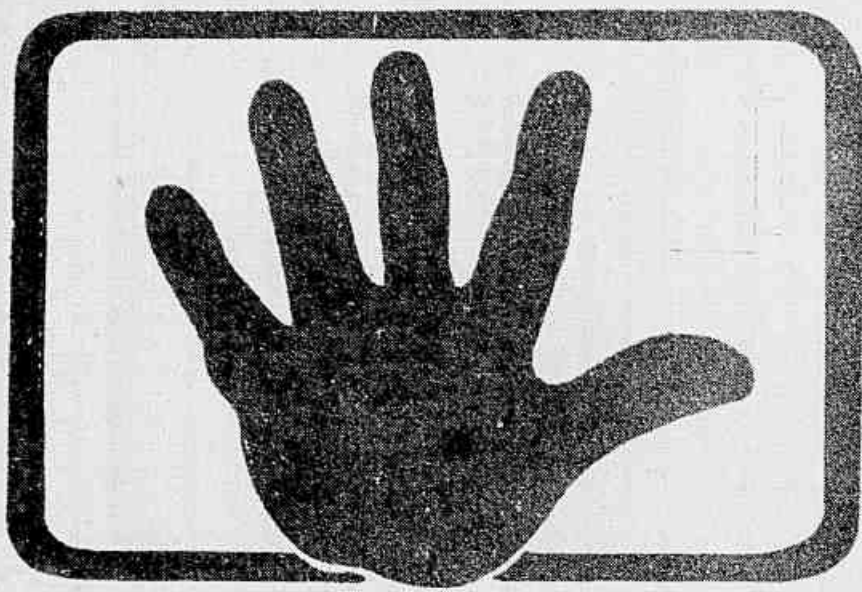


mais uma cena, com muito de teatro e nada de lírico. Do lado de fora um velho canhão foi arrematado por 26 mil cruzeiros.

O caricaturista Belmonte viu o dr. Simoens como um anjinho: os seus herdeiros também. O leilão rendeu quase 10 milhões de cruzeiros.

Na foto abaixo D. João VI, devidamente enquadrado, assiste acompanhado pelos companheiros essa impatriótica liquidação.





PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380.00 — Casal Cr\$ 520.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



"Mil" lhe oferece:



REMOVIVEL - COLOCAÇÃO FACIL

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A

52-1066 - 22-6144

RIO DE JANEIRO

PORTA MALAS
SUPER LUXO
CROMADOS-PINTADOS



SEM COMPROMISSO

(Continuação da pág. 14)



♦ **MARGARET PATROCINA NOVAS CÔRES** — Três cores novas serão lançadas, na Inglaterra, sob o patrocínio da Princesa Margaret. São elas o «rosa alegre», o «cinzento galway» e a «orquídea silvestre». O Conselho Britânico de Côres descreve a primeira como «brilhante»: aparecerá nos tecidos de lã. O cinzento «galway», azulado, ficará muito bem para as lãs e alpacas. A cor «orquídeas silvestres» poderá ser encontrada nos tecidos de seda ou algodão, assim como em outros de confecção mais ligeira.

♦ **CABO TELEFÔNICO SUBMARINO** — Pela primeira vez um cabo telefônico submarino (4 mil quilômetros) ligará o continente europeu aos Estados Unidos. Até agora só existe um cabo direto, entre a Inglaterra e a América. A nova linha, que entrará em serviço nos fins de 1959, permitirá à Europa dispor de 39 circuitos, sendo que a França e a Alemanha terão, cada uma, 13 ligações. O cabo está orçado em 40 bilhões de dólares, prevendo-se que a audição se tornará infinitamente superior ao que é hoje.

♦ **TELEGUIADO PELO AVÊSSO** — O «Bloodhound», novo teleguiado britânico, foi mostrado, em detalhes, aos jornalistas: é lançado de um avião, para um alvo mostrado pelo radar. O teleguiado corrige, automaticamente, sua rota, à medida em que o alvo se movimenta e que o movimento se reflete, através de um sistema especial de radar, sobre o foguete. Foi a primeira vez que as autoridades britânicas mostraram um teleguiado pelo avêssio.

♦ **INTELECTUAIS PERIGOSOS** — «Um perigoso grupo de velhos intelectuais burgueses» foi denunciado, na Hungria, pelo Ministro da Cultura, Gyulla Kallai. Contra eles, disse o ministro, «deve-se aplicar as leis socialistas com todo o rigor».

♦ **ENCOLHIMENTO DA ROUPA** — Um novo processo para evitar o encolhimento dos tecidos será apresentado à Exposição de Comércio da Grã-Bretanha (Helsinque, setembro) por uma firma da Irlanda do Norte. O processo, quando aplicado a entretelas e outros tecidos, evita que encolham além de dois por cento. As lonas elásticas a ele submetidas não perdem a elasticidade, depois de passadas a ferro.

♦ **HOWARD FAST «CALUNIADOR»** — Malicioso e caluniador, estes são os qualificativos agora dispensados ao escritor norte-americano Howard Fast, pelo órgão da União dos Escritores Soviéticos. Fast, afirma a «Gazeta Literária» de Moscou, «recorreu à calúnia para atacar a política exterior de nosso Governo, nossa democracia e nossa moral». Este é o primeiro ataque soviético ao romancista, desde que ele deixou as fileiras do Partido Comunista dos Estados Unidos, após a revolta húngara de outubro-novembro do ano passado. Até então, Fast era um dos escritores estrangeiros mais lidos (e oficialmente elogiados) na União Soviética, onde suas obras alcançaram tiragens de centenas de milhares de exemplares: sua última edição, pela Editora do Estado, de Moscou, alcançou, em conjunto, 240 mil exemplares.

♦ **DESCOBERTA UMA ANTIGA IGREJA ROMANA** — Na província de Laubendorf (Viena) perto de Millstadt, na Caríntia, foi descoberta, há algum tempo atrás, uma igreja cristã do período romano, que provavelmente foi destruída com a invasão dos eslavos no século VI. Alguns pedaços do altar de mármore mostram inscrições de uma tumba, provavelmente do 1º século do cristianismo, e certamente, mais tarde, foi utilizado como altar.

ALTOS E BAIXOS

PEDRO LÔBO

◇ PAI E FILHO

Para o Concurso do Dia do Papai (cada concorrente devia desenhar o seu próprio pai), um aluno da escola Henrique Dodsworth desenhou um padre de estatura gigantesca tendo a seus pés uma outra figurinha minúscula, quase invisível. A professora do menino, alarmada, perguntou-lhe:

— Ué, você é filho de padre?

Mais espantado ainda o menino respondeu:

— Não, senhora, «êle» é o menor.

Outro garôto pintou dois palhaços e escreveu em baixo: «eu e meu pai».

◇ DAS VOCAÇÕES

Nessa mesma escola, um inquérito em torno das aspirações dos alunos com respeito à profissão futura, mostrou que a maioria dos meninos quer ser chofer ou mecânico e as meninas sonham tornar-se cozinheiras e babás. Muitos dos meninos desejam ser bombeiros, e são todos eles moradores da favela da Praia do Pinto, devastada periodicamente pelo fogo.

◇ CULATRA DE NOVEMBRO

Num almôço realizado há alguns dias na casa de um deputado, reunindo vários homens de Novembro (coronéis e generais), constatou-se que não foi feliz o general Lott ao sugerir (ou concordar) com a inclusão do nome do Vice-Presidente João Goulart na lista dos agraciados com a Ordem do Mérito Militar. Dizia, na ocasião, um dos generais:

— É, o tiro de novembro saiu pela culatra.



◇ A CAPA E O PASSARINHO — O romancista Lúcio Cardoso considera o deputado Tenório Cavalcanti o último de nossos românticos.

— Com aquela capa preta esvoaçando dos ombros, aquela barba mefistofélica, o deputado Tenório é no fundo um grande romântico.

E acrescenta Lúcio Cardoso:

— Sempre desejei andar assim com uma capa preta, mas não tenho coragem sequer para sair na rua com um periquito no dedo.

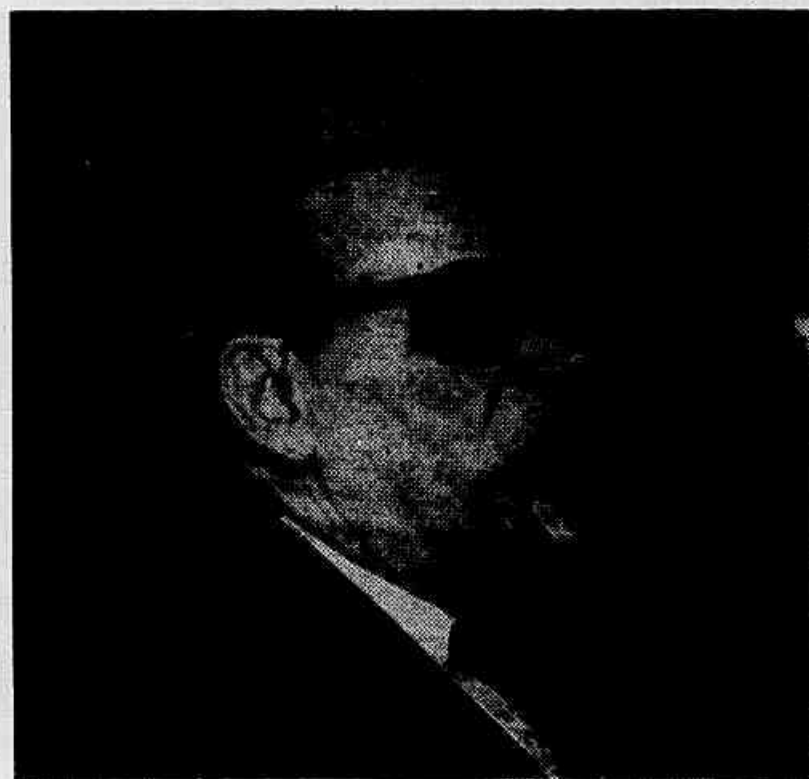
◇ RODÍZIO

Já mais de sessenta deputados federais entraram de licença, depois de comprarem o seu chevroletzinho pela famigerada «lei-cadillac». Os sessenta suplentes (a maioria dos quais não abre a boca sequer para aparte de apoio nas sessões da Câmara), já iniciaram, por sua vez a compra do seu «bel air». Também no Senado, e pelo mesmo motivo, registra-se esse desusado movimento de licenças: doze senadores já deram a vez a seus companheiros, num comovedor gesto de solidariedade para com os colegas menos votados. Por outro lado, como fiéis cumpridores da lei, mesmo os deputados e senadores que já possuem carro não deixaram de mandar buscar outro, ao dólar-legislativo. Arranjam tudo, desembaraçam os papéis e o carro passa para outras mãos sem que eles sequer o vejam.



◇ O PETRÓLEO É MEU!

Parece que o petróleo desta vez surpreendeu mesmo a Petrobrás, jorrando subitamente em Jequiá, no Estado de Alagoas. Além da sonda, nada mais havia em Jequiá que denunciase a esperança do coronel Janari. O certo é que a notícia de que o poço jorrara deixou o coronel tão agitado que ele pegou um avião e foi ver: ver para crer... Aí então que providenciou o transporte do material necessário para a cimentação e o teste, pois nem tambores havia em Jequiá. Fala-se também que o coronel Janari está querendo candidatar-se à Presidência da República, na base do «petróleo é nosso», mas o general Lott, como seu superior hierárquico e igualmente usuário do «slogan», não aprova as pretensões do coronel. Coronel, lembrai-vos do coronel Mamede!



◇ A LUTA DO LOURIVAL — Conversava o senador Lourival Fontes com um jornalista e o «papo» descambou para as reminiscências, levando o antigo diretor do DIP a fazer a seguinte confidência: «Quando garôto, eu era feio e sujeito à lua».

7 DE SETEMBRO

(Cont. da pág. 6)



BOMBEIROS (QUE O POVO APLAUDE CALOROSAMENTE) EXIBINDO SEU EQUIPAMENTO MODERNO, UM JATO DA FAB SO-



OS DRAGÕES DA INDEPENDENCIA (TAMBÉM MUITO APLAUDIDOS), OS CÃES AMESTRADOS DO EXERCITO E, CONDUZIDAS



BREVOANDO, A BAIXA ALTURA, AS FORMAÇÕES NA PRESIDENTE VARGAS E A BANDA (FAMOSA) DOS FUZILEIROS NAVAIS.



POR UMA ESCOLTA DE CAVALARIANOS, BANDEIRAS HISTÓRICAS, INCLUSIVE BANDEIRAS DO TEMPO DO IMPÉRIO.

ÚLTIMO FLASH



△ **UM ABRAÇO CRIOULO** da gauchada ao povo carioca: assim a faixa, conduzida por dois cavaleiros, apresentava, aos que assistiam o desfile militar, os gaúchos, vindos especialmente dos pampas, com seus ponchos e cavalos, para participarem das festas da Independência, no Rio. Os cariocas acharam diferente e agradeceram, com palmas, o abraço.

Sumário

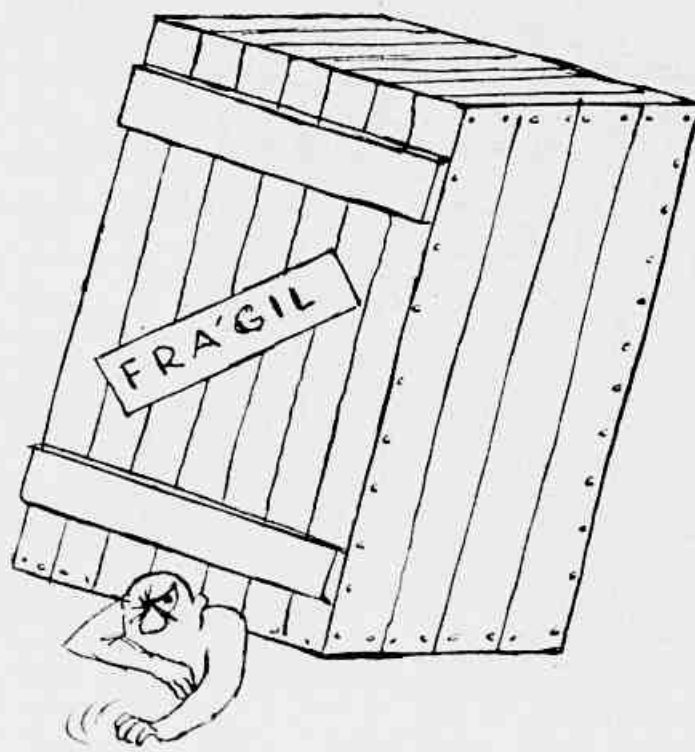
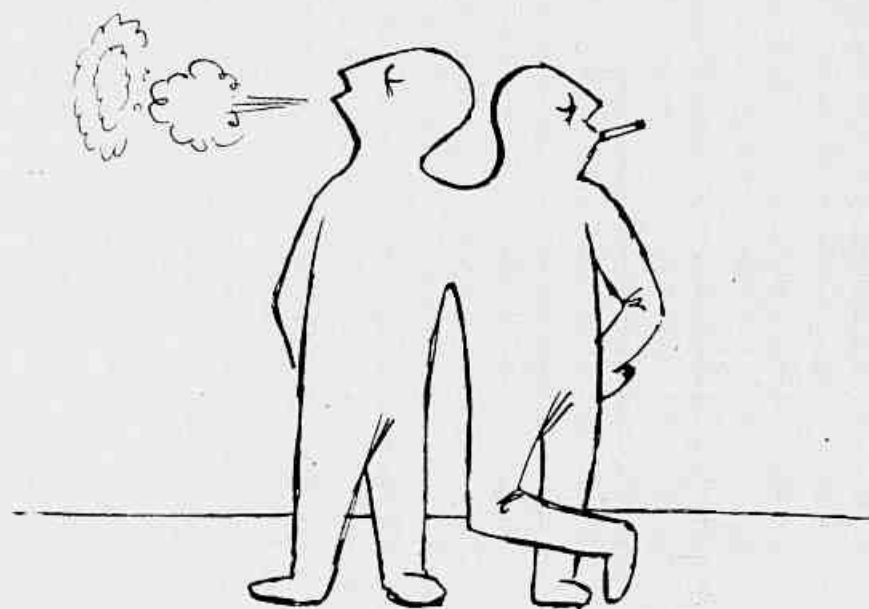
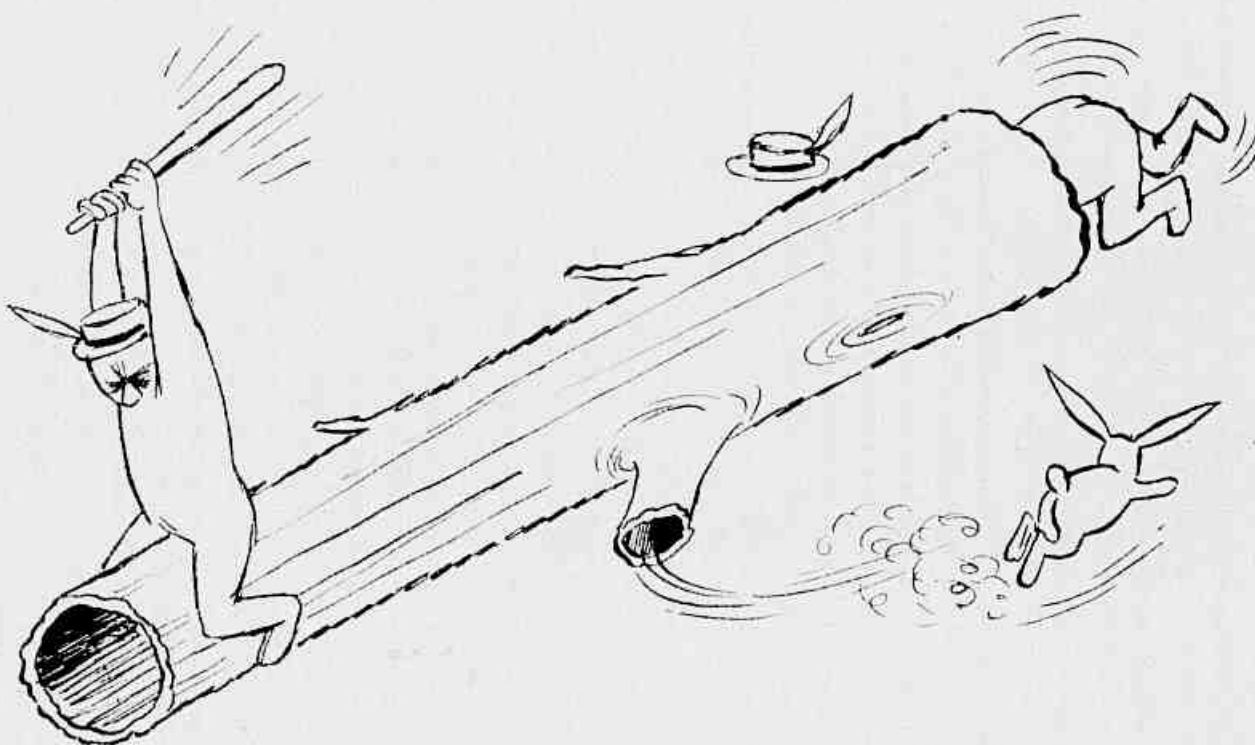
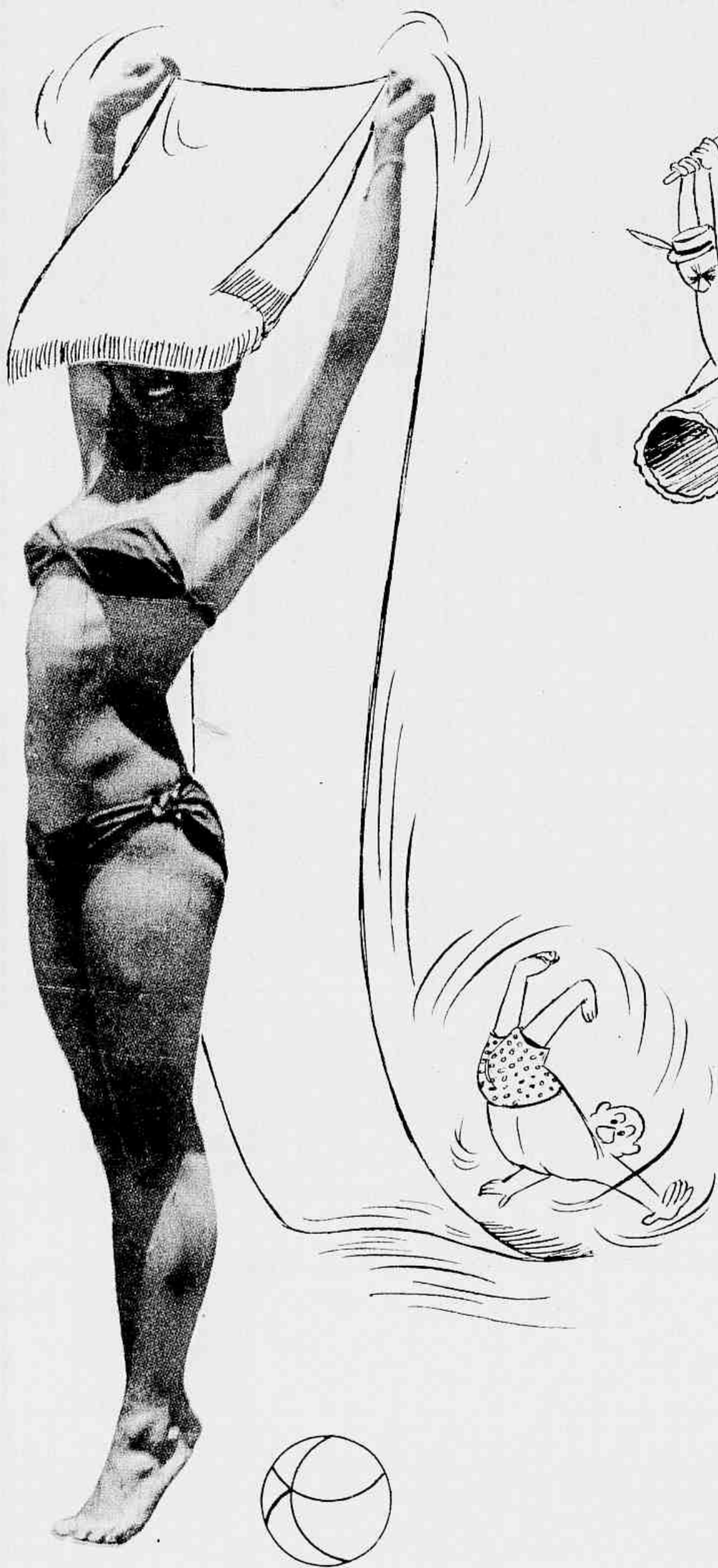
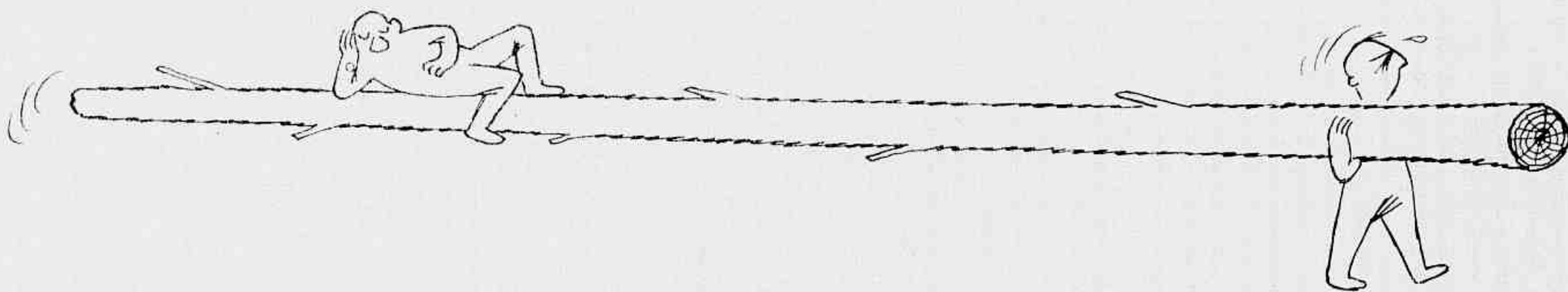
Fôrças Armadas do Brasil no 7 de Setembro	3/6 e 60/61
A Dança na África Negra	8/11
Curzio Malaparte	15/17
Padre Joseph Lé Bret no Brasil	18/19
Quatro vidas por um fio	24/25
Bumba meu boi no Rio	26/27
Tônia: Desdêmona de	30/33

Como dançar o Calypso	34/37
Christian Pineau em nove respostas	39
O Teatro Nacional Popular de Paris	51/53
Um Museu se destrói a martelo	54/57

Este número consta de 64 páginas.

◇ **CAPA** — Tônia Carrero: Desdêmona de Shakespeare, Cândida de G. B. Shaw (Ektachrome de Hélio Polito Lopes).





ALMANAQUE EU SEI TUDO

EDIÇÃO DE 1958

EM PREPARO



O FALCÃO

Ilustração do bellissimo romance «O Falcão» de Nicolas Misani que o «Almanaque Eu Sei Tudo» de 1958 publicará.

♦ Totalmente esgotada que foi a edição de 1957, está sendo confeccionado o número para o próximo ano com maior tiragem.

♦ Matéria, como sempre variada e profusamente ilustrada, interessará a tôdas as classes e aos leitores de tôdas as idades.

♦ Um romance completo, contos e artigos históricos, informações sôbre o ano, notas e curiosidades.

♦ O Almanaque "EU SEI TUDO" é um livro com mais de 300 páginas que custará ao leitor apenas Cr\$ 50,00.

♦ É uma edição da
CIA. EDITORA AMERICANA.
Rua Maranguape, 15 — Rio.